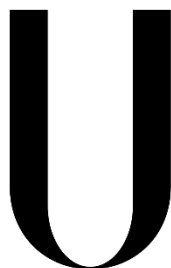


Universidade de Lisboa



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

**A importância da motivação no Ensino da História -
Contributos Práticos**

Daniela de Castro Pais Guinapo

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA 3.º CICLO DO ENSINO
BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientada pelo Professor
Doutor João Couvaneiro

2018

Dedicatória

Aos que sonham comigo...

Agradecimentos

Certa vez li que ser professor é tornar todas as outras profissões possíveis. Mas para exercer a profissão de professor contamos com o apoio e a ajuda dos amigos e da família que nos incentivam, apoiam e ajudam em cada trilha que percorremos. Como tal, e chegado o fim deste percurso universitário deixo aqui a minha gratidão às pessoas que já faziam parte da minha vida, e a outras que se juntaram nesta caminhada tão importante.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por todas as oportunidades e por me dar a força e a coragem necessária para enfrentar tantos desafios. Um muito obrigado aos meus pais, irmão e irmã, avó e padasto por serem o meu suporte, pelos conselhos dados, pela paciência, amor e carinho e pelo incentivo em prosseguir com este percurso académico. Ao meu noivo Carlos Sousa as palavras são escassas para mencionar o quanto me sinto grata por te ter comigo. Obrigada pelo teu amor, pela tua paciência, ajuda, companheirismo, incentivo, amizade, boa disposição e pelas gargalhadas dadas em momentos nada favoráveis. Obrigada por poder partilhar estes sonhos contigo e saber que sonhas comigo em qualquer circunstância. Dois serão sempre melhor do que um.

Deixo também a minha gratidão a todos os colegas de mestrado que tal como eu partilharam desta experiência. Obrigada pelo companheirismo, amizade, pelas gargalhadas e pela união vivida entre todos. No entanto, agradeço em especial a um colega que virou amigo para a vida toda. A ti, Sérgio muito obrigada! Obrigada por seres o fiel companheiro da degustação, das risadas, das viagens até à escola, dos duetos feitos no carro, das palavras partilhadas, dos incentivos e dos desabafos. Mais do que um colega, és um amigo que virou família do coração.

Agradeço a todos os amigos da NAIC Lisboa que estiveram do meu lado e sempre apoiaram esta aventura. Um agradecimento em especial à Inês Mendes e à Miriam Rosa pelo empréstimo de alguns livros fundamentais para a execução deste relatório.

Não poderia deixar de agradecer à professora cooperante Noémia Braz. Obrigada pela gentileza, carinho com o qual me acolheu. Obrigada pela sua disponibilidade, mesmo fora de horas, pela generosidade e paixão pelo ensino. Obrigada por depositar em nós confiança e incentivar-nos a crescer como pessoas e profissionais.

Um muito obrigado ao professor Miguel Monteiro e ao professor orientador João Couvaneiro pela disponibilidade, pelos ensinamentos sábios, pela exigência e pela orientação durante este percurso académico. Sem o vosso auxílio a concretização deste relatório não seria possível.

A todos aqueles que não mencionei, mas que fazem parte da minha história: Muito Obrigada!

Siglas e Abreviaturas

CTLH	Ciências e tecnologias, Línguas e Humanidades
CT	Ciências e Tecnologias
FLUL	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
IPPI/I/II/III	Iniciação à Prática Profissional I/II/III
LH	Línguas e Humanidade
UC's	Unidades Curriculares
SPN	Secretário da Propaganda Nacional
SRC	Sistema de Recompensa Cerebral

Abreviaturas

(...)	corte na citação de texto
n.º	número
p.	página
pp.	páginas
s.d.	sem data
doc.	documento

Nota: As referências bibliográficas e as citações estão de acordo com estilo APA (American Psychological Association)

Índice

Dedicatória	I
Agradecimentos	II
Siglas e Abreviaturas	IV
Índice	V
Índice de Figuras	VII
Introdução	- 8 -
Resumo	- 12 -
Abstract	- 13 -
PRIMEIRA PARTE	- 14 -
O ensino da História: Enquadramento Curricular e didático	- 14 -
Aprender e Ensinar História com motivação.....	- 15 -
Motivação e os seus componentes.....	- 18 -
Motivação, desenvolvimento e o papel do professor	- 22 -
Gerir expetativas.....	- 23 -
O efeito Pigmalião	- 24 -
O Sistema de Recompensa	- 26 -
Porque queremos alunos motivados?	- 28 -
Modelos de Aprendizagem.....	- 30 -
Jean Piaget & Vygotsky	- 31 -
Aprendizagem Significativa & Aprendizagem por Descoberta	- 34 -
SEGUNDA PARTE	- 38 -
Contexto Escolar	- 38 -
Enquadramento Territorial	- 39 -
O concelho da Moita	- 39 -
Baixa da Banheira	- 40 -
Freguesia Vale da Amoreira.....	- 41 -
A Escola Secundária da Baixa da Banheira - Caracterização / Organização	- 43 -
Caracterização da turma: 12ºLH.....	- 45 -
TERCEIRA PARTE	- 50 -
Unidade Didática: Prática de Ensino Supervisionada	- 50 -
Reuniões escolares	- 51 -
Nota Introdutória às aulas lecionadas.....	- 51 -

Descrição das aulas lecionadas.....	- 53 -
1ª Aula Lecionada: 9 de outubro de 2017	- 53 -
2ª Aula Lecionada: 10 de outubro de 2017	- 62 -
3ª Aula Lecionada: 12 de outubro de 2017	- 70 -
4ª Aula Lecionada: 30 de outubro de 2017	- 78 -
5ª Aula Lecionada: 31 de outubro de 2017	- 85 -
6ª Aula Lecionada: 2 de novembro de 2017.....	- 90 -
7ª Aula Lecionada: 30 de novembro de 2017.....	- 95 -
8ª Aula Lecionada: 5 de dezembro de 2017	- 105 -
Reflexões finais sobre as aulas lecionadas	- 112 -
Considerações Finais	- 116 -
Bibliografia / Obras Citadas.....	- 119 -

Índice de Figuras

Figura 1 - Taxonomia de Bloom. Adaptado de (Norman & Sprinthall,1990)	- 16 -
Figura 2 Estádios de Desenvolvimento Cognitivo (adaptado (Norman & Sprinthall, 1990)	- 32 -
Figura 3Quadro comparativo de teorias da aprendizagem (Adaptado) (Roque, 2012) -	33 -
Figura 4 Brasão da Freguesia.....	- 41 -
Figura 5 Pátio da entrada da escola. Palavras que caracterizam o ambiente escolar	- 44 -
Figura 6 Composição da turma em gênero	- 46 -
Figura 7 Resposta à questão “pretendes frequentar o ensino superior?”	- 49 -
Figura 8 Slide Power Point (1ªaula).....	- 55 -
Figura 9 Slide power point. Definições de conceitos chave	- 62 -
Figura 10 Compilação de obras artísticas para a realização da atividade (montagem elaborada pela mestranda).....	- 70 -
Figura 11 Realização da atividade com os alunos.	- 71 -
Figura 12 Slide em power point com um esquema síntese sobre as vanguardas artísticas. Elaborado pela mestranda.	- 72 -
Figura 13. Slide power point. Esquema síntese dos primeiros sinais de fragilidade económica	- 79 -
Figura 14 Slide power point. Síntese dos princípios e pilares do regime	- 96 -
Figura 15 Esquema elaborado com a aplicação Simple Mind. Feito em conjunto com os alunos da turma.....	- 101 -

Introdução

Nas escolas encontramos alunos que se sentem desmotivados pelos mais diversos motivos. Alguns não gostam de certas disciplinas porque as consideram difíceis, outros devido a fatores decorrentes do contexto socioeconómico, não reconhecem utilidade nas funções sociais desempenhadas pela escola. São incontáveis as evidências e os estudos que atestam que a motivação é um fator essencial à aprendizagem.

Como docentes temos o dever de colocar os alunos no centro do processo de ensino-aprendizagem, guiando-os e orientando-os na realização das tarefas, promovendo a sua motivação. Por esse motivo, as planificações deverão ser estruturadas com materiais e atividades diversificadas e enriquecedoras, tendo em conta os conteúdos e as competências a desenvolver, sem deixar de levar em linha de conta as expectativas, vivências e interesses dos alunos.

O Relatório de Prática de Ensino Supervisionada é o resultado da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional III, pertencente ao último semestre do Mestrado em Ensino de História no 3ºCiclo do Ensino Básico e Secundário, da Universidade de Lisboa. A prática profissional realizou-se na Escola Secundária da Baixa da Banheira sob orientação do Professor Doutor Miguel Monteiro e da professora cooperante Noémia Braz.

Este trabalho reflete um percurso de aprendizagem continuada dado que revela conteúdos aprendidos ao longo de todo o Mestrado, no entanto foca essencialmente o trabalho desenvolvido na Escola Secundária Baixa da Banheira durante os meses de outubro a dezembro com a turma de Humanidades do 12ºano.

Não tendo qualquer imposição por parte da professora cooperante para a escolha dos conteúdos a lecionar, os mesmos ficaram ao nosso critério, sendo apenas necessário articular a seleção com os colegas de núcleo. Acabámos por ter o privilégio de lecionar as matérias de acordo com as nossas preferências levando sempre o pensamento para as atividades que poderíamos colocar em prática de modo a motivar os alunos. Porém, queremos reforçar que apesar dos conteúdos lecionados a promoção da motivação deverá estar presente em qualquer situação de aprendizagem.

Assim sendo a escolha recaiu sobre o Módulo 7 – Crise, embates ideológicos e mutações culturais na primeira metade do século XX, com incidência na unidade 1 – Transformações das primeiras décadas do século XX e unidade 2 – o agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30. Ressalvamos que o módulo não foi dado inteiramente por nós. A professora cooperante e o colega Sérgio Figueiredo deram início ao módulo e nós demos a continuidade ao mesmo, seguindo a ordem do programa de História A.

No que concerne à escolha do tema deste relatório a mesma prendeu-se com o contexto socioeconómico e sociocultural em que a escola se insere. Como mais adiante veremos, a escola encontra-se dentro de um bairro social cuja população é oriunda de vários países e onde a capacidade socioeconómica é frágil. O ambiente leva a que as expectativas sobre o futuro, estudos académicos e inserção do mercado de trabalho sejam baixas, o que por sua vez origina taxas de absentismo escolar que são alarmantes.

Nos últimos anos, a direção escolar e o respetivo corpo docente da Escola Secundária da Baixa da Banheira têm lutado contra estas problemáticas ao procurar implementar medidas de promoção de sucesso educativo, incentivo à inserção no mercado de trabalho e de apoio social. Além destes fatores de elevada importância, existe um outro que originou a escolha do tema. A disciplina de história tem sido vista pelos alunos como algo sem importância, desinteressante e desmotivante. Alguns reconhecem que as temáticas são apelativas, mas que não são transmitidas de modo a que a aprendizagem seja efetivamente concretizada.

Abordámos os conceitos e os conteúdos da disciplina adequando-os aos conhecimentos prévios dos alunos e às suas realidades socioculturais procurando motivá-los ao mesmo tempo que transmitíamos a importância da História para os seus futuros. Tendo presente estes objetivos era nossa intenção somar a exposição dos conteúdos à realização de atividades práticas. A teoria da educação relata-nos alguns aspetos importantes que deveremos levar em consideração na planificação das nossas aulas. Conscientes das diversas teorias educacionais, colocámos em prática aquelas que mais se adequavam à turma que dispúnhamos. Com a inspiração assente em Ausubel, Bruner, Piaget e Vygotsky, procurámos em cada aula expor os conteúdos e realizar uma atividade prática de consolidação.

Relativamente à estrutura, o presente relatório está organizado em três partes: Enquadramento Teórico, Contexto Escolar e Prática de Ensino Supervisionada, que se interligam e completam.

Como enquadramento teórico desenvolvemos a temática da motivação tendo por base alguns conceitos da psicologia e do programa de História A. O nosso objetivo nesta primeira parte é responder às questões: “Como motivar os alunos para a disciplina de História?”, “Que fatores temos de ter em conta para despertar a motivação em sala de aula?” e “Como aliar a motivação à aprendizagem”. Deste modo, recorreremos a diversos especialistas da área da Psicologia para complementar as nossas reflexões sobre o tema. Conscientes que este assunto é rico em conceitos, definições e conclusões, não os abordamos por completo neste relatório por ser algo demasiado extenso. Optamos por escolher os conceitos e tópicos que estiveram presentes na nossa prática letiva aliando-as às teorias da educação sobre as quais discorremos.

A segunda parte deste relatório enquadra a escola e o seu meio geográfico. Compreendemos que conhecer o contexto histórico, as heranças culturais e o modo como o passado moldou o presente é uma mais valia para conhecer o território e a escola onde lecionámos. O nosso foco prendeu-se na resposta aos problemas económicos, sociais e culturais que envolvem a escola do Vale da Amoreira. Na conclusão deste capítulo, apresentamos as mais valias da escola, as barreiras encontradas por nós e a caracterização da turma que lecionamos.

Por fim, a terceira parte é a peça principal do nosso relatório. Ela é o reflexo prático de tudo o que foi exposto ao longo dos capítulos anteriores. Em cada aula lecionada, apresentamos ao leitor uma visão dos conteúdos lecionados e da forma como a aula foi planificada e executada. Salvaguardamos que apesar de nos termos esforçado na descrição pormenorizada, nem sempre foi possível comentarmos tudo o que aconteceu dentro da sala de aula. Por fim, apresentamos uma reflexão global das aulas destacando os momentos mais significativos que deram nome ao tema deste relatório.

Finalizamos este trabalho com as Considerações Finais que apresentam uma reflexão pessoal sobre a aprendizagem realizada não apenas ao longo do Mestrado em Ensino, mas também sobre a prática Letiva.

Os anexos que surgem no final deste volume, são testemunho de materiais que serviram de suporte às nossas aulas. Neles encontramos recursos eletrónicos,

exercícios propostos e realizados pelos alunos, vídeos/documentários e documentos explicativos do manual.

Resumo

O Relatório de Prática de Ensino Supervisionada aborda e reflete contributos práticos sob a aplicação da motivação no ensino da História. Por ser um tema vasto e complexo decidimos focar apenas alguns aspetos mais relevantes, tais como a motivação extrínseca e intrínseca, sistema de expectativas e mecanismos bioquímicos e cerebrais.

Dado o contexto socioeconómico da Escola Secundária da Baixa da Banheira, situada no Vale da Amoreira, procurámos implementar conceitos motivacionais dentro da sala de aula ao mesmo tempo que lecionamos os conteúdos científicos inseridos no Módulo 7 do programa de História A.

A expectativa revela-nos o que se espera do futuro e está muitas vezes assente em sonhos, crenças ou planos vindouros. O efeito Pigmalião é um dos exemplos aplicados a esta realidade dado que mostra como a forma como olhamos para os nossos alunos pode determinar uma aprendizagem significativa, sendo ela negativa ou positiva. Na verdade, a teoria da expectativa na motivação é uma complexa interação entre diversos sentimentos e emoções que originam uma outra teoria, a da autodeterminação que integra fatores intrínsecos e extrínsecos.

Verificámos que dentro destes fatores o incentivo à motivação dos alunos não é apenas um desafio para o professor. Ela contribui para formação de bons alunos, cidadãos conscientes e de futuros profissionais. Deste modo torna-se necessário diversificar os métodos de aprendizagem, enquanto os testamos de modo a que a aprendizagem se torne eficaz.

Palavras-chave: História Contemporânea; Motivação; Estratégias Ensino-Aprendizagem; Didática da História; Sistema de Recompensa Cerebral; Motivação Intrínseca e Extrínseca; Expectativas professor-aluno; Efeito Pigmalião

Abstract

The Report for Supervised Teaching Practices reflects practical contributions on how to apply motivation for teaching History. Since this is a vast and complex topic, we decided to focus on more relevant aspects such as extrinsic and intrinsic motivation, expectation systems, biochemical and cerebral mechanisms.

Given the social economical context of Baixa da Banheira High School located in Vale da Amoreira, we sought to implement motivational concepts in class, while at the same time lecturing scientifically content of the Module 7 of the History A program.

Expectation is a way of revealing what to expect from the future and it is often based on dreams, beliefs or future plans. Pygmalion Effect is an example of this reality since it shows us that the way we look at our students can determine their learning in a positive or negative way. Actually, theory of expectation in motivation is a complex interaction between feelings and emotions that lead to another theory which is self-determination, composed of extrinsic and intrinsic factors.

We realized that within these factors, encouraging motivation in students is not just a challenge for the teacher. It also adds to the development of better students and future professionals. As such it becomes necessary to diversify learning methods while testing them to ensure that the learning becomes more effective.

Keywords: Contemporary History; Motivation; Teaching-learning Strategies; Didactic History; Brain Reward System; Intrinsic and Extrinsic Motivation; Teacher-student expectations; Pygmalion effect

PRIMEIRA PARTE

O ensino da História: Enquadramento Curricular e didático

Aprender e Ensinar História com motivação

Em qualquer sociedade a educação desempenha um papel importante na formação do jovem indivíduo. Educar significa transformar a realidade, instruir e preparar indivíduos para assumirem um papel significativo como cidadãos. Ensinar História não é somente narrar várias epopeias, enriquecidas com grandes nomes, decorar datas e acontecimentos importantes que enaltecem a nação, que forjam a identidade e que nos fazem sentir mais ou menos integrados num passado partilhado e num futuro comum.

Ao longo de vários anos, o ensino da História tinha várias funções e propósitos (tal como hoje). Os métodos pedagógicos eram sobretudo centrados no professor que era o narrador de acontecimentos grandiosos. Na verdade, estas práticas pedagogicamente tradicionalistas, eram reflexo de uma sociedade conservadora e do seu projeto educativo. Hoje existe uma tendência para a mudança, no entanto há ainda muito a fazer.

A escola, espaço que nem todos frequentavam, assumia um papel elitista, isolada que vincava as desigualdades sociais, tal como hoje, de alguma forma, ainda se assiste.

Mesmo após os anos 1970, continuou a prevalecer métodos tradicionais (aulas expositivas, baseadas num manual, centradas no professor, com poucas atividades práticas, reservando para o aluno um papel passivo). Os contextos escolares não se adaptaram às realidades que hoje vivemos, permitindo que a insatisfação e a desmotivação, quer dos alunos quer dos professores, seja um sentimento constante (Fosnot, 1996); (Leão, 1999). No fundo este é apenas um reflexo de uma sociedade em crise, onde a desigualdade social, assimetrias económicas e diferentes oportunidades imperam ainda. Apesar da mudança dos contextos temos ainda uma escola que não se adaptou às constantes transformações que se operam na sociedade. (Verissimo, 2013)

Na obra “A Ilha Pedagógica” o professor Doutor Miguel Monteiro afirma que uma escola não pode responder às novas exigências com estruturas antiquadas em que constantemente tudo se adapta, e o mesmo se adequa à disciplina de História. Estas inadaptações, geradoras de tensões e conflitos, acabam por invadir os sentimentos e as práticas do corpo docente e por sua vez os alunos que se sentem mais desmotivados.

No que concerne à nossa disciplina, existe a percepção de uma desmotivação gradual e crescente, provavelmente porque as metodologias continuam a ser tradicionalistas não respondendo ao mundo em que os jovens vivem que exige um conjunto de competências, como o pensamento crítico, a criatividade, a cooperação, resiliência e a comunicação.

Não obstante o desenvolvimento de competências relaciona-se com os objetivos do ensino. Questões como, qual o sentido dos conteúdos do currículo? quais os objetivos que pretendemos alcançar? como transmitir determinada matéria aos alunos? que competências é que estes irão desenvolver numa aula? São interrogações que assolam qualquer professor.

Por ser uma temática complexa e sem uma resposta concreta, Benjamin Bloom desenvolveu uma taxonomia que explica os objetivos educacionais nos domínios cognitivos e afetivos revolucionando o modo como as planificações das aulas são realizadas. (Ferraz & Belhot, 2010) A finalidade é clara: descrever os objetivos da aprendizagem e traçar um caminho para os alcançar. Trata-se de um método que auxilia os docentes a especificarem metas para os seus alunos e a pensarem que procedimentos e instrumentos necessitam para que a aprendizagem seja concretizada. Dividido em seis níveis de objetivos a Taxonomia de Bloom revela-nos que cada objetivo tem um nível de avaliação associado (Ferraz & Belhot, 2010); (Norman & Sprinthall, 1990)

Figura 1 - Taxonomia de Bloom. Adaptado de (Norman & Sprinthall, 1990)



No primeiro estágio, o conhecimento o aluno é responsável pela informação. Cabe ao professor evocar questões que permitam perceber e descobrir o que é que o aluno conhece ou sabe; no estágio dois, a compreensão, os alunos deverão demonstrar aquilo que conhecem e sabem através da exposição de ideias, por exemplo. Na terceira etapa, a aplicação, os alunos deverão aplicar os conhecimentos em situações reais, por exemplo em atividades práticas que permitam a aplicabilidade de ideias sobre ma

determinada matéria; A análise, quarta etapa, requer que os alunos classifiquem ou dividam o material nas suas componentes, ou seja, o aluno deverá ser capaz de decompor a matéria e examinar os seus componentes, seja através de listas, descrições, distinções ou separação de temáticas. No penúltimo nível, a síntese tal como o nome indica requer que o aluno seja capaz de sintetizar a matéria além daquilo que é conhecido. Neste campo podem surgir novas ideias e a criatividade é estimulada. Do mesmo modo, a avaliação é o culminar de todas as etapas anteriores. O aluno deverá ser capaz de examinar, analisar, refletir, ponderar, criar ideias e evitar julgamentos não ponderados. (Ferraz & Belhot, 2010) (Norman & Sprinthall, 1990)

Mas como poderá a taxonomia de Bloom ajudar-nos a motivar os alunos? Como ensinar conteúdos e conceitos, de forma sólida, atribuindo-lhes um papel formativo sem deixar de parte a motivação?

O ensino da História deverá ser adaptado, não apenas a nível intelectual e etário, mas deverá ir ao encontro dos interesses dos discentes e ao meio em que eles se inserem. A taxonomia de Bloom permite-nos planificar cada aula mediante o conhecimento que o aluno já detém, enquanto nos leva a estabelecer metas de aprendizagem, a repensar e a criar novas formas de ensinar que permitam aos discentes atingir o alvo por nós proposto.

Alguns professores procuram novas formas de lecionar e muitos questionam-se sobre qual a forma mais eficiente de ensinar história. A verdade, é que não existem panaceias, modos mágicos, aplicáveis a todas as realidades, pois cada turma tem as suas particularidades, os seus contextos e diferentes níveis cognitivos. Para o docente nem sempre é fácil gerir estes aspetos, pois tem de cumprir programas extensos e com diversos níveis de complexidade atendendo a que o foco deverá ser sempre o mesmo: o aluno. (Lemos, 2005) (Verissimo, 2013)

Como mais a frente veremos a psicologia e as teorias cognitivas defendem que o foco deverá estar no aluno.

A História permite-nos investigar, formular hipóteses, comparar dados e factos, e como resultado, formular ideias e conclusões sobre o passado. Deste modo o aluno deverá desenvolver competências que lhe permitam saber pesquisar, selecionar e a organizar informação, usar uma linguagem adequada e clara para poder estruturar o seu pensamento, saber tratar a informação, compreender o seu tempo, espaço e

contexto e realizar tarefas de forma autónoma mas também em grupo. O papel formativo da História está em colocar à disposição do aluno os meios e as ferramentas necessárias que fomentem o espírito crítico e que permitam ao indivíduo precaver-se de todos os preconceitos ou suposições existentes.

Suscitar o interesse da história nos alunos por vezes requer de nós encontrar/criar algo com o qual os alunos se identifiquem, e muitas das vezes a solução inicial é construir uma ponte entre a escola e o contexto em que eles se inserem. Interligar o estudo da História local com os problemas atuais (Lemos, 2005) suscita interesse nos alunos e motiva-os para a restante aprendizagem. Sobre esse assunto a nossa opinião assenta sobre o que Cândida Proença refletiu:

“A tarefa de realizarmos um ensino ativo da História será facilitada se partirmos do estudo do meio. A partir das fontes locais e da História local poderemos depois, alargar o campo do nosso estudo, através de generalizações, e atingir assim os objetivos do programa (...). O documento permite desenvolver nos alunos atitudes de interrogação, de reflexão e de pesquisa, pressupostos pedagógicos, que favorecem a utilização de técnicas como o trabalho de grupo que permite criar um tipo de relações na escola” (Proença, 1992, p 116)

Como mais adiante veremos a motivação pode ser aplicada de diversas formas e inerente a ela existem diversas teorias educacionais e componentes que sustentam a tese de que a motivação é fundamental para garantir uma aprendizagem significativa. Um discurso intencional em sala de aula, a promoção de atividades dinâmicas que estimulam a proatividade e a autonomia dos alunos, o estabelecimento de objetivos concretos e claros contribuem para uma boa gestão da sala de aula e por sua vez a uma aprendizagem eficaz, onde os alunos e o professor se encontram motivados. (Veiga, Caldeira, & Melo, 2013) (Veiga J. A., 2004)

Motivação e os seus componentes

A motivação tem sido das temáticas mais trabalhadas na área da psicologia uma vez que permite compreender o comportamento dos indivíduos perante as mais variadas situações, e em certos casos chega a prescrever tratamentos psicológicos com o intuito

de melhorar o comportamento do indivíduo. É por isso que a motivação envolve vários fenômenos emocionais, biológicos e sociais que são responsáveis por iniciar, direcionar e manter os comportamentos com o fim de alcançar os objetivos aos quais o indivíduo se determina a alcançar. Por ser um tema extenso e vasto, considerámo solene destacar a motivação em ambiente escolar.

Quando aplicada ao contexto escolar, compreende-se que a motivação ganha uma nova relevância. Segundo as teorias explicativas, é essencial que o aluno esteja motivado a fim de canalizar a sua energia para uma determinada tarefa, enquanto ganha confiança em si próprio e no trabalho realizado. (Lemos, 2005) De acordo com a Psicologia Educacional, a motivação nunca atua sozinha dado que necessita da componente da aprendizagem e da percepção. Deste modo torna-se necessário construir ambientes de aprendizagem favoráveis à produtividade (Veiga, Caldeira, & Melo, 2013) e que promovam o interesse pela tarefa a desempenhar, porém a pouca experiência letiva, o currículo extenso, os elementos distractores e tantos outros fatores são entraves à motivação nos alunos, e inclusivamente nos professores. (Veiga J. A., 2004)

Segundo os especialistas da psicologia motivacional, a motivação apresenta a necessidade e o impulso como principais vetores para a concretização de algo. As necessidades revelam o défice no indivíduo, sejam elas psicológicas ou fisiológicas. (H.Veiga, s.d) As primeiras, tornam-se poderosas, mas são mais difíceis de identificar, como por exemplo, a necessidade de aprovação ou de prestígio; quanto às necessidades fisiológicas estão interligadas com necessidades básicas do próprio corpo. Seguidamente, as necessidades traduzem-se em impulsos que obrigam a algum tipo de movimento, que pode orientar ou afastar de uma meta. (Norman & Sprinthall, 1990)

Abraham Maslow, psicólogo especialista na motivação, defendia uma hierarquia de necessidades que caracterizavam o ser humano, mas também deixou claro que “esta hierarquia não implica que todos os seres humanos alcancem um sucesso global da satisfação de todas essas necessidades” (Norman & Sprinthall, 1990, p 507) uma vez que depende do indivíduo, das suas motivações intrínsecas, dos motivos adquiridos, da necessidade de aprovação ou da sua conceção de sucesso/fracasso. Outra componente da motivação é a realização para o sucesso. “Embora provavelmente a sua origem resida nas necessidades fisiológicas ou pelo menos, na associação com a

necessidade de aprovação, o motivo de realização pode tornar-se autónomo” (Norman & Sprinthall, 1990, p509)

Relativamente à motivação extrínseca e intrínseca, podemos encontrar vários exemplos de que como aplicá-la em sala de aula ao mesmo tempo que é possível conjugar com a conceção de sucesso/fracasso (Bzuneck, s.d).

Está intrínseco no ser humano a satisfação pela realização de sonhos, planos ou projetos. É uma necessidade que está presente e que pode variar consoante as experiências que cada indivíduo tenha da sua infância, do ambiente em que se insere, ou até mesmo da sua personalidade. “Se, numa determinada situação, a necessidade de obter o sucesso é maior do que a necessidade de evitar o fracasso, então a motivação daí resultante será a de correr riscos, aceitar desafios; no caso contrário, a pessoa tende a empenhar-se apenas nas tarefas que não conduzam ao fracasso.” (H.Veiga, s.d)

Falar de motivos intrínsecos é falar de satisfações internas, realizações ou sonhos do indivíduo; motivação extrínseca implica que exista algo externo ao indivíduo que lhe suscite interesse por determinada tarefa.

Jerome Bruner defendia que uma aprendizagem eficaz é aquela que se baseia na motivação intrínseca, contudo não deixa de parte a motivação extrínseca pois pode ser necessária para obrigar o aluno a iniciar certas atividades ou para começar e ativar o processo de aprendizagem (Norman & Sprinthall, 1990). Quando ativada a motivação intrínseca, a aprendizagem é concretizada com eficácia e o indivíduo procurará realizar tarefas que lhe sejam mais desafiantes. Não obstante, não é suficiente construir uma aprendizagem baseada na motivação que está intrínseca no indivíduo, ou apenas construir fatores externos aliantes para despertar o interesse nos alunos. O intuito é conjugar estes dois tipos de motivação, nunca esquecendo que existem outros fatores a ter em conta.

Tal como referido anteriormente, a motivação do indivíduo depende dos seus interesses pessoais, dos seus sonhos ou projetos, mas também da sua noção de sucesso/fracasso. (Bzuneck, s.d)Em ambiente escolar a motivação para obter sucesso deve ser maior que a motivação para evitar o fracasso na medida em que os alunos se sentem atraídos a realizar tarefas e a resolver problemas de dificuldade moderada mantendo o foco no sucesso. Quando sucede o oposto, os alunos sentem-se intimidados pelo fracasso e por isso optam por tarefas que sejam de fácil resolução a

fim de obter algum sucesso. (H.Veiga, s.d) São por estes motivos, e não só, que um professor deverá ter em conta quando planifica uma aula pois a sua preparação vai de encontro aos interesses dos alunos. Mais a frente falaremos sobre o papel do professor na motivação dos alunos.

Contudo, e ainda dentro da temática do sucesso e fracasso é necessário destacar a teoria defendida por Weiner. O psicólogo afirma que todo o indivíduo procura justificar o seu sucesso ou fracasso com base nas suas crenças. Os psicólogos e especialistas definem esta justificação como crenças metacognitivas. (H.Veiga, s.d) Estas podem ser agrupadas em três grupos: internas/externas; estáveis/instáveis; controláveis/incontroláveis.

No que respeita ao primeiro grupo encontramos o locus de controlo. Este interliga-se com a noção de sucesso/fracasso, autoconfiança ou a baixa autoestima que o indivíduo tem de si traduzindo-se em sentimentos de gratidão, orgulho, culpa ou irritação, aumentando ou diminuindo o rendimento escolar. “A pior situação ocorre quando o aluno atribui os seus fracassos a causas internas, estáveis e incontroláveis. o aluno mostra-se apático e resignado pode até ter capacidades superiores à média (para a matemática, as ciências...), mas atua em conformidade com a crença acerca da falta de capacidades em si próprio” (H.Veiga, s.d) (Veiga J. A., 2004)

No segundo grupo, a estabilidade/instabilidade está interligada com as expetativas que o aluno tem do seu futuro. Por exemplo, um aluno que estudou muito para um teste e teve boa nota, crê que foi graças ao seu estudo que atingiu o sucesso; mas um aluno que obteve uma má nota pode atribuir a “culpa” ao teste que era demasiado difícil ou à sua falta de capacidade. (Bzuneck, s.d) (H.Veiga, s.d) (Norman & Sprinthall, 1990) É neste aspeto que se finaliza este grupo metacognitivo: o controlável/incontrolável. Tendo em conta todas as dimensões referidas em cima, os sentimentos e expetativas do indivíduo determinam a sua posição face às dificuldades e face ao sucesso. Mais uma vez destaca-se a elevada importância que o professor detém em levar os alunos a acreditarem nas suas capacidades com o dever de dar a estes a experiência de ser bem-sucedido nas tarefas. Mais a frente veremos este tópico abordado com mais detalhe.

De acordo com a psicologia existe outra componente importante na motivação: comportamento social. As necessidades pessoais dos alunos, os seus interesses ou atributos encontram-se refletidos em comportamentos que são transpostos para a sala

de aula. Como referido anteriormente, Maslow defende que a teoria das necessidades é baseada em experiências passadas que determinam a motivação do aluno em algo (H.Veiga, s.d) (Norman & Sprinthall, 1990).

É frequente os professores justificarem o mau desempenho dos alunos devido aos seus problemas passados, no entanto esta teoria mostra-nos que apesar dos “traumas” o professor deverá perceber que não pode mudar o passado do aluno, mas pode contribuir para o seu presente e futuro, com vista a ultrapassar todas as resistências que o discente tenha.

Motivação, desenvolvimento e o papel do professor

Aplicar a motivação em sala de aula implica ter em linha de conta a idade dos alunos e o seu estágio. Os interesses de uma criança que frequente o ensino primário não serão iguais a um jovem adolescente do 3º ciclo, o que exige que o professor entenda que é fundamental diversificar os motivadores extrínsecos juntamente com a procura do material que é intrinsecamente motivante (Norman & Sprinthall, 1990). A finalidade é captar a atenção do aluno e aumentar o seu tempo de concentração numa determinada atividade.

Apesar de poder ser aplicada a qualquer disciplina, o caso da História carece a implementação de métodos mais ativos pois “o ensino da História exige que o professor procure implementar um tipo de ensino mais motivante, mas no qual o aluno é responsabilizado pela construção do saber, sobretudo hoje em dia, que o seu papel passa pela seleção de saberes de modo a que os alunos adquiram determinadas competências” (Monteiro M. C., 2003)

Mais adiante abordaremos o papel do professor com maior detalhe, mas no que concerne a esta questão do desenvolvimento da motivação é necessário perceber que o docente tem um papel particular.

Além da família, somente o professor dispõe de muito tempo para observar uma criança ou um jovem durante muitas horas, e isso permite-lhe ter conhecimento de como é que o aluno se relaciona com pessoas da sua idade ou mais velhas que ela, quais são as suas frustrações, os seus sonhos ou quais são as suas reações perante as

diversas situações do dia-a-dia. O professor acaba por adquirir um papel de educador e psicólogo que influencia positiva ou negativamente a vida de um aluno ao contribuir com o desenvolvimento da sua motivação. Segundo Ovide Declory para a aquisição de conhecimentos é importante o contributo aluno/meio. A função do professor é fundamental ao nível da motivação de modo a promover no aluno um constante interesse pela aprendizagem (Monteiro M. C., 2003)

Além da função de conselheiro, psicólogo, pedagogo ou investigador, o professor é um facilitador da aprendizagem que não centra em si a fonte de conhecimento, nem favorece o uso da memorização de conteúdos. Antes promove o conhecimento, as competências fundamentais relacionando a escola com o meio onde o aluno se insere. Além disso, o professor investe no futuro do aluno ao procurar dar as informações necessárias, atendendo-o sempre que possível de modo individualizado.

Gerir expetativas

Como referido nos pontos anteriores, a motivação faz parte do ser humano o que gera outro sentimento: a expetativa. A expetativa revela-nos o que se espera do futuro e está muitas vezes assente em sonhos, crenças ou planos futuros originando uma esperança de que algo melhor acontecerá.

No âmbito da educação, a expetativa é também um fator determinante para a motivação. Quando utilizada de modo negativo ou errado, a expetativa poderá determinar o sucesso/fracasso ou a motivação/desmotivação em qualquer disciplina ou tarefa.

Na verdade, a teoria da expetativa na motivação é uma complexa interação entre diversos sentimentos e emoções que originam uma outra teoria, a da autodeterminação que integra fatores intrínsecos e extrínsecos. (Bzuneck, s.d) A autodeterminação incorpora aspetos psicológicos, socioculturais, competências e relacionamentos interpessoais, (Stirling, 2014) que se traduzem em motivações positivas e em relacionamentos saudáveis.

Todavia, a expetativa no aluno pode alterar muito o seu desempenho. Quanto mais se espera das pessoas mais elas podem melhorar a sua performance. Num artigo

publicado em 2014 por Ulrich Boser, Megan Wilhelm, and Robert Hanna cujo título é *The Power of the Pygmalion Effect Teachers Expectations Strongly Predict College Completion*, podemos assistir a vários estudos realizados nos EUA que correspondem exatamente a este fenómeno: a gestão das expectativas educacionais que é traduzido num conceito: o efeito Pigmalião. (Ulrich Boser, 2014)

O efeito Pigmalião

O mito de Pigmalião é um exemplo clássico de que os desejos e as expectativas colocadas em algo podem resultar em frutos.

Surgiu com o título da famosa obra de Rosenthal e Jacobson: *Pygmalion in the classroom*. Tal como com Pigmalião que se apaixonou pela sua obra (Galateia), também o professor, à semelhança de Pigmalião, apaixonando-se pela obra que vai criando (os alunos), dar-lhes-á vida, ou seja, alimentando expectativas positivas quanto aos alunos, fá-los-á render mais intelectualmente. (Leal, 2007, pp 54,55)

Mais do que afirmar que os comportamentos humanos são previsíveis, o intuito é compreender que uma expectativa pode transformar-se numa realidade.

Apesar de ser um mito, este efeito mítico de Pigmalião existe uma grande lição a transportar para dentro da sala de aula. Quando os docentes têm uma expectativa em relação aos seus alunos, espera-se que a crença reverta em favor dos mesmos na medida em que o professor tenderá a agir no sentido de promover a motivação dos alunos, o que contribuirá para ajudá-los a obter um melhor e maior desenvolvimento de capacidades intelectuais (Leal, 2007)

No inverso, as crenças dos professores podem não ser favoráveis em relação aos alunos permitindo por vezes que a expectativa seja baixa. “Um dos problemas gerados pelas crenças dos professores é o chamado efeito halo, uma espécie de auréola, de energia positiva ou negativa, que serve para identificar o indivíduo, atribuindo-se-lhe, automaticamente, determinadas qualidades em função da auréola que o rodeia. Afirmam os autores que “quando se sabe ou se acredita em certas coisas dum aluno, outras, verdadeiras ou falsas estão implícitas” (Leal, 2007,p54)

Para justificar estas teorias têm sido desenvolvidas várias experiências que permitem determinar que a relação entre professor-aluno no âmbito do efeito Pigmalião ocorre em três fases. Numa primeira fase o professor encara o aluno e tem uma expectativa sobre ele; numa segunda fase o professor age de acordo com as suas expectativas; por último os alunos reagem às expectativas dos alunos, no entanto isto não significa que a expectativa esteja de acordo com o que o professor criou. Tomemos por exemplo um estudo feito pelo Centro Nacional de Educação dos EUA entre 2002 e 2012. Durante dez anos foram estudados casos de professores que tinham determinadas expectativas para os seus alunos no que respeitava à entrada na universidade. Comprovou-se que quanto mais expectativa o professor colocava no aluno, mais probabilidades existiam deste ingressar no mundo académico. Porém denotou-se que professores com expectativas mais reduzidas tendencialmente ensinavam para estudantes desfavorecidos. (Ulrich Boser, 2014)

Contudo, a expectativa não assenta apenas no professor. O estudo em questão revelou que quanto mais expectativa o aluno do ensino secundário tem em relação ao mundo universitário, mais propenso é de ingressar no mesmo. Por isso deposita toda a sua expectativa, motivação e energia na concretização das tarefas propostas em escola, dando o seu melhor para atingir o seu objetivo (Ulrich Boser, 2014). Esta interação de expectativas professor/aluno nem sempre originam resultados a curto prazo. Um estudo realizado na Holanda revela que as expectativas colocadas sobre um aluno do ensino primário podem gerar resultados apenas durante o ensino secundário. (Ulrich Boser, 2014)

Mas, as expectativas colocadas sobre o aluno não dependem apenas do professor. Consideramos que os encarregados de educação desempenham uma função importante na criação de expectativas. Um encarregado de educação que incentive o seu educando a empenhar-se nas tarefas escolares, que promove a criação de metas pessoais e profissionais, incute no aluno uma expectativa de autorrealização, motiva-o a ser cada vez melhor com o passar do tempo. Em muitos casos, a motivação intrínseca, a necessidade de autonomia, competência e relacionamento estão ligadas com a família do aluno. cremos que independente do grupo social em questão, os encarregados de educação contribuem para o sucesso escolar e para a motivação dos educandos.

O Sistema de Recompensa

Compreender o que motiva um indivíduo chega a ser complexo por estar associado a diversas áreas do conhecimento. No âmbito da nossa dissertação compreendemos que à primeira vista, a motivação deverá surgir de uma relação entre professor-aluno, onde ambos desempenham individualmente um papel importante no desenvolvimento deste conceito. Porém, esta relação vai além de uma idealização uma vez que para ser compreendida é preciso conhecer, ainda que pouco, o que a neurociência diz sobre a forma como o cérebro trabalha quando é estimulado para a aprendizagem através do prazer de aprender.

Num ensaio sobre o Sistema de Recompensa do Cérebro¹ (SRC) a Professora Adriana Angelim Rossa afirma que “A capacidade motivacional para explorar, observar, experimentar e conhecer, faz parte de um conjunto de circuitos e estruturas neuronais desenvolvidos ao longo da evolução das espécies que regulam a busca e obtenção de recompensas no ambiente. Buscar recompensas faz parte de uma programação de nosso cérebro; somos movidos, ou melhor, motivados a sentir uma sensação interna de bem-estar e de prazer”. (Rossa, 2012,p5) No ensino não é diferente.

O trabalho para alcançar o sucesso acadêmico, as boas notas, estar no quadro de honra da escola, participar de um concurso literário ou de um torneio inter-turmas, permite ao aluno uma sensação de prazer, bem-estar e realização. O prazer é o somatório do empenho do aluno ao mesmo tempo que é a recompensa pelo seu esforço.

“Ativar o SRC significa mapear o meio ambiente para encontrar satisfação em qualquer situação ou atividade que forneça prazer. O sistema é caracterizado por seus componentes centrais (núcleo acumbente, área tegmentar ventral e córtex pré-frontal) e seu envolvimento com o sistema límbico (associado às emoções) e com os principais centros responsáveis pela memória (amígdala e hipocampo) (Rossa, 2012,p7)” afirma Andriana Rossa.

Isto permite-nos saber que após existir um momento de prazer o córtex-cerebral liberta uma hormona denominada de dopamina que é uma neuro-hormona responsável pela

¹ Disponível em Rossa,A.A.(2012). O Sistema de Recompensa do cérebro humano. Revista textual, 4-11. Obtido em https://issuu.com/sinprors/docs/sinpro_revista_textual_web

motivação, pelo humor e cognição. Quanto mais sensação de prazer existir no nosso cérebro, melhor é o nosso desempenho nas funções ou tarefas que nos são atribuídas. Porém, esta hormona tem a particularidade de dar prazer imitado, enquanto exerce uma função importante na memória. Recordar uma experiência gratificante do passado pode ser um incentivo para o futuro.

Interligando com o propósito central da nossa temática, um professor carismático, que se esforce por conhecer os seus alunos facilmente ativa o SRC nos seus alunos. Existem estudos diversificados sobre os efeitos da ativação do SRC nas turmas, e destes estudos podemos concluir que estimular a dopamina é promover a motivação nos alunos. As tarefas em grupo, um elogio por parte do professor, uma boa nota num trabalho ou num teste de avaliação ativam o SRC dos alunos, e conseqüentemente motiva-os a elevar a fasquia para algo superior àquilo que conseguiram.

Em determinados casos, a libertação da dopamina chega a alterar comportamentos favorecendo o indivíduo. Mais adiante falaremos da importância do feedback no processo ensino-aprendizagem, mas podemos adiantar que por vezes é necessário o professor adequar uma tarefa para um aluno com mais dificuldades, a fim que este consiga concretizá-la para poder experimentar o que é o sucesso e o prazer na aprendizagem. Quando isto acontece, o professor estimulou o SRC e resultou em motivação. (Lemos, 2005); (Rossa, 2012); (Verissimo, 2013)

Neste âmbito é também necessário o docente compreender que em cada faixa etária a ativação do SRC varia. Ativar o SRC numa criança do pré-escolar, não é o mesmo que ativar num adolescente, da mesma forma que varia para um adulto. (Rossa, 2012)

Apesar de parecer utópico, proporcionar um crescimento intelectual e cívico aos nossos alunos permite-nos ter a certeza que estamos a contribuir para uma excelente estrutura cerebral, que será tida em linha de conta durante toda a vida no quotidiano do aluno. A escola tem o dever e a função de ser um lugar de aprendizagem, com regras, deveres, direitos e onde se estimula a satisfação por fazer algo. Ter consciência de como funciona o nosso cérebro durante a aprendizagem permite-nos ter ferramentas para melhorar os locais de ensino, para estimular a cooperação entre professores num trabalho comum de dar satisfação aos alunos, e promover neles o gosto pelo conhecimento. Experiências vividas entre professores-alunos ficam guardadas na memória por uma vida inteira.

Porque queremos alunos motivados?

A maioria dos alunos reconhece que a disciplina de História é importante para compreender a atualidade, mas aponta que é uma disciplina aborrecida que carece de muito estudo. Muitos deles, estudam apenas para um teste e não chegam a compreender verdadeiramente a importância dos conteúdos, acabando por esquecê-los.

Existe a outra face da moeda que revela a desmotivação e o desinteresse dos alunos pelas aulas. Alguns revelam interesse nas matérias, mas as aulas são autênticos sacrifícios pois não existem nada que lhes desperte o interesse. Então o que são alunos motivados?

Consideramos que alunos motivados são aqueles que revelam interesse, mostram a sua curiosidade, são esforçados e são entusiastas. (Lemos, 2005)

Pode-se concluir que a motivação é um catalisador de comportamentos que favorecem o aluno a curto e a longo prazo. Na obra organizada por Joaquim Machado e José Matias Alves existe uma metáfora que revela a importância de motivarmos os nossos alunos tendo em conta a sua personalidade, interesses e sonhos:

“Se considerarmos que cada aluno é um carro, encontraremos seguramente diferentes tipos de carros, com diferentes tipos de competências e habilidades. Mas independentemente dessas diferenças, será necessária gasolina para colocar todos estes tipos de carros em funcionamento. Podemos ter um carro topo de gama que não anda, não porque não é capaz, mas porque não tem gasolina (motivação) suficiente. Da mesma forma, podemos ter carros mais fracos, que com o depósito cheio de gasolina acabam por chegar mais longe. Enquanto os alunos não conseguirem encher o seu próprio depósito motivacional, os professores são e serão sempre os principais gasoleiros”. (Verissimo, 2013, p74)

Apesar da motivação não estar explicitamente descrita no programa de História A sabemos que esta poderá servir de engrenagem para a aprendizagem dos conteúdos científicos. No programa de História A podemos analisar que as sugestões metodológicas gerais indicam para que os alunos atinjam os objetivos propostos e

venham a evidenciar as competências consideradas desejáveis, toda uma variedade de recursos e de atividades poderá ser mobilizada pelo professor, no sentido de:

- Incentivar e orientar a pesquisa individual em suportes diversos, dentro e fora da sala de aula;
- Estimular a organização e a recolha de dados recorrendo, nomeadamente, às novas tecnologias;
- Promover contactos, devidamente programados, com a realidade envolvente;
- Programar a realização de tarefas que estimulem capacidades de intervenção crítica e de fruição estética;
- Proporcionar condições para a participação dos alunos em atividades que exijam tomadas de posição de carácter ético. (Programa de História A)

Em suma, promover a motivação nos alunos não só é um desafio para o professor, como pode contribuir para formação de bons alunos e de futuros profissionais.

Ao professor cabe a responsabilidade de suscitar e promover a motivação em contexto escolar pois é através dela que os alunos evoluem e adquirem expectativas quanto ao futuro. Como docentes precisamos de perceber que os alunos são diferentes, e que por isso existe a necessidade de diversificar os métodos de aprendizagem, testando-os a fim de descobrirmos qual método mais eficiente a aplicarmos na turma que está diante de nós. Isto leva-nos a outro ponto: a relação entre professor-aluno.

Quanto melhor o professor conhecer os seus alunos e estabelecer uma relação de proximidade com eles, mais facilmente encontrará algo que os motive. Todavia, há que ter a noção que não basta apenas suscitar o interesse nos alunos. É necessário que o professor cativete a atenção da turma, estabeleça com clareza os objetivos das aprendizagens e dê feedback dos seus progressos.

Modelos de Aprendizagem

Desde os primórdios da história que o homem procura encontrar uma explicação para a aprendizagem. A acumulação do conhecimento originou algumas teorias que testavam a natureza do processo de aprendizagem.

Segundo os especialistas, uma nova teoria da aprendizagem só é largamente aplicada na escola após 25 a 75 anos do seu aparecimento. (L.Bigge, 1977) Isto leva-nos a crer que à medida que vão surgindo novas teorias coloca-se em causa todas as outras que já estão implementadas.

De natureza muitas vezes contraditória, os professores acabaram por defender que o melhor método é ensinar tal como tinham sido ensinados enquanto jovens, utilizando apenas métodos expositivos, por exemplo. Sendo equívoca a existência de um razoável conservadorismo na cultura escolar.

No entanto verifica-se que ensinar não é assim tão simples. A diversidade de disciplinas, os desafios que a própria sociedade cria e o valor da vida quotidiana em constante mutação faz com que a escola e os professores tomem consciência de que os modelos de aprendizagem são falíveis.

A conceção da Escola Nova originou uma revolução e contribuição no sistema de ensino ao trazer uma nova ideologia do papel da escola e da orientação do ensino. A escola passou a ser vista não apenas como um compromisso obrigatório, mas sim como um local de aprendizagem teórico e prático que preparava os alunos para um futuro em sociedade. Surge um novo conceito para definir o modelo de aprendizagem: o construtivismo. Não se trata de uma técnica ou método, mas sim uma ideia de algo que está em constante construção, é centrada no indivíduo (Leão, 1999) e é influenciada pelo meio social e cultural onde está inserido.

Esta abordagem construtivista cria uma relação de conhecimentos que o aluno já tem com os novos conhecimentos transmitidos. Através de uma atividade reflexiva, e com a exigência das situações que enfrenta, o indivíduo adapta-se, constrói ou adapta os seus conhecimentos as novas aprendizagens. (Marques, 2017)

Concluimos que estamos perante uma perspectiva cuja influência social e cultural pode determinar o sucesso na aprendizagem. No entanto é importante haver consciência que a motivação, e por sua vez, o sucesso na aprendizagem, não se prende exclusivamente com os conteúdos, mas sim com forma como eles são transmitidos ou apresentados.

Como docentes temos o dever de promover o conhecimento e desenvolver competências nos nossos alunos que estão inerentes aos programas escolares. No entanto, cabe ao professor utilizar as estratégias mais adequadas para garantir que a aprendizagem é efetuada com clareza e de forma efetiva.

Aliar a teoria à prática é uma mais valia para o sucesso da aprendizagem, enquanto motiva os alunos para a procura de respostas aos grandes problemas do conhecimento. No que concerne à nossa prática letiva estamos de acordo com Martinho Neto quando afirma que “não é fácil para o professor ensinar história (...) sobretudo quando se entende que o conhecimento histórico é fruto de operações cognitivas que o levem a abstrair os conceitos (...) de tempo, espaço, cronologia, passado e presente” (Neto, 2014). Assim, em todas as aulas procuramos planificar de acordo com teorias de aprendizagem que suportassem a ideia de que é possível motivar os alunos para a disciplina de História, no entanto ao efetuarmos algumas leituras sobre o assunto, percebemos que existem outras teorias que eram passíveis de ser aplicadas em sala de aula. Decidimos destacar aquelas que tiveram mais impacto na nossa prática letiva.

Jean Piaget & Vygotsky

A obra de Piaget veio quebrar os paradigmas da Psicologia Educacional ao afirmar que a aprendizagem não era algo abstrato, mas sim algo complexo que não deveria de ser posto de lado. Conhecido pelos estádios de desenvolvimento cognitivo, Jean Piaget definia a cognição como um “pensamento ou processo racional (...), um processo ativo e interativo. A mente, em linguagem corrente, não é uma simples folha de papel em branco na qual o meio escreve; mas também não é um dispositivo completamente separado que existe num isolamento glorioso.” (Norman & Sprinthall, 1990) Não obstante, a cognição nunca ocorre apenas dentro do indivíduo. Ela é resultado do meio ou do contexto em que o indivíduo se insere e por isso é um processo ativo e não passivo. (Norman & Sprinthall, 1990). Como tal o processamento do conhecimento

desenvolve-se através de uma interação entre o organismo e o meio que resulta de uma organização do indivíduo e a adaptação ao meio onde se insere, o que por vezes gera um desequilíbrio na estrutura cognitiva.

Após examinar alguns padrões de desenvolvimento nas crianças, Piaget organizou a cognição em quatro etapas as quais chamou de estádios de desenvolvimento cognitivo. (Fig.2)

Figura 2 Estádios de Desenvolvimento Cognitivo (adaptado (Norman & Sprinthall, 1990))

Idade	Estádios de Desenvolvimento Cognitivo
0-2	Sensório Motor
2-7	Intuitivo
7-11	Operações concretas
11-16	Operações formais

Por não ser objetivo do nosso trabalho não iremos abordar em profundidade cada etapa, mas o que queremos reforçar é que em cada etapa a criança transforma o seu pensamento, adquire novos conhecimentos e somente depois de ganhar experiência em cada estágio é que está apta para avançar para o estágio seguinte. Destaca-se o desenvolvimento individual como uma condição prévia para a aprendizagem (Lourenço, 2005), contudo existem outros fatores, como o fator social, que reque contribuem para esta situação que falaremos mais adiante.

O sucesso da aplicabilidade desta teoria em sala de aula só é bem-sucedido quando existe percepção ou entendimento das ideias que o aluno tem (Neto, 2014). O docente deverá de conhecer bem os seus alunos, compreender em que estágio se encontram de modo a desenvolver as suas competências

Enquanto modelo de aprendizagem Piaget defende uma individualização para a construção do saber de modo autónomo que só é refletido no meio social após o processo individual estar concluído. Contudo a teoria de Vygotsky complementa este modelo de aprendizagem. (Fig.2)

Figura 3 Quadro comparativo de teorias da aprendizagem (Adaptado) (Roque, 2012)

	Jean Piaget	Vygotsky
Palavras-Chave	Construção de Conhecimento	Interação Social
Principais Conceitos	Assimilação; Acomodação Esquema; Equilíbrio Estádios de desenvolvimento	Mediação Simbólica Instrumentos; Símbolos Zonas de Desenvolvimento proximal
Interação do indivíduo com o mundo	Adaptação (conhecimento prévio)	Da parte para o todo: Relação com o mundo Processo de sociabilização
Papel do professor	"Desequilibrar " o pensamento do aluno nos seus conhecimentos prévios	Intervir na ZPD; Intervir no que o aluno já domina e o que faz sozinho
Perfil do Aluno	Participante do processo de construção com papel ativo	

Ao ser pioneiro no conceito de desenvolvimento intelectual de crianças e jovens Lev Vygotsky afirmava que é graças aos outros que nos tornamos conscientes do que somos e que só assim desenvolvemos a nossa cognição. Dividido entre conceitos espontâneos e conceitos científicos, Vygotsky defendia que o processo de construção emerge das reflexões feitas pelo indivíduo (conceitos espontâneos), e da estrutura da instrução dentro de uma sala de aula que impõe conceitos estruturantes mais formalizados denominados de científicos. (Fosnot, 1996) Mas como interligar estes conceitos com o indivíduo?

Os conceitos científicos não chegam ao aluno de forma acabada (Fosnot, 1996). Ao utilizar a zona de desenvolvimento proximal, o professor consegue perceber a variação entre a capacidade lógica de compreensão científica e o conceito espontâneo que o aluno detém. Em colaboração com o professor o aluno deverá de ser estimulado a produzir conceitos para si e para os outros. Neste campo estamos a abordar o discurso interno. Os conceitos espontâneos permitem que o aluno crie uma linguagem para si mesmo, onde consegue definir e objetivar determinada aprendizagem, e permite que crie conceitos claros para transmitir aos outros. O modo como a dialética é efetuada permite que o aluno esteja a trabalhar de forma individual, mas que ao mesmo tempo desenvolva a sua capacidade de comunicação. Além destes aspetos, o aluno estimula a sua capacidade de memória, desenvolve os seus afetos, enfrenta os seus medos e evolui no processo de aprendizagem.

Apesar do papel social defendido neste modelo de aprendizagem, acreditamos que não é somente na relação com o outro que o indivíduo desenvolve a sua capacidade de aprendizagem.

As atividades em grupo destacam-se por serem importantes para a partilha de ideias ou opiniões, contudo deverá existir momentos em sala de aula em que o indivíduo para aprender tenha de refletir de modo individual. E neste âmbito destacamos o papel do professor. Sendo o mais experiente em sala de aula, o docente deverá organizar as suas aulas tendo plena consciência que é necessário o equilíbrio entre o contacto social e o individual.

Aprendizagem Significativa & Aprendizagem por Descoberta

Tal como Piaget, Ausubel defende que cabe ao indivíduo desenvolver o conhecimento com base nos conhecimentos já adquiridos e que a aprendizagem só é significativa quando existe um processo de modificação de conhecimento. (Pelizzari, 2001)

Situado num modelo de teorias cognitivistas, a teoria da aprendizagem por receção verbal significativa propõe um método dedutivo onde os conceitos partem de um sistema hierárquico no qual é acrescentado nova informação. Tal como Ausubel e outros autores defendem o professor deverá partir do conhecimento que o aluno já tem e acrescentar a esse conhecimento nova informação gerando uma modificação do conhecimento. Porém a modificação do conhecimento apenas ocorre quando o aluno se predispõe a aprender e quando os conteúdos adquirem um significado psicológico, ou seja, quando “ cada aprendiz faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado para si” (Pelizzari, 2001).

A utilização de mapas mentais, quadros de comparação são meios que levam o aluno a conhecer uma nova informação e por sua vez a reorganizar a sua estrutura cognitiva (Veiga, Caldeira, & Melo, 2013). Todavia a organização desta estrutura mental deverá ser acompanhada de organizadores prévios. Tal como o nome indica eles permitem ser uma introdução à aula ou poderão ser apenas os objetivos a atingir.

Os organizadores prévios juntamente com o método dedutivo permitem que as aulas sejam mais interativas, ou seja, a relação entre aluno-professor torna-se mais próxima

à medida que o professor interage com os alunos e permite que os alunos definam os conceitos aprendidos por palavras suas.

No que diz respeito à nossa prática letiva decidimos levar em linha de conta outro modelo de aprendizagem pois consideramos que se complementa à teoria de Ausubel: A aprendizagem por descoberta.

Apoiado numa teoria cognitiva-gestaltista, Jerome Bruner veio afirmar que quando o aluno compreende a estrutura geral de uma matéria terá mais facilidade em procurar outras coisas que se relacionem com o tema. A criação de mapas mentais exemplifica com clareza a teoria defendida por Bruner. Quando partimos de um conceito genérico, que é o centro da nossa aula, e solicitamos a colaboração dos alunos para aprofundar este conceito abstrato/genérico estamos a criar uma estrutura organizada de pensamento para o aluno que lhe permite partir do geral para o particular.

Bruner realça que a sua posição não se trata de uma teoria da aprendizagem, mas sim uma teoria da instrução (Norman & Sprinthall, 1990) uma vez que mostra ao professor que a aplicação em sala de aula se traduz numa aprendizagem baseada numa estrutura que não tem tendência a ser esquecida pelos alunos. Como tal ela apoia-se em quatro princípios: motivação, estrutura, sequência e reforço.

Dada a temática deste relatório de prática supervisionada, a motivação é o primeiro aspeto destacado por Bruner. Ela predispõe o indivíduo a aprender e serve-se da motivação intrínseca, como a curiosidade para aprender algo novo, e conjuga-a com a motivação externa. Gerir e aumentar esta motivação ao longo das aulas é da responsabilidade do professor juntamente com a estrutura da aula. Este segundo princípio revela demonstra que uma aula bem-sucedida é uma aula bem estruturada e organizada. A comunicação torna-se a chave da compreensão dos conceitos pois ela requer uma representação motora, simbólica e icónica para facilitar a aprendizagem. (H.Veiga, s.d) (Norman & Sprinthall, 1990) Outro princípio defendido por Bruner é a sequência. Quando pensamos na planificação da aula delineamos uma estrutura e uma sequência que deverá ser lógica. Por exemplo, no início da aula poderá ser apresentado aos alunos apenas uma imagem para despertar a curiosidade ou interesse neles, e seguidamente poderemos instigar os alunos a procurar algo que se relacione com aquela imagem ou até pedir que estabeleçam uma ordem de raciocínio entre os

conhecimentos que já tem e os conhecimentos que adquirem através da imagem. Cabe ao professor planejar esta sequência de aula.

Por fim o reforço é o quarto princípio de Bruner. O reforço está relacionado com o conceito feedback. (Veiga, Caldeira, & Melo, 2013) Aprender requer trabalho e esforço. O feedback deverá ser feito com frequência, não só para motivar o aluno a aumentar as suas expectativas, mas também para que saiba que aspetos deverá melhorar. Cabe ao professor ter a sensibilidade de perceber o esforço do aluno e apontar-lhe o caminho mais indicado para chegar aos objetivos propostos. (Norman & Sprinthall, 1990) Toda a informação fornecida em feedback terá de ser dada ao aluno de modo a que este compreenda tudo aquilo que tem de melhorar.

No que concerne à temática da avaliação gostaríamos de abrir um parêntesis. A avaliação é um dos temas mais abordados na educação nos dias que correm por ser um tema complexo e por ser fundamental para gerir a progressão das aprendizagens. No entanto, em qualquer momento de avaliação a observação continua (Perrenoud, 2000) é uma constante e poderá ser um auxílio para o professor no momento do feedback.

A aprendizagem por descoberta revela que a aprendizagem conceptual é mais duradoura que as atividades conceptuais (Norman & Sprinthall, 1990), ou seja, este modelo de aprendizagem estimula o pensamento criativo do aluno. Exemplificando com o que foi descrito em cima, uma simples imagem de um quadro histórico pode suscitar no aluno diversas ideias que poderão ser o ponto chave para avançarmos para a sequência seguinte da aula. A vantagem deste método encontra-se em torno da flexibilidade e da criatividade não apenas do professor, para planificar a aula, mas também dos alunos envolvendo-os em atividades que estimulam a aprendizagem. Não obstante, há que ter cuidado na utilização da aprendizagem por descoberta. Por vezes, torna-se um processo de aprendizagem mais lento pois nem todos os alunos aprendem da mesma forma e no mesmo tempo. No fundo a aprendizagem não se trata de uma corrida onde se espera que exista um vencedor. A aprendizagem é uma construção em que cada aluno corre a diferentes velocidades e onde os ritmos são respeitados.

Como qualquer outra o construtivismo não é uma teoria mecânica de ensino como se tratasse de um conjunto de técnicas pedagógicas (Fosnot, 1996) sequenciadas ou ritualizadas, mas é uma nova forma de olhar para o ensino que nos obriga a repensar na a maneira de planificar cada aula.

Aplicando estes modelos de aprendizagem à nossa prática letiva importa referir que apesar de recorrermos com frequência ao manual entendemos que as nossas aulas tinham de envolver atividades práticas e uma comunicação constante entre professor-aluno.

Tal como Ausubel defende, a comunicação é importante para criar um ambiente propício à aprendizagem pois é através dela que o aluno cria laços com os conteúdos e os relaciona com as aprendizagens que já obteve. Além deste aspeto, a comunicação eficaz vai conduzir os alunos até à aprendizagem ao mesmo tempo que valoriza o conhecimento adquirido para o futuro. (Pelizzari, 2001) Hoje os alunos consideram que o que aprendem na escola pouco importa para o seu futuro, o que não é verdade. Se o professor levar o aluno a sonhar, a refletir e até a imaginar-se em determinadas circunstâncias sobre um assunto em particular, leva o aluno a apaixonar-se pelo conhecimento gerando uma aprendizagem eficaz. O professor semeia na matéria um significado específico e transmite-o aos alunos originando uma aprendizagem significativa. Do mesmo modo, a aprendizagem por descoberta de Bruner gera nos alunos o desenvolvimento criativo quebrando paradigmas da lógica formal. (Norman & Sprinthall, 1990)

Quadros comparativos, mapas mentais, interrogações à turma, atividades práticas, leituras e interpretações de documentos, visualização de documentários e pesquisas foram elementos que fizeram parte das nossas aulas. A base da nossa planificação sempre foi o manual, mas considerámos fundamental complementar cada aula com um aspeto mais prático sempre que possível de modo a promover a motivação e uma aprendizagem eficaz.

SEGUNDA PARTE

Contexto Escolar

Enquadramento Territorial

Conhecer o contexto escolar é também investir no processo ensino-aprendizagem. Acreditamos que mais do que conhecer os alunos dentro da sala de aula, é preciso compreender qual o seu contexto após saírem dos portões da escola.

Neste capítulo pretendemos explorar, ainda que de forma ligeira, as freguesias do concelho da Moita, dando mais ênfase à freguesia da Baixa da Banheira e Vale da Amoreira.

O concelho da Moita

O concelho da Moita pertence ao distrito de Setúbal e situa-se na margem esquerda do Estuário do Tejo sendo composto pela freguesia de Alhos Vedros, Baixa da Banheira, Gaio/Rosário, Moita e Sarilhos Pequenos.

De acordo com os achados da jazida do Gaio o concelho da Moita remonta a época do Neolítico, mas somente a partir do século XIII é que é possível afirmar presença humana em Alhos Vedros.

A região doada por D. Sancho I em 1186 estendia-se desde a margem sul do rio Tejo até ao Alentejo onde estava situada a Ordem Militar de Santiago. (Moita, 2015) Os freires de Santiago foram desenvolvendo vários núcleos populacionais dando origem à freguesia de Alhos Vedros. Durante os séculos XIV e XVI a freguesia de Alhos Vedros atinge o seu auge devido ao desenvolvimento económico e populacional o que lhe valeu o estatuto de vila. Dado o aglomerado populacional houve a necessidade de expansão para terras vizinhas. (Marques, 2017)

O crescimento da Moita culmina em 1691 ao torna-se uma vila, enquanto que Alhos Vedros assiste a um decréscimo da população atingindo os 124 moradores. No século XVIII a Moita registava 225 moradores e Sarilhos Pequenos 55. (Moita, 2015)

Após ter perdido a sua autonomia municipal Alhos Vedros foi integrada como freguesia no Barreiro e depois na Moita.

As atividades características da região como a pesca, a salinicultura, viveiros de peixe e a construção naval foram sendo substituídas por indústrias transformadoras com o passar do tempo. Mas com a chegada dos caminhos de ferro os complexos industriais ligados à cortiça e aos têxteis foram-se fixando no concelho do Barreiro.

Com o desenvolvimento das indústrias verificou-se uma explosão demográfica durante os anos 60 do século XX. A população oriunda de todo o país, mas principalmente do Alentejo, fixou-se nas zonas mais interiores do concelho da Moita. Já nos anos 80 muitas indústrias encerraram portas contribuindo para uma perda da população.

Atualmente a atividade agrícola está apenas presente em pequenas propriedades e o sector secundário localiza-se sobretudo em Alhos Vedros e Moita. O Município tem desenvolvido uma política de captação de investimentos, porém o comércio e os serviços de iniciativa privada estão presentes nas novas áreas residenciais.

Baixa da Banheira

Situada entre as vilas mais antigas de Alhos Vedros e Lavradio uma região, outrora pouco povoada, mas banhada pelo estuário do Tejo. Composta por inúmeras quintas que se estendiam do Lavradio até ao Vale da Amoreira, a Baixa da Banheira não conhece a origem do seu nome. Contudo consta-se que a sua designação está relacionada com a sua localização mais próxima da enseada do Tejo. (Amoreira, 2014)

Por ser uma zona de quintas poucos eram os habitantes que compunham esta região. Em 1935 a localidade teria pouco mais de três dezenas de habitantes, entre eles proprietários das terras, rendeiros e trabalhadores rurais.

Com a chegada de famílias do Norte e Sul do país nos anos 40 a pequena vila transformou-se numa aldeia composta por aglomerados populacionais diversificados que de alguma forma procuravam emprego na grande indústria naval, corticeira e siderúrgica.

Documentos da época revelam ainda uma característica que se mantém até hoje: a Baixa da Banheira é um dormitório. Este detalhe demonstra que a região era frequentada e habitada por pessoas com pouca capacidade económica, servindo apenas

para abrigar os operários das indústrias mais próximas, como as do Barreiro, Alhos Vedros e Paio Pires.

A explosão populacional nos anos 50 e 60 trouxeram novas novidades para a Baixa da Banheira. O alargamento das indústrias, como a CUF, ou a instalação da Siderurgia Nacional em Paio Pires, permitiu que novas pessoas se instalassem nesta região. Contudo, a região não conseguiu acompanhar o crescimento populacional dando origem à falta de condições de higiene, falta de habitações e incumprimento das regras urbanísticas. Uma das áreas afetadas por este crescimento foi o ensino. (Marques, 2017)

As faltas de infraestruturas escolares obrigaram à criação de escolas provisórias nas coletividades para evitar que as crianças se deslocassem durante quilómetros para frequentar a escola. Somente nos anos 60 e 70 houve solução para o problema escolar. Em 1972 foi criada a Escola Mouzinho da Silveira, e após o 25 de Abril de 1974 a Escola Secundária da Baixa da Banheira. Ainda assim, denota-se que durante este período a escolaridade da população residente era baixa.

Freguesia Vale da Amoreira

Localizada na periferia suburbana da área Metropolitana de Lisboa temos o Vale da Amoreira cuja estrutura remota os anos 70. Até 1969 esta localidade era conhecida por um lugar pequeno, isolado, com poucos habitantes, mas rica em pinhais e amoreiras.

A explosão habitacional deu-se a partir de 1975 com a independências das colónias originando que muitos imigrantes ocupassem as habitações que ainda estavam em construção no Vale da Amoreira. “Já na década de 1980, assistiu-se a uma explosão demográfica que chegou a ser superior a 200%, no período 1980-86, levando, conseqüentemente, a que quase 70% do edificado existente no Vale da Amoreira tivesse sido construído entre 1971 e 1990 (...) ao mesmo tempo que funcionava como porta de entrada de imigrantes e plataforma giratória para a

Figura 4 Brasão da Freguesia



emigração” (Carmo & Freitas, 2017). Não obstante, esta realidade manteve-se até atualidade. Se analisarmos os censos de 2011 verificamos que “quase metade da população (45%) não tem nacionalidade portuguesa”.

A história do Vale da Amoreira relata um crescimento com diversidade cultural que nem sempre foi bem visto. Sendo uma das freguesias mais jovens da Moita, a contestação, a rejeição às autoridades, as tensões sociais e o pouco desenvolvimento económico, tem permitido que a freguesia esteja estigmatizada e seja abandonada por muitos.

Para terminar com este estigma social a freguesia tem criado diversas associações que abracem as mais diversas culturas, idades e status sociais. Outra das iniciativas tomadas pela Junta de Freguesia é a semana cultural. A semana cultural é exibida uma vez no ano, todos podem participar das atividades elaboradas pelas diversas etnias presentes na freguesia.

A Escola Secundária da Baixa da Banheira - Caracterização / Organização

Com a explosão demográfica nos anos 70 surgiu a necessidade de construir estabelecimentos de ensino, e em 1977 a Escola Secundária da Baixa da Banheira abriu as suas portas.

Todavia a construção não estagnou, pois em 1987 foram acrescentados espaços verdes, em 1990 dois blocos com salas de aula e em 1997 o espaço desportivo fora remodelado. (Marques, 2017) Por fim era necessário construir um pavilhão desportivo, mas a falta de recursos económicos fez com que a escola entrasse em acordo com Câmara Municipal e a Direção Regional de Educação de Lisboa, onde através de uma comparticipação do Estado em 70% se construísse o pavilhão desportivo.

A Câmara prontificou-se a executar os projetos, no entanto o projeto foi recusado e excluído dos investimentos provenientes da União Europeia.

Apesar do sucedido a escola manteve-se aberta e reuniu esforços e meios para a construção do pavilhão. Atualmente, e a completar 40 anos de existência, a Assembleia Geral da Escola discute um nome que espelhe a realidade desta escola e não a freguesia à qual pertence que se mantém muito estigmatizada.

A Escola Secundária da Baixa da Banheira tem como missão cumprir os princípios da Lei de Bases do Sistema Educativo ao mesmo tempo que pretende procurar responder às necessidades sociais da comunidade onde está inserida. (Banheira, 2017) É por esse motivo que quando olhamos para esta escola e para os alunos que a frequentam temos de ter em linha de conta o seu contexto e compreender que os problemas que caracterizam a freguesia influenciam o funcionamento da escola. Nos últimos anos, a Escola da Baixa da Banheira tem sido menosprezada pela maior parte dos jovens, em parte pelo seu estigma social, outros porque preferem escolas próximas dos grandes centros urbanos.

A verdade é que apesar dos problemas característicos do Vale da Amoreira quando entramos pelos portões da escola encontramos uma realidade totalmente distinta do que é expectável.

No projeto Educativo tomamos conhecimento que a visão está assente na cooperação e empenho de todos para contribuir com uma escola que faz diferença em todas as dimensões, sejam elas educativas, humanas, sociais, criativas ou inovadoras. (Banheira, 2017). Ao entrarmos em contacto com esta realidade, percebemos que a visão enquadra-se na missão da escola. A cooperação entre funcionários, o trabalho extraordinário dos docentes e a inclusão da comunidade na escola permite que o ambiente seja pacífico e de aprendizagem, e isto é até refletido na forma como a escola está organizada.

Figura 5 Pátio da entrada da escola. Palavras que caracterizam o ambiente escolar



Enquanto que fora da escola deparamo-nos com um bairro social com um aspeto pouco cuidado, dentro da escola vemos espaços verdes, murais coloridos com mensagens inspiradoras. Dentro do espaço escolar encontramos diversas culturas, etnias e nacionalidades, mas não nos deparamos com conflitos ou tensões pela diversidade multicultural.

Apesar dos esforços dos funcionários e do corpo docente em investir na formação dos alunos a maior preocupação vivida dentro da escola é a taxa de absentismo. Se analisarmos o projeto educativo verificamos que existem vários constrangimentos internos e externos que justificam a preocupação da direção. O nosso intuito não será referir todos estes constrangimentos, mas sim destacar aqueles com os quais tivemos mais contacto na prática escolar.

Tal como relatamos anteriormente, o concelho apresenta debilidades empresariais, taxas de baixa escolaridade na maior parte das famílias e jovens com percursos pessoais e escolares acidentados.

No que concerne à turma alvo da nossa prática letiva, que será alvo da nossa atenção mais adiante, verificámos que nas famílias a escolaridade máxima é o 12º ano.

A nível interno, além da taxa de absentismo, apuramos a existência de uma elevada dificuldade no domínio da Língua Portuguesa por parte da maioria dos alunos, resistência em envolver os encarregados de educação no processo educativo dos seus

educandos e a insatisfação face às instalações e equipamentos em falta nas salas de aula.

Todavia a escola tem incontáveis pontos fortes. Além ter uma vasta oferta educativa, note-se, Ensino Básico Geral e Profissionalizante; (3.º Ciclo) Ensino Secundário (Cursos Científico-Humanísticos); Ensino Secundário Profissionalizante Educação e Formação de Adultos em todos os percursos formativos, na vertente escolar e sempre que possível de dupla certificação Português para Falantes de Outras Línguas Unidades de Formação de Curta Duração, definidas no Catálogo Nacional de Qualificações, a escola está envolvida em diversos projetos que incentivam à educação para a cidadania. Destacamos apenas alguns destes projetos:

- Projeto Eco Escolas
- (Re)começar
- Educação para a saúde
- Desporto Escolar
- ESBB diz não à excisão!

Consideramos que é importante focar a importância da relação humana de proximidade entre os membros da comunidade educativa, a existência de espaços limpos e cuidados, e ainda a importância do corpo docente que assegura as unidades curriculares dos diferentes currículos, pois é através destes fatores que a escola tem tentado melhorar, não só a vida dos alunos, como também o contexto onde está inserida.

Caracterização da turma: 12ºLH

Tal como anteriormente vimos, a Escola da Baixa da Banheira dispõe de uma grande oferta curricular, todavia tem-se assistido a grandes reduções de alunos que têm vindo a abandonar a escola ou a serem transferidos para outras instituições de ensino mais próximas dos grandes centros.

Muitos alunos têm desistido dos cursos científico-humanísticos e têm optado por cursos profissionais, em virtude do carácter prático que o currículo lhes apresenta. Por

estes fatores e pelos que já dissertamos anteriormente, este ano letivo foi atribuído apenas uma turma de História A à professora Cooperante Noémia Braz – 12ºano de Línguas e Humanidades. Além da falta de alunos existentes do ensino secundário, foi atribuída uma nova função e responsabilidade à professora cooperante: dirigir e dinamizar a biblioteca da escola.

Muitas das reuniões com a professora cooperante ocorreram no espaço da biblioteca onde muitas vezes foi alvo de discussão planos e projetos direcionados a atrair os alunos ao espaço da biblioteca. Além desta temática, era frequente falarmos sobre a turma de Línguas e Humanidades para traçar estratégias motivadoras de aprendizagem para a disciplina de História.

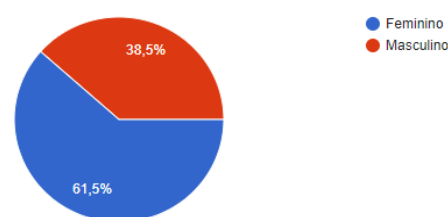
A turma de LH é composta por 15 alunos cujas idades variam entre os 17 e 18 anos onde a maioria pertence ao sexo feminino.

Para nós, professores estagiários, a turma não era de todo desconhecida. No ano letivo anterior, tivemos contacto com a maior parte dos alunos uma vez que observamos as suas aulas e participamos de uma visita de estudo

organizada pelas professoras estagiárias do Mestrado em Ensino – Liliana Carvalho e Susana Marques. Deste modo, já conhecíamos (ainda que pouco) os seus pontos fortes e as suas fragilidades.

Do nosso conhecimento do ano letivo anterior, sabíamos que esta era uma turma unida, mas alegadamente muito preguiçosa, no que concerne ao estudo, e com muitas dificuldades ao nível do vocabulário português. No início deste presente ano letivo, um dos alertas recebidos da professora cooperante estava assente sobre a necessidade de trabalhar os conceitos programáticos (a fim que os alunos sejam bem-sucedidos no exame nacional), mas também alargar o seu vocabulário em português, motivando-os ao mesmo tempo para estudarem e empenharem-se nas tarefas de aula. Fomos instigados pela professora Noémia Braz para realizarmos diversas atividades/tarefas que “obrigassem” os alunos a ler documentos históricos, a interpretá-los e a construir uma linha de pensamento coerente. No fundo, a nossa tarefa como professores estagiários era dar continuidade ao processo já iniciado pela professora cooperante:

Figura 6 Composição da turma em gênero



ajudar os alunos a melhorar o seu conhecimento e os seus resultados em História, não deixando de lado a parte humana que zela pela preocupação e bem-estar dos alunos. Abrindo um parêntesis neste discurso, a professora Noémia é muito estimada pelos seus alunos. Apesar de já não ter o cargo de diretora de turma, nota-se um carinho especial dos alunos para com a docente e o mesmo vice-versa.

Como mencionado anteriormente e no início do ano letivo a turma era composta por 15 alunos, mas na transição do primeiro para o segundo período uma aluna (que apenas estava a frequentar a disciplina de História) desistiu para se propor apenas a exame nacional. Oficialmente, a turma passou a ser composta por 14 alunos, no entanto a média da assiduidade em sala de aula ronda os 13 alunos. É importante frisar que este novo ano letivo a turma recebeu um aluno vindo dos Açores que está apenas a frequentar a disciplina de História para realizar o exame nacional.

Desde o início do ano letivo que observamos a disposição de como os alunos se sentam na sala. Por ser uma turma pequena, e tendo em conta que a sala é espaçosa, os alunos concentram-se nas duas filas das extremidades da sala sentando-se dois a dois. As duas filas centrais são ocupadas apenas por uma aluna e outro aluno que se senta mais ao fundo da sala. As filas da frente, junto ao quadro esporadicamente são ocupadas, e só são preenchidas quando por forças das circunstâncias mudamos de sala.

De um modo geral, temos perante nós uma turma sem problemas de comportamento, mas faladora, resistente ao trabalho no que respeita ao estudo e ao saber, e que chega sempre atrasada a todas as aulas principalmente após os intervalos que são realizados a cada 50 minutos de aula. Todavia no que concerne às aprendizagens temos uma turma que não é dedicada ao estudo nem ao trabalho autónomo. Nas reuniões realizadas com a cooperante fomos alertados por várias vezes para este facto: os alunos esperam que os professores disponibilizem os *power points* das aulas com toda a matéria resumida ou que lhes disponibilizem resumos para os testes. Apesar de não ser só este o elemento de avaliação, os testes sumativos revelam em grande parte esta verdade. No entanto, existem exceções dentro da turma. Existem três alunos que se destacam dos restantes, não apenas pelos seus resultados na avaliação sumativa, mas pelo esforço no trabalho autónomo, pela sua participação ativa nas aulas e também pelo estudo que é feito após cada aula. Mais adiante falaremos sobre estes aspetos avaliativos.

Outra peculiaridade da turma alvo da nossa atenção foi a prática da escrita com um vocabulário diversificado, a leitura e a interpretação de documentos. Dada a zona onde a escola está inserida, muitos dos alunos têm um vocabulário assente em culturas de outros países devido à convivência com as suas famílias que são oriundas de outros lugares. Apesar ser enriquecedor esta multiculturalidade, por vezes dificulta a transmissão de conhecimentos de professor-aluno, o que obriga à simplificação dos conceitos ou à utilização de sinónimos para que os alunos compreendam.

Feito o despiste inicial sobre as dificuldades da turma, quisemos conhecer as suas motivações e expectativas em relação à disciplina de História e ao seu futuro como profissionais. Reforçamos que até esta etapa inicial esta pequena avaliação foi baseada em diversas observações de aula e em reuniões com a professora cooperante. Seguidamente elaborámos um questionário anónimo² a fim de percebermos as motivações atuais e futuras. Por não ser relevante para esta dissertação apenas selecionamos algumas questões para análise.

Como ponto inicial inquirimos os alunos sobre os seus passatempos favoritos. Sendo esta uma geração acima de tudo tecnológica, quase todas as respostas tiveram por base atividades realizadas em equipamentos tecnológicos, tais como, jogar no *tablet*, computador ou *playstation*, usar as redes sociais, ver filmes e ouvir música.

Outra questão em torno da nossa análise prendia-se com as motivações/expectativas ao frequentar o curso de Línguas e Humanidades. No fundo o intuito era perceber se a escolha tinha sido baseada pelas disciplinas que compõe o currículo, se era apenas uma rampa de lançamento para o mundo universitário ou se a escolha tinha sido por mero acaso. Das respostas obtidas tivemos os seguintes resultados:

- O curso disponibiliza ferramentas necessárias que permitem o ingresso à Universidade;
- O curso não tem matemática
- Gosto e interesse pelas disciplinas que compõem o currículo escolar.

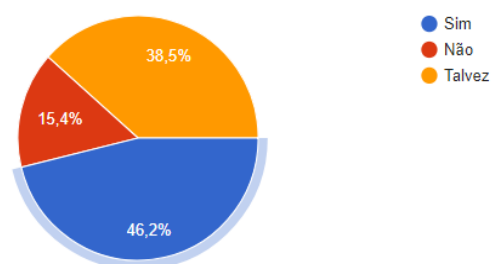
(Respostas adaptadas)

² Questionário disponível online em <https://goo.gl/forms/EhR9HbC7qtIQKVHh2>

Também questionamos os discentes sobre as suas preferências de conteúdos programáticos na disciplina de História. As respostas revelam mais interesse pela História Contemporânea, com mais ênfase para a Segunda Guerra Mundial, Estado Novo e *New Deal*.

Para terminar indagamos sobre as suas motivações futuras quanto ao percurso universitário e profissões. Dos 15 alunos, seis responderam que queriam prosseguir os estudos, cinco estão indecisos e dois responderam que não pretendem seguir o ensino superior. Todavia nem todos sabem que curso frequentar pois apenas sete alunos fizeram referência ao ingresso para cursos de desporto, psicologia, direito e línguas internacionais.

Figura 7 Resposta à questão “pretendes frequentar o ensino superior?”



Apesar do contexto onde os alunos estão inseridos é importante referir que não tivemos qualquer problema ou constrangimento ao lecionar nesta escola e na turma. Estamos perante alunos que têm sonhos e objetivos, mas que estão adormecidos.

Em certos casos, o ambiente familiar desfavorável afeta o desempenho escolar, noutros casos as dificuldades no lar são um incentivo para procurar um futuro mais favorável. Este é apenas um exemplo do quotidiano vivido na Escola Secundária da Baixa da Banheira pois poderíamos mencionar muitos mais. Além da desmotivação presente em quase todas as aulas pela maior parte da turma, em conversações com a professora cooperante e com outros professores comprovámos esta realidade. Deste modo decidimos criar aulas dinâmicas que despertassem o interesse dos alunos. Como mais a frente iremos verificar, a turma não teve problemas em colocar questões, expor opiniões e em participar nas atividades propostas, fossem elas escritas ou orais. Por fim ressalva-se que a boa disposição dos alunos e a sua recetividade às tarefas propostas por nós facilitou a relação pedagógica.

TERCEIRA PARTE

Unidade Didática: Prática de Ensino
Supervisionada

Reuniões escolares

As reuniões escolares têm um carácter importante e fundamental no percurso da formação de professores. É através delas que podemos assistir à partilha de opiniões, ao conhecimento de novas ideias ou ao nascimento de novos projetos escolares. É também nas reuniões de professores que se discute as avaliações e onde nós, futuros docentes, podemos aprender mais sobre situações que envolvam a escola e os alunos.

Apesar dos esforços reunidos pela professora Noémia Braz não nos foi permitido assistir a quaisquer reuniões. As normas impostas pelo diretor não permitiam a presença dos professores estagiários por se abordar assuntos delicados, momentos de avaliações e por se discutirem outros assuntos inerentes à escola. Ainda assim, sempre tivemos a par das avaliações dos alunos no âmbito da disciplina de História.

Outro aspeto a destacar foram as reuniões apenas com a professora cooperante sempre após cada aula. Dado o horário da docente, as reuniões seguiam-se a cada aula e realizavam-se na biblioteca da escola. Durante um período que variava entre 30/45 minutos abordávamos diversos temas que podiam ir desde a nossa prestação como docentes até aos problemas que alguns alunos estavam a enfrentar e de como os poderíamos ajudar em sala de aula.

No fim de cada reunião percebíamos o quanto é importante sermos sensíveis aos alunos. Dado o contexto em que a escola se insere e a realidade de muitos alunos é preciso ter algum cuidado no tratamento pessoal e ser sensível a cada questão sem nunca deixarmos de parte a componente letiva da disciplina. Assim, cada reunião foi importante para desenvolvermos não só competências profissionais, mas também sociais.

Nota Introdutória às aulas lecionadas

Antes de iniciarmos a descrição das aulas lecionadas pretendemos abrir esta nota introdutória para o leitor compreender como a exposição das aulas e a sua planificação foi elaborada.

Como iremos ver mais adiante a exposição das aulas segue uma ordem cronológica. Nela descrevemos os mais diversos acontecimentos em sala abrindo sempre que

necessário um parêntesis para enquadrar os conteúdos científicos. Consideramos necessário acompanhar o texto com algumas imagens retiradas dos *slides* utilizados em sala de aula. Em todas as aulas utilizamos o *power point* como ferramenta essencial para a nossa prestação letiva, e em anexo o leitor poderá verificar os *power point's* completos.

Relativamente à planificação das aulas as mesmas foram elaboradas por nós com o apoio da professora cooperante. Optamos por uma planificação a curto prazo ainda que a escola não siga este modelo.

A planificação está organizada com diversas colunas e cada uma delas tem uma função específica:

- Coluna dos conteúdos: revela a matéria a ser abordada na aula
- Aprendizagens relevantes: enquadra-se na planificação anual da disciplina de História A elaborada pela ESBB e fornecida pela professora Noémia Braz;
- Conceitos: refere-se aos conceitos importantes para a aula e que os alunos deverão reter;
- Tempo: previsão de tempo destinada à exposição de cada conteúdo;
- Avaliação: demonstra os diversos aspetos a avaliar para melhorar a prestação dos alunos e a nossa enquanto professores;
- Recursos: Elementos a que recorreremos para lecionar a aula.

Para cada aula elaboramos uma planificação pois considerámos que era uma mais valia no que respeita à organização dos conteúdos, do tempo e dos recursos que iríamos utilizar. Como veremos mais adiante nem sempre foi possível cumprir rigorosamente este plano, contudo sempre tivemos em mente que a planificação não era estática e que poderia sempre sofrer alterações de última hora.

Descrição das aulas lecionadas

1ª Aula Lecionada: 9 de outubro de 2017

Duração: 100 minutos

Sumário: As transformações da vida urbana e a nova sociabilidade. A crise dos valores tradicionais. Os movimentos feministas e as novas concepções científicas.

A 9 de Outubro de 2017 iniciamos a nossa primeira experiência letiva com os alunos do 12º ano, antigo 11º ano o qual acompanhamos no ano anterior.

Introduzimos a temática da aula com a leitura do sumário ao mesmo tempo que este estava projetado no quadro. Importa referir que esta temática surge num contexto de pós Primeira Guerra Mundial onde se assistiu à queda dos impérios e à formação de novos países provocando no mundo mutações constantes a nível político, económico, social e cultural.

Dada as aulas anteriores e após uma breve explicação sobre a estrutura que a nossa aula ia seguir, decidimos perguntar aos alunos se se recordavam do conceito “loucos anos 20”. Sendo uma matéria lecionada no 9º ano alguns alunos recordavam-se da importância do papel da mulher no século XX e da forma como esta se afirmou nesta época. A partir deste ponto decidimos introduzir o contexto histórico da época recorrendo ao suporte digital.

Após a Primeira Guerra Mundial a sociedade sofreu uma alteração nos padrões culturais e sociais fruto de um novo conceito de espaço e de tempo. A ascensão das grandes cidades e o slogan permanente de que “é preciso desfrutar da vida” tomou conta da população originando novos hábitos de consumo, lazeres, novos hábitos culturais e um novo clima de paz. Procurava-se diminuir a tristeza da guerra e reerguer as cidades da destruição. A massificação tomou conta das indústrias e por sua vez da sociedade também que adquiriu hábitos rotineiros.

Para complementarmos esta ideia, e para termos a plena certeza de que os alunos entenderam o seu significado, solicitamos que um aluno lesse o documento 35 da página 44 do manual cujo título é “A massificação urbana”. Após a leitura colocamos duas questões: o que é que entendiam por massificação e que aspeto da vida urbano é

referido no documento. Uma aluna respondeu que de acordo com o documento a massificação correspondia à aglomeração de pessoas que passaram a frequentar as grandes cidades, pois os lugares públicos estavam sempre cheios. Apesar da resposta estar certa pedimos que outro aluno interviesse e que completasse a resposta da colega. Apesar de mostrar algum receio, um aluno interveio e relacionou esta massificação com a cultura de ócio.

Explicamos que a cultura do ócio era a cultura das distrações, ou seja, novos desportos, novos estilos de dança e de música onde a convivência entre os sexos no mesmo espaço físico era frequente e ousada.

No entanto, a ousadia, o ritmo frenético, a massificação e os loucos anos 20 repletos de divertimento e alegria, deram lugar a uma crise e rutura de valores na sociedade. A guerra veio pôr em causa muitas das instituições que defendiam os padrões morais e espirituais defendidos pela sociedade oitocentista. Para compreenderem melhor este aspeto pedimos a um aluno voluntário para ler o documento da página 46 do manual intitulado por “Uma crise de consciência: O horror das trincheiras”, referindo que após a leitura iríamos analisar o documento de uma forma diferente. Em cada parágrafo parávamos a leitura e procurávamos em conjunto compreender os impactos da guerra na vida dos indivíduos.

Com a brutalidade da primeira guerra mundial muitas instituições foram descreditadas originando crise nos valores espirituais e morais que em tempos tinham sido sustentados pela burguesia do século XIX. A decadência estava instaurada. E para justificar esta situação pedimos aos alunos que lessem o testemunho, presente no manual (documento 37A) de um trabalhador de um laboratório industrial.

Em conjunto com os alunos debatemos estas ideias de descrença nas instituições políticas, religiosas e sociais que assolam ainda hoje o nosso dia-a-dia, e nessa sequência introduzimos o conceito de anomia.

Com recurso ao suporte digital projetamos uma definição de Anomia. Apesar da definição os alunos não compreenderam logo o que isto implicava na sociedade, por isso decidimos passar a uma parte mais prática da explicação dando alguns exemplos, tais como a alteração do papel a mulher e a sua emancipação.

Projetamos um slide com duas imagens da figura feminina em contextos diferentes de época, uma mostrava com clareza uma mulher dos anos 20 e a outra revelava a mulher na sociedade oitocentista:

Figura 8 Slide Power Point (1ª aula)

As transformações da vida urbana e a nova sociabilidade

Mudança de hábitos e comportamentos

- **Nova feminilidade**
- O traje feminino assumiu um **novo corte**. As saias encurtaram, o espartilho foi posto de lado e os chapéus ganharam novas formas.
- A **postura feminina** tornou-se menos rígida e formal. A silhueta tornou-se mais esguia.
- O **estilo de vida da mulher** também mudou: começou a sair à noite, a conduzir, a praticar desporto e a fumar.
- A **flapper** tornou-se no símbolo da mulher moderna

Antes de partirmos para a

descrição das alterações dos comportamentos e dos hábitos femininos, pedimos aos alunos que olhassem para as imagens e que indicassem quais as mudanças que viam. Como era expectável os alunos identificaram com clareza cada detalhe, referindo o cabelo e saias mais curtas e uma postura mais ousada. Perante o interesse dos alunos decidimos questionar se esta nova postura da mulher era bem aceite na sociedade.

Para nossa surpresa, alguns alunos responderam que sim justificando que os loucos anos 20 tinham sido anos de grandes transformações onde tudo era permitido. As opiniões em sala dividiam-se, pois, alguns elementos da turma acreditavam que esta alteração no modo como a mulher se apresentava em sociedade era um choque para a população mais idosa.

O alvoroço surgiu em sala quanto a esta temática e para retirarmos conclusões pedimos aos alunos que utilizassem o telemóvel para pesquisar o termo “*flapper*”. Demos alguns minutos para a pesquisa e pedimos que quem encontrasse primeiro a definição que a lesse para a turma. Uma aluna pede licença para intervir e lê que “*flapper*” era o nome que se dava às mulheres da época que rejeitavam todos os valores morais e sociais que lutavam pelas suas causas com afinco.

Decidimos levantar uma outra questão: seria este um termo pejorativo? Os alunos não sabiam responder. Deixámos a questão em suspenso e avançamos com a explicação do papel da mulher nos anos 20.

Abrindo um parêntesis para o leitor: decidimos deixar a questão suspensa com o objetivo de reunir todos os comportamentos adotados pela mulher dos anos 20 e para suscitar a curiosidade nos alunos sobre o que viria a seguir.

A afirmação da mulher na sociedade começou com a reivindicação de direitos de acesso a bens, como salários, tutela de filhos, acesso à educação, direito ao voto e de participação política. A postura que outrora era conservadora passou a ser ousada e a ter costumes que só aos homens pertencia, tais como fumar, frequentar bares e cafés e até mesmo conduzir. Os movimentos feministas e sufragistas ganharam força pela sua persistência e também pelo escândalo. No caso britânico, Emmeline Pankhurst juntamente com outras sufragistas inglesas atraíram a atenção da população através de marchas, greves de fome, confrontos contra autoridades policiais e parlamentares, fazendo com que estas mulheres fossem alvo de censura por parte daqueles que eram mais conservadores.

Nesta sequência solicitamos a colaboração de um aluno para a ler o documento 38 da página 48 cujo título é “A subversão dos costumes”. Após a leitura voltamos a questionar a turma: o termo “*flapper*” é pejorativo para a mulher? Os alunos responderam que sim devido a quebra de valores e tradições que estavam impostas na sociedade. Na verdade, o documento é o testemunho de uma “*flapper*” que relata a forma como se sente tratada pela sociedade. Frequenta bares, fuma, bebe, adora dançar, e luta pelos seus direitos afirmando que o seu modo de viver é resultado de uma guerra que devastou a sua fé e os seus alicerces. Com a guerra a mulher viu-se a braços com um papel de liderança e de sustento do seu lar e também por isso lutou pelos seus direitos de modo a ser reconhecida pelo seu esforço.

Apesar de anteriormente já ter sido referido, voltamos a falar de Emmeline Pankhurst que lutou pelo direito ao voto. Sensibilizamos os alunos para este direito que hoje é reconhecido por todos, e por isso projetamos uma frase da sufragista, que fora retirada do manual, pedindo aos alunos que exprimissem uma opinião baseada em tudo o que tinham aprendido até ao momento:

“A condição do nosso sexo é tão deplorável que é nosso dever infringir a lei para chamar a atenção para as razões que nos levam a fazê-lo” Emmeline Pankhurst

Após um breve debate sobre o tema percebemos que o assunto tinha ficado bem consolidado nos alunos devidos às intervenções que estes faziam. Por uma questão de síntese da matéria lecionada até ao momento apresentamos um esquema síntese.³

Antes de finalizarmos a primeira parte da aula falamos ainda da importância da portuguesa Carolina Beatriz Ângelo, que aproveitando uma falha na lei eleitoral republicana, exigiu votar, recorrendo aos tribunais. Fora a primeira mulher na Europa a fazê-lo e valeu-lhe um lugar na história do sufrágio.

Após o intervalo de dez minutos os alunos regressaram à sala e solicitamos à turma que de forma ordenada pudesse fazer um breve resumo do que tinha aprendido. Uma aluna começou por falar das consequências da guerra que se refletiram nas transformações do papel da mulher a nível físico e psicológico. Outra aluna concluiu o raciocínio da colega ao apresentar a importância do direito ao voto e dos movimentos sufragistas. Juntamente com os restantes elementos da turma fomos completando o raciocínio destas duas intervenções de modo a dar início à descrença do pensamento positivista e às novas conceções científicas.

O positivismo veio estabelecer no século XX uma confiança absoluta no poder do raciocínio e da ciência. (Couto & Rosas) O que antes era restrito à racionalidade passou a ser valorizado noutras áreas e dimensões do conhecimento. O surgimento da intuição, defendida por Henri Bergson, escapava às leis da física e da matemática. A intuição era vista como um sentimento que permitia a compreensão dos sentimentos e da essência das coisas. A libertação do racionalismo teve um grande impacto na sociedade e acabou por destruir o pensamento positivista.

Esta nova conceção do homem e do universo foi defendida por vários cientistas e estudiosos da área que originaram outros desenvolvimentos, por exemplo, no campo da psicanálise.

Em contexto de aula foi questionado aos alunos se sabiam o que significava Positivismo e Racionalismo. Antes de facultarmos as definições destes conceitos pedimos que os discentes utilizassem o telemóvel e fizessem uma pesquisa sobre estes dois termos e que anotassem no caderno diário. Demos cinco minutos para a realização

³ Ver em anexo no slide 11 do power point “Mutações nos comportamentos e na cultura”

da tarefa e no fim pedimos a um aluno que se voluntariasse para ler o resultado da sua pesquisa.

Prosseguimos com a aula com a explicação das novas dimensões do conhecimento e das teorias geradas através delas, e a teoria da Relatividade foi um dos exemplos apresentados. Recorremo-nos mais uma vez de um documento do manual (doc. 43C p. 53) que apresentava a polémica troca de ideias sobre a Física de Bohr e Einstein. Tal como em todas as outras leituras efetuadas em voz alta por um dos alunos, discutimos e interpretamos o documento em conjunto. Cremos que nesta partilha de opiniões e de reflexões que percebemos que os alunos estão a entender ou não o que se está a abordar em aula. Desta vez compreendemos que os conceitos de racionalismo e de positivismo não estavam bem esclarecidos e por isso voltamos a reforçar os conceitos de relativismo e positivismo. Ultrapassada esta questão, apresentamos outro conceito: a psicanálise, conceito já conhecido por muitos. Pedimos a um voluntário que explicasse por suas palavras o que era a psicanálise.

Apesar de ser um conceito conhecido nenhum aluno conseguiu explicar o seu significado.

A ideia de que o Homem possui uma mente racional ficou comprometida por esta mutação do pensamento defendida por Sigmund Freud. (Couto & Rosas) Através da psicanálise o individuo poderia recordar os seus traumas, dores, desejos e anseios que aparentemente estavam esquecidos. Tratava-se de um processo terapêutico sobre hipnose que explicava o comportamento do individuo, e por isso se tornou tão revolucionária na época pois constatava a existência de uma zona cerebral de elevada importância para o ser humano: o inconsciente. Assim a mente humana dividia-se em três níveis psíquicos: o consciente, o subconsciente e o inconsciente. A psicanálise ocorria entre uma conversa com o paciente e no fim o individuo deveria estar liberto dos seus problemas. Freud defendia que o paciente através da psicanálise se libertava dos seus medos e receios ao enfrentá-los.

Com recurso a uma capa da revista *Time* que tinha uma caricatura de Freud e de Einstein explicamos a importância da Psicanálise⁴. Terminada a explanação de conteúdos, reservamos os últimos cinco minutos de aula para uma breve síntese e reflexão da aula. Com um esquema síntese projetado pedimos a colaboração da turma

⁴ Ver em anexo slide 16 da aula “Mutações nos comportamentos e na cultura”

para efetuar uma síntese dos conceitos aprendidos. Tal como fizemos ao longo do tempo de aula perguntamos que existiam dúvidas. Por não existirem dúvidas ou questões demos por encerrada a primeira aula indicando que a aula seguinte seria a continuação da temática das mutações sociais e culturais do século XX.

Ano: 12º Ano Turma: Tempo: 100 minutos Lição n.º: ____ Data: 09/10/2017 Mestranda: Daniela Guinapo Professor cooperante: Noémia Braz		Tema: As transformações das Primeiras Décadas do Século XX Unidade: Mutações nos Comportamentos e na nova cultura Sumário: As transformações da vida urbana e a nova sociabilidade. A crise dos valores tradicionais. Os movimentos feministas e as novas concepções científicas					
Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
Mutações nos comportamentos e na cultura Crise de valores tradicionais Movimentos Feministas Transformações na vida urbana e a nova sociabilidade	Compreender a mentalidade confiante e racionalista da sociedade após a 1ª Guerra Mundial Reconhecer os principais vetores da mudança cultural Reconhecer a emergência do relativismo científico. A influência da psicanálise	Identificar as transformações após a 1ª Guerra Mundial; Referir os valores que se impuseram aos valores vitorianos; Explicar o feminismo; Explicitar as alterações do papel da mulher	Anomia Social Feminismo	Sumário Introdução ao tema: As transformações da vida urbana A nova sociabilidade - Leitura de documento 36 página 45 “Novas distrações” As crises de valores tradicionais – explicação do conceito anomia social	5min 30 min 30min	Registo de observação de aula Participação oral dos alunos	Projetor Manual Computador e power point

		<p>Explicitar o significado da psicanálise</p> <p>Explicitar a concepção de homem segundo Freud</p>		<p>A emancipação feminina - explicação do conceito feminismo</p> <p>Leitura e análise do documento 38 página 48</p> <p>Participação das mulheres na vida política: O caso de Emmeline Pankhurst (leitura e análise do documento 40)</p>	<p>30 min</p>		
			<p>Relativismo</p>				
			<p>Psicanálise</p>	<p>Explicação da descrença no pensamento positivista e as novas concepções científicas</p> <p>Introdução do conceito relativismo e psicanálise</p> <p>Síntese da aula</p>	<p>5 min</p>		

2ª Aula Lecionada: 10 de outubro de 2017

Duração: 100 minutos

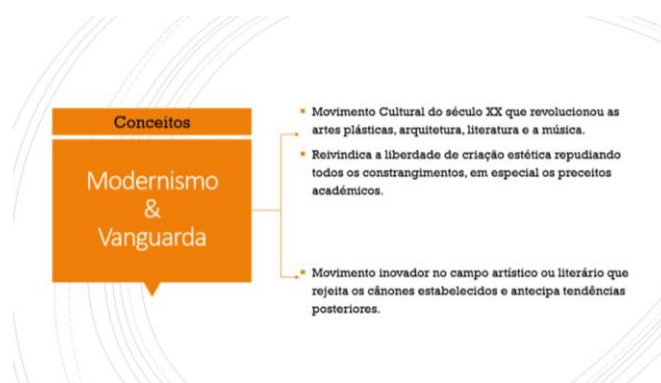
Sumário: As vanguardas: Rupturas com os cânones das artes e da literatura.

A segunda aula lecionada ocorreu no dia 10 de outubro pelas 10h20. Entramos na sala juntamente com os alunos, mas ao ligarmos o computador e o projetor para começarmos a lecionar a aula verificamos que o projetor não funcionava. Com a colaboração da professora cooperante e do colega Sérgio Figueiredo tentamos resolver a situação, mas sem sucesso. Como a questão estava a demorar mais tempo que o previsto, pedimos aos alunos que realizassem três questões do manual referentes à matéria dada na anterior. Apesar das várias tentativas de resolução do problema não foi possível colocar o projetor em funcionamento, e em conversações com a professora cooperante foi sugerido a mudança para uma sala com as condições tecnológicas que necessitávamos.

Após a situação estar ultrapassada, corrigimos oralmente os exercícios que os alunos estavam a realizar, esclarecemos as dúvidas existentes e ditamos o sumário da presente aula.

Figura 9 Slide power point. Definições de conceitos chave

Iniciamos a explanação da matéria com uma pergunta inicial: O que é o Modernismo? Alguns alunos associaram o Modernismo à disciplina de Português e ao Fernando Pessoa. Outros, responderam que o Modernismo era um movimento



do século XX. Projetamos em *Power Point* uma definição mais objetiva do que é o Modernismo e Vanguarda.

O século XX foi marcado por constantes transformações no campo político, económico e social, e a cultura veio refletir todas essas mutações. As convenções académicas e artísticas aos poucos eram quebradas dando lugar a novas experiências e a um novo conceito de estética. Paris e Berlim eram as cidades prediletas dos artistas. Atraídos pela sua beleza, ateliers e pela vida boémia, muitos artistas concentravam-se

nas grandes cidades para discutir e partilhar ideias. Ao romper com as convenções tradicionais o modernismo deu lugar a um novo sentido estético e indissociavelmente está o conceito de vanguarda. Vanguarda cultural corresponde a todos os movimentos que romperam com as técnicas académicas, pondo em causa as técnicas remotas do Renascimento. (Fortes, Gomes, & Fortes, 2015)

A primeira vanguarda surgiu no Salão de Outono em 1905 após as reações do crítico de arte, Louis Vauxcelles afirmar que pintores como Henri Matisse e André Derain eram Fauves (selvagens). Com o auxílio da projeção⁵ colocamos duas obras de Henri Matisse e solicitamos aos alunos que tentassem descrever as pinturas. Durante alguns instantes fez-se silêncio na sala, até que uma aluna respondeu que os quadros tinham cores muito fortes.

A partir desse ponto, começamos a descrever as características desta vanguarda sempre pedido aos alunos que interviessem com questões ou dúvidas, caso surgissem. Ao explicarmos as características do fauvismo perguntamos aos alunos que sensação tiveram quando olharam para as obras. Alguns não manifestaram opinião, mas ainda ouvimos algumas opiniões como: “as cores parece que não combinam umas com as outras”. Para dar cumprimento à planificação, e também mostrar aos alunos a opinião dos visitantes do salão de outono, solicitamos que lessem o documento da página 57 do manual que relata a experiência do crítico de Louis de Vauxelles e de um outro visitante. Após a leitura pedimos à turma que retirasse as ideias mais importantes do documento. Por ser uma competência ainda não muito desenvolvida nos alunos, estes tiveram alguma dificuldade em interpretá-lo e em relacionar com o que já tinha sido explicado anteriormente. Com recurso as obras de Matisse que estavam projetadas e com a leitura de alguns parágrafos chave presentes no documento, voltamos a reforçar as características do fauvismo.

Um dos exemplos deste exercício prático teve por base uma frase presente no documento que afirmava:

(...) à parte os materiais empregados, qualquer ligação com a pintura: azul, vermelho, amarelo, verde, machas de cores cruas (...) - os jogos bárbaros e ingénuos

⁵ Ver em anexo aula: As vanguardas.

de uma criança que se exercita com uma caixa de cores” 1905: a explosão fauvistas, documento 47. 2

Com base na citação pedimos que a interpretassem e que a relacionassem com o quadro de Matisse e com as características do fauvismo.

Ao verificarmos que os alunos já estavam a compreender e a relacionar os conceitos, avançamos para a vanguarda seguinte: O expressionismo.

Mais uma vez, o expressionismo surge como forma de abalar o conservadorismo e de romper com uma sociedade hierarquizada. Sendo uma vanguarda marcada pelas emoções e sentimentos, as suas obras eram sobretudo de temáticas sociais e psicológicas. Após explicarmos o nascimento do expressionismo, voltamos a utilizar o mesmo método: projetar uma obra expressionista e pedir a colaboração dos alunos para decifrar as suas características, baseada não no conhecimento que já têm, mas sim naquilo que sentem quando olham para a imagem. Para abordarmos o expressionismo escolhemos uma obra de Emil Nolde – Adão e Eva. Com mais confiança do que anteriormente, já tivemos mais alunos a participar oralmente e a descrever o que viam. Entendido o expressionismo, questionamos quais eram as diferenças entre o fauvismo e o expressionismo.

Durante alguns momentos a sala ficou silenciosa e uma aluna respondeu que as duas eram muito semelhantes. Demonstramos aos alunos que enquanto o expressionismo desenvolvia uma temática pesada, que privilegiava a angústia, o desespero e a miséria social o fauvismo tratava-se de uma arte alheia a qualquer índole social. Ao ficarem esclarecidos sobre o assunto continuamos com a descoberta das vanguardas.

Com base na obra de Pablo Picasso “Guernica” introduzimos o cubismo. O cubismo iniciou-se em 1907 após Picasso apresentar uma obra desconcertante (Couto & Rosas) “As meninas de Avinhão”. Fortemente marcado pelas influências de Cézanne o cubismo revela traços sobretudo geométricos, simplificação das formas e dos volumes e destruição das leis da perspetiva. Contudo o cubismo deteve duas fases: o cubismo analítico e o cubismo sintético. Através de imagens de obras de Picasso e Braque presentes no manual explicamos as diferenças entre os dois tipos de cubismo. Inicialmente os alunos não compreenderam quais as diferenças entre um e outro tipo de cubismo. Utilizando uma linguagem menos técnica e formal, mostramos que o cubismo analítico era menos perceptível devido à complexidade das formas

geométricas. Já o cubismo sintético destacou-se pela junção da pintura com colagens. Além da representação de objetos do quotidiano, os quadros são mais fáceis de interpretar. Questionamos a turma se existiam ainda dúvidas em relação ao cubismo ao qual os alunos responderam que não.

Devido ao contratempo inicial da aula, acabamos por não concluir a planificação dos primeiros 50 minutos. Quando nos apercebemos já só faltavam cinco minutos para os alunos irem ao intervalo e por isso quisemos mostrar um breve documentário sobre a vanguarda seguinte. Mais uma vez o sistema tecnológico falhou devido a uma incompatibilidade de vídeo, som e de ligação à internet. O vídeo já se encontrava no computador, mas mesmo com as colunas da escola não havia som. Tentamos ir ao site que tinha o vídeo, mas a internet não estava disponível. Chegada a hora do intervalo pedimos aos alunos que saíssem da sala, informando-os que chegassem a horas ao segundo tempo de aula. Durante os dez minutos de intervalo procuramos resolver o problema do vídeo. Com a ajuda da professora cooperante e do colega Sérgio Figueiredo conseguimos resolver o assunto com o computador da professora Noémia Braz a tempo de iniciarmos a segunda parte da aula.

Logo que o intervalo terminou e os alunos regressaram à sala pedimos que um voluntário fizesse um resumo do que tínhamos lecionado nos primeiros 50 minutos. Uma aluna fez a síntese das ideias gerais, porém um outro aluno completou as ideias da colega. Questionamos se existiam dúvidas e perante a resposta negativa avançamos com a planificação da aula. No entanto, apesar de termos planificado que em primeiro lugar explicaríamos as características do abstracionismo e somente depois mostraríamos o documentário, decidimos inverter a ordem. Pedidos aos alunos que estivessem com muita atenção ao documentário pois iríamos colocar questões mais adiante.

O documentário de duração de 1.52, disponibilizado pela plataforma Escola Virtual, inicia com uma breve biografia de Wassily Kandinsky. Tal como outros pintores da época, Kandinsky deixou-se levar pelas cores fortes e vibrantes produzindo obras abstratas com diversas interpretações.

A maioria das pinturas eram inspiradas em paisagens reais, mas o objetivo era representar na tela algo que não fosse figurativo. Deste modo, o abstracionismo tornava-se numa vanguarda de arte abstrata, não figurativa, intuitiva e imaginativa que

se revelava através da expressividade das cores, entre o claro-escuro, com manchas de cor e jogos dinâmicos de linhas. O vídeo termina com uma síntese das características gerais do abstracionismo.

O vídeo mostra de forma sintética as características do abstracionismo permitindo aos alunos que retenham a informação com mais clareza e objetividade. Mostramos imagens de obras de outros autores e pedimos aos alunos que relacionassem aquilo que estavam a ver com as características apresentadas no vídeo. Contudo, ao apresentarmos uma obra de Piet Mondrian “Composição amarelo e vermelho e preto” os alunos com ar de espanto perguntaram: Professora como é que esta obra é expressionista? Se só são quadrados deveria de ser cubista...

A troca de ideias e até de algumas gargalhadas surgiu na sala e foi necessário intervir para que pudessemos clarificar as questões.

Piet Mondrian era um pintor holandês que entre 1911 e 1914 apaixonou-se pelo cubismo. Procurava fazer da pintura um meio para expressar a verdade, mas ao mesmo tempo com a guerra procurou dar uma conotação social às suas obras. Aproveitando-se do individualismo e da tragédia da época procurou afirmar a sua originalidade suprimindo toda a emoção pessoal e tudo o que fosse acessório dela. Ao socorrer-se de figuras geométricas, conjugou-as com cores fortes e contrastantes. Enquanto que Kandinsky queria exprimir as suas emoções, Mondrian procurava abafar as emoções e simplificar a realidade. Para finalizar a nossa explicação projetamos uma frase que resume esta questão:

“Ao romper com as teses abstracionistas de Kandinsky, Mondrian pretende de uma forma inovadora que a arte tenha uma função social que é de contribuir para a construção de um mundo melhor, pela representação da ordem e da harmonia Universal através do equilíbrio das formas geométricas simples e das cores primárias e neutras.”

Inquirimos sobre se tinham compreendido as diferenças e se existiam dúvidas. Todas as conceções que já estavam pré-estabelecidas nos alunos quando olharam para a obra de Piet Modrian caíram por terra pois alguns dos alunos ainda afirmaram que fazia todo o sentido o que tínhamos explicado.

Prosseguimos na explicação dos conteúdos com a apresentação do Futurismo, Dadaísmo e Surrealismo. Tal como mencionado ao longo desta descrição de aula, utilizamos sempre obras de artistas conceituados que caracterizassem na plenitude as características de cada vanguarda. Quando abordamos o Surrealismo os alunos demonstraram um elevado interesse na medida em que as obras que apresentamos de Salvador Dali não lhes eram desconhecidas.

Decidimos aproveitar a curiosidade dos alunos quanto ao Surrealismo para fazer a ponte para a literatura modernista. Da mesma forma que as correntes artísticas tinham rompido com os cânones estabelecidos, a literatura assumiu-se tomando uma posição que revelava a vida psicológica e interior das suas personagens. Inclusivamente os padrões de escrita tinham sido quebrados pois surgiam novas formas de construção frásica ou até de linguagem. Podemos ver que a literatura se associou à arte permitindo a construção de poemas caligrafados ou até mesmo poemas fonéticos.

A esta altura da aula percebemos que o tempo estava a terminar e que não nos permitia abordar mais a parte da literatura, tal como previsto na planificação. Demos por encerrada a aula dando indicações aos alunos que retomaríamos o assunto na aula seguinte.

Ano: 12º Ano Turma: Tempo: 50 + 50 minutos Lição n.º: ____ Data: 10/10/2017 Mestranda: Daniela Guinapo Professor cooperante: Noémia Braz		Tema: As transformações das Primeiras Décadas do Século XX Unidade: Mutações nos Comportamentos e na nova cultura: As vanguardas. Rutura com os cânones das artes e da literatura Sumário: As vanguardas: Ruturas com os cânones das artes e da literatura					
Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
Mutações nos comportamentos e na cultura As vanguardas: ruturas com os cânones das artes e da literatura.	Caracterizar as vanguardas artísticas Relacionar os caminhos da literatura com o impacto na sociedade do século XX	Explicar o conceito modernismo e vanguarda Identificar as vanguardas artísticas Identificar os caminhos da literatura	Modernismo Vanguarda Cultural Fauvismo Expressionismo Cubismo Abstracionismo Futurismo Dadaísmo Surrealismo	Sumário Revisão e conclusão da aula anterior. Esquema-síntese; Definição do conceito de modernismo e vanguarda cultural. Leitura e análise do documento página 57 Explicação das características do Fauvismo Leitura de documento do manual	5min 30min	Registo de observação de aula Participação oral dos alunos	Projetor Manual Computador e power point

				Explicação das características do Expressionismo	15min		
				Explicação das características do Cubismo Analítico e Sintético	25min		
				Explicação das características do abstracionismo Visualização de um vídeo sobre a temática (Wassily Kandinsky)			
				Explicação das características do futurismo	25min		
				Explicação das características do Dadaísmo e Surrealismo Análise da importância do contributo da literatura para a época			

3ª Aula Lecionada: 12 de outubro de 2017

Duração: 100 minutos

Sumário: Consolidação da aula anterior – atividade prática. Rutura com o cânone da literatura. Paralelismo com o caso português.

No dia 12 de outubro de 2017 lecionamos a terceira aula. Após a aula anterior refletimos que devido aos contratempos a explanação dos conteúdos foi demasiado rápida para a quantidade de conceitos a serem aprendidos. Dada a situação repensámos a planificação e destinamos a primeira parte da aula para uma revisão dos conceitos, esclarecimento de dúvidas e realização de uma atividade.

Voltámos a utilizar o power point da aula anterior para rever alguns conceitos importantes e em cada vanguarda questionámos os alunos se havia dúvidas. Num momento inicial não houve qualquer tipo de intervenção por parte dos discentes, e por isso decidimos avançar para a tarefa que iria permitir refletir se a aprendizagem tinha sido efetuada com sucesso ou não. Contudo, além da avaliação formativa da aprendizagem, pretendemos utilizar a temática para implementar a motivação em aula. Como defendido nos capítulos anteriores a realização de atividades e o posterior feedback aumenta a autoconfiança dos alunos e motiva-os para as aprendizagens seguintes.

Foi solicitado à turma que se reunisse em pares, com exceção de um grupo que ficou composto por três elementos. Depois da turma estar organizada passamos à explicação da atividade.

Por cada grupo foi distribuído sete post-its onde cada um correspondia a uma vanguarda. Compilamos sete obras, cada

uma correspondente a uma vanguarda e sem qualquer ordem cronológica, tendo sido esta projetada na tela. Seguidamente pedimos aos alunos que dois a dois discutissem a que vanguarda pertencia cada obra. Após a discussão um dos elementos do grupo deveria dirigir-se ao quadro e colocar o post-it sobre a obra que consideravam corresponder à vanguarda. Alertamos que a atividade não poderia ser feita com

Figura 10 Compilação de obras artísticas para a realização da atividade (montagem elaborada pela mestranda)



consulta do manual ou dos apontamentos da aula anterior. O objetivo era trocar ideias com o colega do grupo e associar as características do quadro a cada vanguarda. Não existindo quaisquer dúvidas os alunos iniciaram a tarefa. Inicialmente pareciam assustados por não terem o manual ou o caderno diário como suporte à atividade. Consideravam que não sabiam nada sobre o que tinha sido dado a aula anterior e não se achavam capazes de efetuar a tarefa. Ainda assim e após um breve incentivo da nossa parte para os alunos, os mesmos ficaram

entusiasmados e sentiram-se confiantes em realizar a tarefa. Entre alguma conversa em sala e alguns risos dos alunos a tarefa teve a duração de 35 minutos. Em planificação estava previsto 25 minutos de atividade, contudo entendemos ao longo da realização da mesma os alunos precisavam de mais tempo.

Após a realização da tarefa corrigimos. Sobre cada obra estavam os post-its colocados pelos alunos e em alguns casos nem sempre correspondia à vanguarda correta. De uma forma geral percebemos que existiram dúvidas em identificar as obras futuristas, expressionistas e abstracionistas. Inquirimos os alunos sobre as dificuldades encontradas nestas

três vanguardas, e a resposta em geral prendeu-se pelas suas semelhanças. Estávamos na expectativa que a maior dificuldade estivesse em identificar o cubismo pois foi onde surgiu mais dificuldades na aula anterior, como tal quisemos garantir a aprendizagem destas três vanguardas voltando a referir os principais aspetos.

Com o auxílio de um esquema elaborado em power point apresentamos cada vanguarda com as obras analisadas pelos alunos na atividade. À medida que íamos reforçando as características de cada vanguarda perguntávamos aos alunos se ainda existiam dúvidas. Reforçamos a importância de saberem identificar e associar as obras à época em questão, uma vez que a arte era reflexo da sociedade.

Figura 11 Realização da atividade com os alunos.



Já prestes a terminar o primeiro tempo da aula, decidimos perguntar a opinião dos alunos sobre a realização da atividade. Questionámos a turma sobre o que tinham achado da atividade, se tinha ajudado a perceber as vanguardas, se as suas dúvidas tinham sido esclarecidas e se sentiram motivados na execução da mesma. Nem todos os alunos responderam, mas num aspeto geral os alunos referiram que a atividade lhes despertou o interesse, pois consideravam que as vanguardas artísticas não eram nada interessantes.

Figura 12 Slide em power point com um esquema síntese sobre as vanguardas artísticas. Elaborado pela mestrand.



Após os alunos terminarem o intervalo e regressarem à sala de aula, demos continuidade à temática da literatura que tinha sido iniciada na aula anterior. A esta altura da aula percebemos que não estávamos a cumprir os tempos da planificação pois a atividade tinha demorado mais tempo do que o previsto. Ainda assim, considerámos importante expor todos os conteúdos com a maior excelência possível e de modo a que todos os alunos compreendessem o que estava a ser transmitido, do que apressar a exposição em detrimento do cumprimento da planificação.

Como tal, questionamos aos alunos se se recordavam do que tinha sido falado na aula anterior no que dizia respeito à literatura modernista. Os alunos não se recordavam de nada. Apresentamos através do suporte digital – *power point* – um diapositivo com as características resumidas da literatura modernista.

O novo modelo de escrita vinha construir uma nova realidade, colocando muitas vezes dúvidas existenciais, fragilidades ou medos e isso traduzia-se através de uma nova linguagem que rompia com toda a tradição. Os poemas caligramados de Apollinaire ou os poemas fonéticos de Hugo Ball - Karawane eram exemplos desta rutura tradicional. Solicitamos a um aluno que lesse o poema fonético Karawane presente no manual na página 83. A meio da leitura a turma começou a rir pois consideraram engraçada a fonética das palavras. Explicamos que neste caso concreto Hugo Ball tinha a intenção de “deixar de lado” a linguagem” que considerava destruída pelo jornalismo de época.

Prosseguimos com a explicação dos conteúdos, mas desta vez passamos para o caso português. Enquanto a Europa anunciava as novas soluções estéticas, Portugal mantinha-se tradicionalista e naturalista no que concerne às obras artísticas. No entanto, foi com os republicanos que Portugal começou a assistir aos primeiros sinais de mudança nos padrões artísticos. É entre a euforia, os debates e as críticas políticas que um grupo de jovens que emerge no campo das artes com o objetivo de agitar a cultura com um toque de ousadia através das criações artísticas e literárias. O modernismo, termo já conhecido na Europa, tomara conta de Portugal e nele encontrávamos as vanguardas cubistas, futuristas, expressionistas e abstracionistas. Porém o modernismo Português dividiu-se em duas fases: O primeiro e o segundo Modernismo. Na verdade, esta divisão de épocas trata-se de duas gerações distintas que marcaram o modernismo português que merecem ser dissecadas devidamente.

No que diz respeito ao Primeiro Modernismo este é datado de 1911 a 1918. Como podemos perceber a primeira fase do modernismo coincide com a Primeira Guerra Mundial e está ligado a uma exposição livre, independente e humorística que juntou diversos artistas em Lisboa e no Porto. As obras na sua maioria eram caricaturas, sátiras políticas e sociais enquadradas em espaços boémios com cores bastante contrastantes. A vontade de romper com a tradição era assumida pelas obras futuristas.

Após esta breve introdução sobre o modernismo português, apresentamos aos alunos os contrastes naturalistas e modernistas com duas pinturas. Inicialmente pedimos aos alunos que nos revelassem as diferenças que encontravam entre as duas obras. Alguns alunos disseram que as cores numa das obras eram mais fortes que na outra pintura,

outros alunos reforçaram que numa das obras as figuras humanas eram proporcionais enquanto que na outra obra não.

Escolhemos uma pintura de Carlos Reis - As engomadeiras. Este pintor retratava uma cena naturalista que visava uma preocupação com o real e com as cenas do quotidiano. Na verdade, o realismo das personagens, o sentido da perspetiva e a pintura de fácil entendimento marcavam a geração de artistas naturalistas. Já as obras modernistas, e neste caso específico de Amadeo Souza Cardoso – Canção Popular: A russa e o fígaro, revelava com clareza o afastamento da representação da realidade, utilizando cores contrastantes e fortes sem qualquer perspetiva e sentido de proporção.

Mas além da arte em forma de pintura surgiu a arte na literatura. Dos polos culturais que surgiram em Lisboa e no Norte emergiu a revista Orpheu. Liderado por Almada Negreiros e Santa Rita Pintor, juntou-se Fernando Pessoa e Mário Sá Carneiro e juntos criaram a revista Orpheu. A revista revelava a ligação entre a literatura e a arte mostrando a rutura entre o saudosismo e o tradicionalismo nacionalista. Baseada no futurismo, os jovens da Orpheu deixaram Portugal escandalizado devido à escrita agressiva e ao corte com o passado tradicional. O manifesto Anti Dantas revelava esta cultura meramente retrograda que assolava o país. O culminar destas manifestações críticas deu-se com o Ultimatum futurista de Almada Negreiros em 1917 que contestava o atraso do país incentivando-o ao progresso e à modernidade. Este discurso saiu na única edição da revista Portugal Futurista, uma vez que esta foi apreendida pela polícia política no momento da saída da tipografia.

Esta explicação fora sempre acompanhada dos recursos digitais projetados na aula, bem como no apoio dos documentos presentes no manual, onde encontramos para leitura a Ode Triunfal de Álvaro de Campos e um pequeno discurso de Mário Sá Carneiro. Solicitamos a leitura dos mesmos por parte de um aluno voluntário de modo a complementar a nossa explicação da primeira fase do modernismo. Apesar destas leituras não estarem previstas na planificação da aula, consideramos fundamental a sua leitura para complementar o processo de ensino-aprendizagem. Ainda para encerrar o primeiro modernismo mostramos aos alunos um documentário de 3 minutos ⁶ sobre Fernando Pessoa e o seu impacto na literatura Portuguesa. Poderíamos ter escolhido outro vídeo que explicasse a importância das artes e da literatura em Portugal, porém

⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jfUEJo10nrM>

tendo em conta que estamos a lecionar a uma turma do 12ºano LH, decidimos apresentar algo que estivesse relacionado com os conteúdos programáticos da disciplina de Português. Como tal escolhemos um vídeo sobre Fernando Pessoa.

Como dito anteriormente, o fim do primeiro modernismo ocorreu em 1918. Ocorreu devido à morte de Sá Carneiro, Santa Rita e Amadeo de Souza Cardoso e com a viagem de Almada Negreiros para Paris. Deste modo, durante os anos 20 e 30 emergiram novos artistas e escritores que deram continuidade ao trabalho dos primeiros modernistas. José Régio, Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões e Mário Eloy e tantos outros deram a cara ao movimento modernista já instaurado. Novas publicações surgiram, nomeadamente a Contemporânea e a Presença. Nas publicações podíamos ver a rejeição dos organismos oficiais, a continuidade das exposições independentes e a afirmação destes artistas em bares e cafés, pois somente nestes locais de lazer é que era possível os artistas exporem as suas obras ao público.

O café - Brasileira, conhecido por muitos, era um dos espaços escolhidos para a exposição modernista. A sua decoração interior revelava um pouco deste sentimento trazido pelos vanguardistas da época. No fundo, os cafés como a Brasileira no Chiado ou o Bristol Club, tornaram-se os museus de arte.

No que diz respeito à pintura, esta revelou-se fortemente marcada pelo expressionismo e com temáticas de densidade psicológica e crítica social. A arte que antes estava mais ligada ao cubismo passou a ser uma arte mais figurativa. Para exemplificar esta questão, projetamos duas obras: Uma de Mário Eloy, da minha janela, 1938 e outra de Júlio, o burguês e a menina, 1931. Solicitamos a colaboração dos alunos na descrição das duas imagens e para procurarem as diferenças e semelhanças. Os alunos revelaram-se bastante participativos na descrição das obras fazendo-as na perfeição.

Verificamos que já faltava pouco para terminar a aula e por isso decidimos fazer a síntese. Pedimos a colaboração da turma para fazer uma síntese do que tinham aprendido na aula. Uma aluna voluntariou-se e fez o resumo da aula. Porém notamos que os restantes elementos da turma estavam a dispersar e por isso decidimos intervir realizando questões orais sobre o modernismo e ainda das vanguardas. Verificamos que os alunos estavam a corresponder às expectativas e que a aprendizagem tinha sido efetuada com sucesso. Demos assim por terminada a aula.

Ano: 12º Ano Turma: Tempo: 50 + 50 minutos Lição n.º: ____ Data: 12/10/2017 Mestranda: Daniela Guinapo Professor cooperante: Noémia Braz		Tema: As transformações das Primeiras Décadas do Século XX Unidade: Mutações nos Comportamentos e na nova cultura: As vanguardas. Rutura com os cânones das artes e da literatura Sumário: Consolidação da aula anterior – atividade prática. Rutura com o cânone da literatura. Paralelismo com o caso português					
Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
Mutações nos comportamentos e na cultura As vanguardas: ruturas com os cânones das artes e da literatura.	Caracterizar as vanguardas artísticas Relacionar os caminhos da literatura com o impacto na sociedade do século XX	Identificar as vanguardas artísticas Identificar os caminhos da literatura	Modernismo Vanguarda Cultural Fauvismo Expressionismo Cubismo Abstracionismo Futurismo Dadaísmo Surrealismo	Sumário Atividade prática de consolidação dos conteúdos lecionados na aula anterior sobre as vanguardas artísticas. Os caminhos da literatura Leitura de documento do manual; leitura de poema fonético	5min 25min 20min	Registo de observação de aula Participação oral dos alunos	Projetor Manual Computador e power point

				<p>Modernismo Português: Primeiro Modernismo e o Segundo Modernismo</p> <p>Visualização de um documentário sobre o Modernismo português.</p> <p>Leitura e análise de documento do manual</p> <p>Síntese de Aula</p>	<p>30min</p> <p>20 min</p>		
--	--	--	--	---	----------------------------	--	--

4ª Aula Lecionada: 30 de outubro de 2017

Duração: 100 minutos

Sumário: A grande depressão: Dimensão Financeira, económica e social da crise; Atividade prática em grupo.

A 30 de Outubro pelas 8h15 demos início à nossa quarta aula. Notamos que os alunos estavam desanimados, pois não era costume entrarem na sala e sentarem-se tão calados. Uma vez que era segunda-feira iniciamos a aula questionando se o fim de semana tinha sido bom e após os cinco minutos iniciais demos início à aula.

Começamos por ditar o sumário e referir que daríamos início a uma nova temática: O agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30. Antes de partirmos para a explicação dos conteúdos colocamos uma questão: quais os indicadores reveladores da prosperidade americana nos anos 20?

A frase estava projetada na tela e demos alguns minutos para que os alunos pensassem e respondessem. Uma aluna associou os anos 20 à emancipação da mulher e aos seus atos revolucionários. Perguntamos à turma se existiam mais respostas que se relacionassem com a prosperidade americana, mas não obtivemos resposta pelo que decidimos relembrar alguns conceitos dados em aulas anteriores.

A sociedade dos anos 20 estava fortemente marcada com a Primeira Guerra Mundial. O descrédito nas instituições religiosas, políticas e sociais levou a que a população tentasse esquecer o horror da guerra instaurando uma cultura de ócio e divertimento. Entre a instauração de uma nova vivência social e um novo conceito de espaço e tempo surge um clima de paz e prosperidade. É durante os anos 20 que os Estados Unidos da América conhecem um grande crescimento industrial tornando-se a primeira potência mundial permitindo-lhes investir em tecnologias e aumentos salariais. Com o crescimento da produção em massa os preços diminuíram e o consumo aumentou; ao mesmo tempo as propagandas publicitárias incitavam a população a adquirir os modelos mais recentes de eletrodomésticos, de carros, imóveis ou de outros produtos. Incentivados pela banca, a população recorria ao crédito que era aprovado com máxima facilidade. A política de fácil acesso ao crédito mantinha artificialmente o poder de compra americano, enquanto o investimento na bolsa de valores era alimentado por uma especulação constante.

Em 1927 apareceram os primeiros sinais de fragilidade económica no sector agrícolas e industrial, mas ainda assim em 1928 os americanos continuavam a crer que o seu país estava a atravessar uma fase de prosperidade que jamais teria fim.

Para expor os primeiros sinais de fragilidade económica decidimos elaborar um esquema síntese.

Figura 13. Slide power point. Esquema síntese dos primeiros sinais de fragilidade económica



No entanto, para completar a nossa explicação pedimos a um voluntário que lesse o documento da página 108 que mostra uma entrevista de um jornalista a um político francês à data da explosão da crise de Wall Street. Após a leitura pedimos aos alunos que nos dissessem, de acordo com o documento, quatro pontos fracos da economia que tinham levado à crise americana.

Notámos que os alunos estavam com dificuldades em retirar do texto os quatro pontos fracos da economia, pois a primeira resposta que deram foi que não sabiam. Solicitamos que lessem parágrafo a paragrafo e que encontrassem algo que respondesse à questão colocada. Ao fim de cada parágrafo enquadrávamos a leitura com aquilo que tinha sido dito por nós anteriormente para explicar o surgimento da crise. Após esta segunda leitura, mais pausada, conseguimos chegar ao fim do documento com a resposta dos alunos sobre os quatro pontos fracos da economia.

Seguidamente e não existindo dúvidas prosseguimos com a explicação da dimensão financeira, económica e social da crise de 1929. Pedimos aos alunos que prestassem atenção na medida em que os conteúdos seguintes seriam importantes para entender os módulos seguintes.

Desde 21 de outubro que as ordens de venda das ações se acumulavam na Bolsa. Os grandes acionistas estavam preocupados com a descida dos preços e dos lucros industriais. O culminar da situação deu-se a 24 de outubro, com o crash bolsista, quando 13 milhões de títulos foram postos à venda sem qualquer comprador. A 29 de Outubro o número de ações tinha aumentado para 16 milhões originando a ruína da economia e em poucos meses as ações eram apenas meros documentos sem valor. (Couto & Rosas) Com o pânico instalado, muitas famílias perderam as suas poupanças, casas, emprego levando muitos ao suicídio devido ao prejuízo financeiro.

Enquanto explicávamos o crash bolsista os alunos interrogaram-nos sobre como é que a bolsa funcionava. Na realidade, os alunos queriam perceber como é que a população comprava as ações sem saber se o mercado financeiro estava estável. Voltamos a reforçar a ideia da especulação. Era do conhecimento geral que o mercado financeiro estava estável e que valia a pena comprar as ações, mesmo que para isso se recorresse ao crédito. Do mesmo modo, a desvalorização da moeda era uma das consequências desta crise económica.

Ao explicarmos estes conceitos percebemos que o tema era sensível para os alunos pois gerou o debate na turma. A maioria dos alunos não entendia como é que a moeda podia ser desvalorizada e de como é que isso afetava a economia do país e para isso recorremos a exemplos práticos do nosso dia-a-dia que revelassem a redução do poder de compra dos consumidores.

Para complementar a explicação recorremo-nos de um mapa que mostrava a extensão mundial da crise. A grande depressão chegou até aos países dependentes dos Estados Unidos e a crise deflacionista gerou um ciclo vicioso onde a diminuição do consumo gerava a queda dos preços e da produção, falências, desemprego e novamente diminuição do consumo. Para as entidades políticas americanas a solução era aumentar para 50% o valor das importações, porém isto gerou uma incapacidade dos restantes países em adquirir a produção americana originando o declínio do comércio mundial. Ao mesmo tempo que íamos apresentando os motivos para o declínio do comércio mundial envolvíamos os alunos numa dinâmica de interpretação do mapa.

Esclarecidas as questões económicas da crise de 29 avançamos para as consequências sociais da crise. Decidimos iniciar esta temática com a visualização de um

documentário de 7 minutos intitulado “Contexto: A grande depressão nos Estados Unidos -1929” (Morais, 2016).

O vídeo é um conjunto de testemunhos de pessoas que viveram durante os anos 30 e que viram as suas vidas mudadas de um dia para a outro, onde a fome, o desespero, a falta de condições de vida tomou conta de muitas famílias da época. Antes de iniciarmos a visualização do documentário solicitamos aos alunos o máximo de atenção pois as informações transmitidas seriam uteis para a compreensão do contexto social dos anos 30 e da realização da atividade que seria proposta de seguida.

Durante a visualização do documentário foi interessante ver as reações dos alunos e a sua sensibilidade para os testemunhos relatados no documentário. Este género de temáticas é muito atrativas para estes alunos devido ao contexto em que estão inseridos, e também por isso escolhemos este vídeo acreditando que é sempre um modo de suscitar interesse e ao mesmo tempo motivá-los para as aprendizagens seguintes.

Quando o vídeo terminou reparamos que já estava na hora do intervalo. Pedimos aos alunos que cumprissem o horário do intervalo de modo a executarmos as tarefas propostas para a segunda parte da aula. Com o retorno à sala, solicitamos a um voluntário da turma que fizesse um breve resumo sobre o que tinha sido dado na primeira parte da aula. Uma aluna resumiu sucintamente a sequência da aula e os conceitos mais importantes fazendo a ponte com o documentário visualizado. A transição da temática económica para a social e a visualização do vídeo gerou um debate entre a turma com uma duração de 15 minutos, com troca de reflexões e opiniões sobre o tema.

Após a troca de ideias passamos explicar a atividade proposta em sumário baseada na obra de John Steinbeck “As vinhas da Ira”, um romance inspirado na Grande Depressão que relata a história de uma família que abandona as suas terras do Oklahoma devido à grande crise. As dificuldades desta família foram as mesmas que muitas outras famílias viveram na época. Na realidade esta obra literária tem um carácter histórico, mas também serve de denúncia social.

Pedimos aos alunos que se reunissem em grupos de três a quatro elementos, uma vez que seriam distribuídos excertos da obra “As vinhas da Ira”⁷.

No fim de cada excerto os alunos encontravam uma questão que estava relacionada com o excerto e com a matéria lecionada. Referimos que para a realização da atividade poderiam utilizar o manual, os apontamentos da aula e o telemóvel caso fosse necessário pesquisar o significado de alguma palavra. Apesar das ferramentas estarem ao dispor dos alunos, os mesmos não dispensaram o nosso auxílio, e à medida que passávamos em cada grupo para ver como estava a correr a atividade os alunos colocavam dúvidas, as quais eram esclarecidas de imediato.

Apesar da planificação da atividade estar prevista apenas para esta aula verificamos que o tempo que tínhamos disponibilizado era insuficiente para a concretização da mesma, como tal informamos os alunos do termino da aula informando que a tarefa continuaria a ser realizada no dia seguinte.

⁷ Em anexo nomeado Aula 30Outubro2017 encontram-se os textos apresentados aos alunos bem como as suas respostas.

Ano: 12º Ano Turma: Tempo: 50 + 50 minutos Lição n.º: _____ Data: 30/10/2017 Mestranda: Daniela Guinapo Professor cooperante: Noémia Braz		Tema: O agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30 Unidade: A grande depressão e o seu impacto social Sumário: A grande depressão: Dimensão Financeira, económica e social da crise; Atividade prática em grupo					
Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
O Agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30	A grande depressão e o seu impacto social	<p>Referir os indicadores reveladores da prosperidade nos anos 20</p> <p>Enunciar os sinais de fragilidade a partir de 1927</p> <p>Analisar a especulação bolsista; crash e as suas consequências</p> <p>Analisar os indicadores que revelam a</p>	<p>Crash bolsista</p> <p>Deflação</p> <p>Inflação</p>	<p>Sumário</p> <p>Revisão dos indicadores da prosperidade nos anos 20; anos 20 vs anos 30;</p> <p>Explicar os primeiros sinais de fragilidade económica: 1927.</p> <p>A crise de 1929: Análise do crash e das suas consequências a nível mundial</p> <p>Visualização e análise do excerto do documentário “Contexto: A grande depressão</p>	<p>5min</p> <p>10min</p> <p>15min</p> <p>10min</p> <p>10min</p> <p>15min</p>	<p>Registo de observação de aula</p> <p>Participação oral dos alunos</p> <p>Atividade prática em grupo em sala de aula</p>	<p>Projetor</p> <p>Manual</p> <p>Computador e power point</p>

		<p>mundialização da crise</p> <p>Definir deflação</p> <p>Explicitar as consequências sociais da crise</p>		<p>Explicar a grande depressão nos anos 30: abordagem do conceito deflação</p> <p>Os efeitos sociais da crise</p> <p>Atividade prática de grupo com os alunos: análise de excertos da obra “As vinhas da Ira” de John Steinbeck. Relacionar os excertos da obra com a história da grande Depressão</p>	<p>5min</p> <p>30min</p>		
--	--	---	--	--	--------------------------	--	--

5ª Aula Lecionada: 31 de outubro de 2017

Duração: 100 minutos

Sumário: Correção da atividade realizada na aula anterior. O intervencionismo do Estado: New Deal

Iniciamos a aula a pedir aos alunos que se reunissem com os grupos da aula anterior para finalizarem a tarefa da obra “As vinhas da Ira”⁸. Distribuímos os excertos e estabelecemos um tempo limite de 10 minutos para terminarem a tarefa. Após a concretizarem e antes de iniciarmos a correção perguntamos a opinião dos alunos sobre a realização da mesma. Muitos alunos consideraram a atividade difícil pois tinham dificuldades em interpretar os textos e interligar com a matéria dada na aula. A resposta dos alunos só veio mais uma vez confirmar a necessidade de trabalhar para melhorar a interpretação dos documentos pois é nesta competência que existe mais dificuldade.

Ao falarmos com alguns alunos na aula anterior (enquanto realizavam a atividade) percebemos que muitos se sentem incapacitados pois não conheciam algumas palavras presentes nos excertos. Recorrendo ao reforço positivo incentivamos os alunos na realização da atividade e por isso também permitimos que utilizassem os materiais que estavam à sua disposição, tais como o manual, o caderno e o telemóvel.

Prosseguindo para a correção, pedimos a cada grupo que elegeisse um porta-voz para ler a resposta dada pelo grupo. Criamos uma dinâmica em aula, em que o aluno resumia o excerto que tinha sido proposto ao seu grupo, dava a resposta à questão colocada e seguidamente a turma indicava o que estava certo ou errado debatendo durante alguns minutos. Terminada a discussão, projetávamos na tela uma proposta de correção. À medida que apresentávamos a proposta de correção questionávamos os alunos sobre dúvidas que tivessem surgido. Chegada ao fim a correção, voltamos a questionar a turma sobre os conceitos abordados na aula anterior, tais como, desvalorização da moeda, crash bolsista, deflação, inflação e crise de superprodução. No fim da aula anterior tínhamos ficado com a sensação de que os conceitos não tinham sido bem

⁸ Disponibilizado em anexo na aula do dia 30deOutubro2017

explorados e esclarecidos. A nossa percepção estava correta uma vez que ainda havia alunos com algumas dúvidas que só dissiparam nesta aula.

Com recurso a um esquema elaborado⁹ por nós voltamos a explicar todos esses conceitos, utilizando uma linguagem mais recorrente ao mesmo tempo que fazíamos um paralelismo com o nosso quotidiano, dando alguns exemplos práticos.

Quando concluímos o discurso questionamos os alunos se o assunto tinha ficado esclarecido. Por fim todos concordaram que a utilização do esquema e dos exemplos práticos surtiram efeito, pelo que ficaram a entender melhor o conceito de deflação e de como é que a desvalorização da moeda é feita.

Apesar da planificação prever 30 minutos para a concretização da atividade, respetiva correção e esclarecimento de dúvidas, não foi de todo possível cumprir o tempo, uma vez que os alunos colocaram algumas questões quanto à matéria lecionada. Quando olhamos para o relógio só faltavam 5 minutos para terminar o primeiro tempo.

Decidimos à mesma começar por abordar o intervencionismo do Estado explicando o seu significado. No regresso dos alunos à sala de aula, após ter terminado o intervalo, utilizamos o método expositivo com o auxílio do *power point* para explicar os conceitos seguintes: intervencionismo e *New Deal*.

Com recurso aos slides em *power point* explicamos o impacto da grande depressão a nível económico. Os anos 30 revelaram as fragilidades do capitalismo liberal e John Keynes, economista britânico duvidou da capacidade capitalista em resolver o problema económico que se alastrava, por isso criou o conceito de intervencionismo do estado que tinha como fim um papel regulador e organizador da economia.

Além de recorrermos aos esquemas por nós criados e projetados em sala de aula, utilizamos o manual e pedimos a colaboração dos alunos na leitura de um documento do mesmo. Tal com previsto na planificação solicitamos à turma um voluntário para ler o documento B da página 132, e desde logo um aluno disponibilizou-se para a atividade. O documento é da autoria de John Keynes e revela as características fundamentais do intervencionismo do Estado e as suas vantagens.

⁹ Ver em anexo slide 4 do *power point* intitulado “A resistência das democracias liberais”

Logo após a leitura continuamos ainda a explicar o conceito de Intervencionismo, mas aplicado ao caso dos EUA. Com uma breve introdução biográfica do presidente Franklin Roosevelt referimos que surgiu um conceito de Novo Acordo ou de *New Deal*. Seguidamente explicamos a sua definição e até utilizamos uma caricatura da época¹⁰ que revela que o *New Deal* era considerado uma “teoria experimental” na qual não se sabia se sortia efeito positivo.

Prosseguimos com a explanação das diferentes fases do *New Deal* e as suas consequências. Quando terminamos esta parte verificamos que tinha sobrado tempo de aula. Fizemos as revisões e esclarecemos as dúvidas que a turma tinha, no entanto ainda faltavam 10 minutos para a aula terminar. Decidimos consolidar os conteúdos com a realização de exercícios. Pedimos aos alunos que abrissem o manual na página 135 e que realizassem as questões presentes na página.

Como não tivemos tempo de corrigir na aula informamos os alunos que na aula seguinte iríamos proceder à correção dos mesmos.

¹⁰ Ver slide 6 do power point intitulado “A resistência das democracias liberais”

Ano: 12º Ano Turma: Tempo: 50 + 50 minutos Lição n.º: _____ Data: 30/10/2017 Mestranda: Daniela Guinapo Professor cooperante: Noémia Braz		Tema: O agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30 Unidade: A grande depressão e o seu impacto social Sumário: Correção da atividade realizada na aula anterior. O intervencionismo do Estado: New Deal					
Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
O agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30	A grande depressão e o seu impacto social	Explicar a inflexão intervencionista dos Estados democráticos	Intervencionismo	Sumário	5min	Registo de observação de aula	Projetor Manual
	A resistência das democracias liberais		New Deal	Conclusão e correção da atividade realizada na aula anterior Consolidação dos conteúdos sobre o Crash de Nova Iorque Explicação da resistência das democracias liberais – O intervencionismo Explicação do conceito Intervencionismo segundo Keynes	30 min 15min		

				<p>Leitura do documento B página 132</p> <p>Definição de New Deal - A importância de Franklin Roosevelt</p> <p>Explicação das várias fases do New Deal</p> <p>Explicação das consequências do New Deal</p> <p>Resumo de Aula e esclarecimento de dúvidas</p>	<p>25min</p> <p>20min</p> <p>5 min</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

6ª Aula Lecionada: 2 de novembro de 2017

Duração: 100 minutos

Sumário: Correção dos exercícios realizados na aula anterior. Revisão do conceito de *New Deal*.

Os governos de Frente popular.

No dia 2 de novembro demos continuidade à aula anterior tendo por base o término dos exercícios propostos aos alunos. Conscientes de que faltava apenas realizar uma questão facultamos cinco minutos para os alunos finalizarem os exercícios. Logo de seguida foi feita a correção com o pedido de que os alunos participassem da mesma.

Em primeiro lugar pedimos que um dos alunos lesse a sua resposta e seguidamente a turma deveria indicar se a mesma estava certa, errada ou incompleta. No caso de estar errada ou incompleta, os colegas deveriam de apresentar uma sugestão de correção de forma oral. Quando planificamos esta correção pretendíamos que os alunos interagissem uns com os outros e que se gerasse um pequeno debate com reflexões sobre o assunto em questão. A cada questão respondida e defendida pelos alunos, nós projetamos o exemplo de uma resposta.

Notámos que na maioria das vezes o que faltava nas respostas dos alunos era uma estrutura e linha de pensamento. Por já não ser a primeira vez que verificávamos esta debilidade, em todos os exercícios propostos, decidimos incluir um exemplo de correção com o objetivo ensinar aos alunos como construir uma resposta coerente mediante os documentos apresentados.

Quando terminamos interpolamos os alunos se existiam dúvidas ou se queriam colocar questões. Como a resposta foi negativa efetuamos uma revisão das ideias da aula anterior recorrendo a um esquema síntese elaborado por nós. Chegado ao fim da revisão, voltamos a indagar se existiam dúvidas. Sem quaisquer questões por parte dos alunos encerramos a primeira parte da aula.

Após o regresso dos alunos à sala de aula introduzimos a temática correspondente à aula e escrita em sumário: Os governos de frente popular e a mobilização dos cidadãos.

Como visto na aula anterior o intervencionismo do Estado permitiu às democracias liberais resistir à crise económica ao mesmo tempo que recuperavam a credibilidade política. Nos outros países, como por exemplo a França, a crise eternizava-se pela

insistência dos governos em políticas deflacionistas. No caso do Reino Unido, os partidos alternados no poder uniram-se em governos de unidade nacional para combater a crise, concedendo apoio às empresas industriais com campanhas intervencionistas. Do mesmo modo, a Suécia adotou as medidas com a chegada do Partido Social Democrata.

Mas o que afinal são frentes populares e qual a sua importância? Com esta questão abordamos os discentes inquirindo-os se tinham ideia do que poderia significar as palavras frentes populares. Os discentes responderam que não sabiam, mas que pela denominação pensavam que estava relacionado com o estatuto social do povo. Nesta mesma altura projetamos a definição de frentes populares.

Apesar de existirem alguns exemplos de frentes populares pelo mundo, decidimos apenas abordar os dois países que se encontram no manual: o caso da França e da Espanha.

Iniciamos a exploração pelo caso francês projetando em *power point* algumas das principais ideias defendidas. A conjuntura recessiva quase pôs fim ao regime parlamentar e com o descrédito das instituições políticas, os governos enfrentavam as críticas da esquerda, que apelava às soluções apresentadas por Keynes.

Com a ascensão das forças da extrema-direita, iniciou-se uma mobilização dos cidadãos, que convergiu numa ampla ligação de esquerda denominada de Frente Popular, cujo slogan assentava sobre “pelo pão, pela paz e pela liberdade”. Este governo triunfou em 1936 com a presidência do socialista Léon Blum, onde contou com várias medidas económicas e sociais.

De modo a dar conhecimento aos alunos do programa eleitoral proposto, pedimos que lessem o documento 27 da página 135. Solicitámos a um elemento da turma que lessem em voz alta e no fim da leitura interpretamos o documento interligando com os conceitos que tinham sido falados anteriormente.

Seguimos com a aula e com a apresentação de um esquema-síntese com todos os benefícios e medidas aprovados pelo governo de frente popular em França. Obrigatoriamente abordamos o acordo de Matignon. Apesar de termos sintetizado este aspeto (uma vez que o tempo de aula já estava a terminar) considerámos útil e proveitoso para os alunos a leitura do documento 28B da página 136 que aborda este

assunto. Ao ser um excerto com apenas cinco artigos interpretamos cada artigo relacionando-o mais uma vez com aquilo que tinha sido falado anteriormente com o auxílio dos recursos digitais.

Com a aula quase a terminar, abordamos ainda o caso Espanhol. Do mesmo modo que fizemos para o caso Francês, lemos em conjunto o programa eleitoral da frente popular espanhola e posteriormente as medidas por eles implementadas.

Apesar do nosso receio ao longo da aula em não conseguirmos cumprir com a planificação verificámos nos últimos cinco minutos que as metas propostas foram cumpridas. Por fim os alunos colocaram algumas questões e de seguida demos por encerrada a aula.

Ano: 12º Ano Turma: Tempo: 50 + 50 minutos Lição n.º: __ Data: 02/11/2017 Mestranda: Daniela Guinapo Professor cooperante: Noémia Braz	Tema: O agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30 Unidade: Os governos de Frente Popular e a mobilização dos cidadãos Sumário: Correção dos exercícios realizados na aula anterior. Revisão do conceito New Deal. Governos de frente popular
--	---

Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
O Agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30	A resistência das democracias liberais Os governos de Frente popular e a mobilização dos cidadãos	Explicar a inflexão intervencionista dos Estados Democráticos	Deflação	Sumário	5min	Registo de observação de aula	Projektor
			Inflação	Correção dos exercícios realizados na aula anterior.	15min	Participação oral dos alunos	Manual
			New Deal	Revisão dos conceitos aprendidos na aula anterior. Apresentação de esquema-síntese.	20min		
				Esclarecimento de dúvidas. Introdução ao tema: os Governos de frente popular e a mobilização dos cidadãos. O intervencionismo na Europa – o caso do Reino Unido e da Suécia	10min		Computador e power point

				<p>Exploração do caso francês: a Frente popular</p> <p>Leitura e análise do excerto do programa eleitoral (página 135, documento 27^a)</p> <p>5min</p> <p>Leitura e análise do excerto do Acordo de Matignon (Manual, página 136, documento 28B)</p> <p>25min</p> <p>Explicação do caso espanhol: Frente popular e as suas consequências (Guerra Civil de Espanha)</p> <p>20min</p> <p>Leitura e análise do programa eleitoral da Frente popular em Espanha (1936)</p> <p>5 min</p> <p>Síntese esquemática da aula</p>		
--	--	--	--	--	--	--

7ª Aula Lecionada: 30 de novembro de 2017

Duração: 100 minutos

Sumário: O Estado Novo: O enquadramento das massas. O aparelho repressivo do Estado.

A 30 de Novembro lecionamos a penúltima aula. Os conteúdos preparados para este dia eram uma continuação da matéria exposta pela colega Vanda Serrão. Ao entrarmos na sala verificamos que os alunos estavam alegres e bem-dispostos e sem que antes fosse solicitado já estavam a pedir o sumário da aula. Ditámos e projetamos na tela o sumário referindo que a aula era uma continuação das aulas anteriores onde era necessário já saberem alguns conteúdos e conceitos importantes.

Apesar de sabermos, por termos assistidos as aulas lecionadas pela colega Vanda, o que tinha sido lecionado decidimos efetuar um esquema síntese apenas para relembrar os alunos de aspetos importantes referentes ao Estado Novo. Compreender o modo de atuação do Estado Novo através das massas requer dos alunos o conhecimento dos seus princípios e pilares fundamentais do regime.

Por já conhecermos bem a turma e sabermos o que é eficaz para a retenção da aprendizagem utilizamos o mesmo método que nas aulas anteriores. Começamos por relembrar o princípio do autoritarismo interligando ao nacionalismo tradicionalista e aos pilares do regime que davam forma ao Estado Novo.

Após 15 anos de saldo negativo no orçamento de Estado, Salazar conseguiu equilibrar a economia portuguesa fazendo com que o orçamento passasse de negativo a positivo. Esta conquista permitiu-lhe em 1932 a nomeação para a chefia do governo com um ministério civil. Nunca escondendo o seu propósito político António Salazar instaurou uma nova ordem política que era acompanhada de estruturas institucionais. Ao consagrar o sistema governativo como Estado Novo, Salazar afirmava-se o tutelar do mesmo onde o autoritarismo e os interesses individuais convergiam para os interesses da Nação. Para isso utilizou slogans, tais como “Estado Forte” e “Tudo pela Nação, nada contra a Nação” para afirmar o seu repúdio contra a democracia, parlamentarismo e o liberalismo.

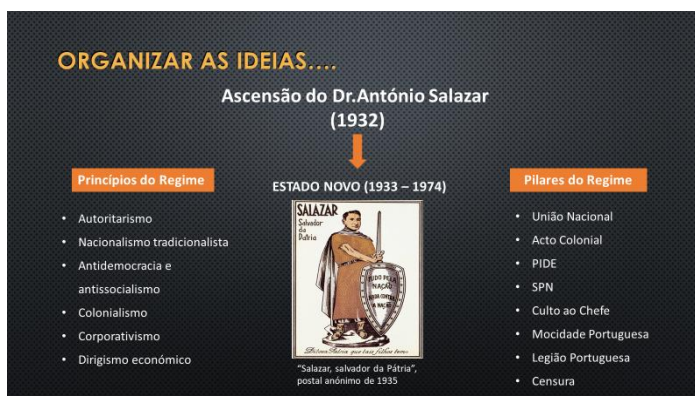
Apesar desta nota introdutória feita por nós pedimos aos alunos que colaborassem. Solicitamos que se recordassem das aulas anteriores e que nos dissessem uma ideia de cada princípio do Estado Novo. Percebemos que o autoritarismo, nacionalismo e antidemocracia estavam bem claros para os alunos, no entanto percebemos que os alunos estavam pouco à vontade com o conceito de dirigismo económico. Muitos dos alunos não percebiam o seu significado.

Demostramos que o modelo adotado por Salazar na economia assentava sobretudo num país que fosse autossuficiente. Ao sujeitar toda a produção e gestão da riqueza nacional em prol do Estado assistia-se a uma rejeição completa do liberalismo económico. Referir que a economia era dirigista significava que esta era direcionada apenas para os interesses do Estado.

Perguntámos à turma se tinham entendido a explicação e se existia alguma dúvida que quisessem colocar. Não existindo dúvidas prosseguimos com a aula dando início ao enquadramento das massas.

Fazendo uma pausa na descrição detalhada da aula, queremos que o leitor perceba as intenções de termos projetado o seguinte slide:

Tal como referido em aulas anteriores, compreendemos que uma esquematização no início e no fim de cada aula é importante para garantir a aprendizagem. No caso do começo da aula, é fundamental que seja apresentado uma síntese da aula anterior e uma síntese do que será



dado durante a aula. No caso do slide em questão, organizámos do lado esquerdo os conceitos que os alunos aprenderam de aulas anteriores, e do lado direito os conteúdos que seriam dados na presente aula.

Respeitante ao enquadramento das massas decidimos projetar o Decálogo do Estado Novo para iniciar a explicação. A longevidade do Estado Novo está relacionada com

as instituições instauradas que conseguiram utilizar as massas para ter adesão ao regime. Dirigida por António Ferro, o Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) encarregou-se da difusão das ideias do regime através das massas. Um dos exemplos é o cartaz de propaganda que contém os dez princípios do Estado Novo.

Em cada ponto fomos pedindo aos alunos que identificassem os princípios do regime (autoritarismo, nacionalismo, corporativismo, etc.). Alguns alunos questionaram para que servia o decálogo do regime. Entendemos que os alunos não tinham percebido a finalidade do decálogo e não estavam a conseguir interligar com os conceitos que tinham aprendido. Decidimos utilizar uma linguagem mais simples. Perguntámos aos alunos se todos sabiam o que eram os 10 mandamentos. Todos responderam que sim. Explicamos que o decálogo funcionava no Estado Novo como os 10 mandamentos. São os 10 princípios pelos quais o regime e os portugueses se deviam de reger. Chamamos à atenção dos alunos para as palavras que estão em destaque a vermelho para reforçar a ideia de que era fundamental que todos conhecessem bem cada princípio. Em muitas partes deste folheto de propaganda, encontramos partes do discurso de Salazar que era tão familiar para os portugueses. Com uma linguagem mais simplificada os alunos compreenderam a utilização do decálogo como difusão das ideias do regime.

Seguidamente introduzimos alguns dados biográficos do presidente do Secretariado da Propaganda Nacional: António Ferro e partimos para a leitura de um documento do manual da página 159, 54B, tal como previsto na planificação. Solicitamos um voluntário que lesse o documento. Desta vez ninguém se voluntariou pelo que solicitamos a uma aluna que estava sentada no fundo da sala que lesse o documento. Paramos a leitura a meio do documento para o podermos interpretar e seguidamente pedimos à colega da frente que continuasse a leitura. Quando terminamos analisámos os últimos parágrafos lidos. Não existindo quaisquer dúvidas por parte dos alunos prosseguimos com a explicação do enquadramento das massas, mas neste caso aplicado ao ensino.

Com recurso ao *power point* optamos por explicar os conceitos de Mocidade Portuguesa, Legião Portuguesa com a exposição oral sempre acompanhada de imagens projetadas. Ao falarmos da educação no Estado Novo, e para complementar o slide que acompanhava a nossa exposição, passamos para a mão dos alunos dois livros da

época. Tratava-se de dois manuais de História de Portugal. À medida que abordávamos o assunto os dois livros circulavam pelos alunos de modo ordenada.

Ao abordarmos a mocidade portuguesa decidimos colocar em aula o hino que representava a mesma. Pedimos que prestassem atenção à letra da música. Assim que a música começou a tocar podia-se ouvir algumas gargalhadas no meio da sala de aula, mas quando terminou podemos ouvir de alguns alunos que a melodia era engraçada.

Ao pesquisarmos pelo hino da mocidade portuguesa deparamo-nos com um vídeo que continha a letra à medida que a música decorria. De tantas opções escolhemos esse para que os alunos pudessem acompanhar a letra ao mesmo tempo que ouviam e acreditamos que foi uma ótima escolha, uma vez que verificamos que os alunos ficaram mais atentos.¹¹

Após este acontecimento os 50 minutos iniciais de aula tinham acabado e estava na hora do intervalo. Nem todos os alunos quiseram sair da sala devido ao intervalo ser apenas de 10 minutos. Enquanto alguns conversavam, uma das alunas ficou fascinada pelos manuais antigos de história que tínhamos distribuído o que originou algumas questões. A aluna ficou surpreendida com a profundidade de informação que constava nos manuais e verificou a diferença entre o que é dado em História atualmente e o que era dado na época do Estado Novo.

Percebemos que a aluna estava motivada e interessada e à conversa juntou-se uma outra aluna, a professora cooperante e o colega Sérgio Figueiredo.

Ao terminar o intervalo os alunos regressaram à sala e alguns alunos entraram a cantar o hino da mocidade portuguesa. Em tom de brincadeira perguntámos se tinham gostado da música, ao que um dos alunos responde: a música é gira e fica no ouvido. Aproveitámos o comentário para mostrar a importância das massas na difusão do Estado Novo. Ao analisarmos a letra do hino podemos ver claramente o apelo à luta e defesa pela pátria e tantos outros ideias que estão implícitos. A ideia de cativar a atenção do público e de suscitar sentimentos patriotas estava bem presente em todos os modos de propagação e um exemplo disso é este hino que cativou tantos portugueses e que acabou por cativar os nossos alunos neste dia.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3sXr37z-snI>

Não existindo dúvidas ou questões, e de modo a prosseguir com a planificação da aula, pedimos um voluntário para ler um documento do manual que correspondia ao regulamento da Mocidade Portuguesa. O documento aborda o objetivo principal da Mocidade Portuguesa, enquanto instituição de formação de carácter e devoção à pátria, explicando como é que se agrupam os escalões que compõem a organização da mesma. Após a leitura efetuada por um aluno fizemos uma questão à turma: Perante o documento assistimos a uma articulação da Mocidade Portuguesa com os ideais do Estado Novo, que frases poderíamos retirar que comprovem esta afirmação?

Inicialmente fez-se silêncio na sala. Alguns alunos retomaram a leitura silenciosa de modo a obter a resposta, enquanto que outros afirmaram não saber a resposta. Após alguns instantes, alguns alunos souberam responder justificando-se com frases do documento, tais como:

“(...) tem como fim estimular o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do carácter e a devoção à pátria, no gosto da disciplina e no culto do dever militar (...)”

Um novo tempo da História, página 160, Documento 56.2

Interligamos ainda algumas frases presentes no documento com a Legião Portuguesa. Alguns alunos não conseguiam ver as diferenças entre a Mocidade e a Legião Portuguesa, pelo que foi necessário reforçar as características de uma instituição e de outra. Recorremo-nos frequentemente de frases presentes nos documentos do manual para justificar a nossa resposta e para que os alunos compreendessem melhor as diferenças.

Na sequência da aula passamos a outro assunto, encerrando o enquadramento das massas: O aparelho repressivo do Estado.

Como tantos outros regimes, o Estado Novo rodeou-se de um aparelho repressivo a fim de amparar a sua ação. Antes de explicarmos o significado de censura, repressão e PIDE, questionamos os alunos se sabiam o seu significado. Alguns alunos associaram a PIDE à polícia política, mas não sabiam o significado de repressão e censura.

Começamos por explicar o significado de censura com recurso a um esquema elaborado por nós.¹² O esquema retrata quem era alvo de censura, quem a fazia e quais eram os fatores a ter em conta para avaliar a aprovação ou desaprovação da informação. Todos os assuntos eram alvo do lápis azul que censurava todas as palavras ou imagens que fossem contra o Estado Novo. Para dar ênfase à explicação mostramos dois documentos censurados. Um pertence ao Jornal “Os ridículos” e outro é um relatório de um livro de José Vilhena “Branca de Neve e os 700 anões”. Os documentos estão censurados pelo lápis azul e vermelho. Lemos alguns excertos presentes nos documentos e os alunos rapidamente perceberam o porquê de terem sido censurados. Estes foram apenas alguns exemplos de censura, porém existiu a apreensão de 900 títulos na época.

Além deste controle de informação existia a polícia política (PVDE/PIDE) que se distinguiu por prender, matar ou torturar todos aqueles que se opusessem ao regime. Composta por uma rede de informadores a polícia política era poderosa na vida nacional fazendo com que se vivesse um clima de medo e terror. Para demonstrar este clima opressivo pedimos à turma que tomasse atenção a um vídeo que iríamos mostrar. Tratava-se de uma reportagem elaborada pela SIC¹³ que revelava como a PIDE e a censura era aplicada na sociedade. Após a visualização da reportagem os alunos ficaram chocados com a acção da PIDE e surgiram algumas questões em torno do assunto. Esclarecemos todas as questões que nos colocaram, porém consideramos necessária a leitura de um documento do manual para complementar a nossa explicação. O documento que escolhemos era um excerto de uma entrevista de António Ferro a Salazar onde a temática principal era a justificação do uso da censura. Pedimos a um aluno que lesse em voz alta o documento e seguidamente debatemos o conteúdo do documento. Até então os alunos não estavam a compreender como é que a censura controlava os portugueses e a sua finalidade. Adotando uma linguagem mais simplificada, indicamos que a censura servia apenas para ser doutrinária e para garantir que só aquilo que desse prestígio é que era publicado. Quanto mais controle houvesse na publicação de livros, jornais, revistas ou folhetos menos probabilidades havia de alguém se indignar contra o estado e contra as políticas praticadas por este. Quem

¹² Ver slide 10 do anexo intitulado Estado Novo e o enquadramento das massas

¹³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pUgONU-gL3I>

ousasse levantar a voz contra o Estado era punido através de torturas, prisões ou interrogatórios austeros.

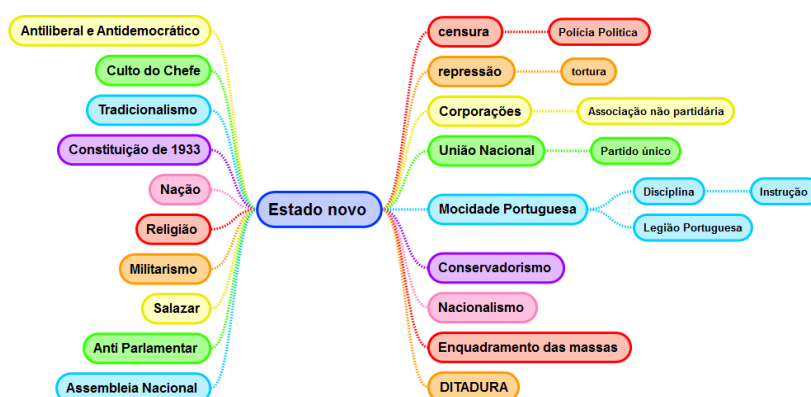
Nesta sequência de informação mostramos algumas imagens do Forte de Peniche, Forte de Caxias e do Campo do Tarrafal, enquanto explicávamos que eram nestes locais que eram presos aqueles que eram contra o regime. Chamámos à atenção da turma para uma secção do livro que é dedicada a esta temática. O dossier é intitulado de: Repressão e violência no Estado Novo. Aqui encontramos depoimentos de presos, vítimas de tortura, imagens das celas da prisão de Caxias e entrevistas de António Ferro a Salazar dedicadas apenas à repressão. Apesar da temática os alunos estavam fascinados e notava-se o interesse para saberem mais sobre o assunto, no entanto a aula estava prestes a terminar. De modo a concluirmos a aula efetuamos uma breve síntese. Contrariamente ao que já fora feito, pedimos a colaboração dos alunos na elaboração da síntese de aula.

Com o auxílio de uma aplicação presente no nosso computador – *Simple Mind* solicitamos aos alunos palavras chave para a construção de um mapa mental.

Sendo o conceito chave o Estado Novo pedimos aos alunos que associassem palavras chave aquilo que tinham aprendido durante a aula. Pelo tempo ser escasso e por não existir material para todos à medida que os alunos se lembravam das palavras chave nós íamos escrevendo na aplicação e construindo o mapa mental.

Ao fim de 10 minutos o mapa mental estava construído. Da nossa parte, apenas tínhamos de o enviar para os alunos assim que a aula terminasse. O resultado está na imagem que se segue.

Figura 15 Esquema elaborado com a aplicação Simple Mind. Feito em conjunto com os alunos da turma



Após a conclusão da tarefa referimos aos alunos que podem fazer estes mapas mentais para estudarem para os testes/exames. Além de ser funcional permite-lhes esquematizar e reter toda a informação importante originando uma aprendizagem eficaz. Os alunos ficaram fascinados com o resultado e afirmaram que estas sugestões facilitam muito o estudo. O interesse foi de tal forma que os alunos não deram conta que a aula já tinha acabado. Encerramos a aula e informamos que no próximo dia iríamos rever alguns aspetos importantes, tendo por base o diagrama realizado.

Ano: 12º Ano Turma: Tempo: 50 + 50 minutos Lição n.º: __ Data: 30/11/2017 Mestranda: Daniela Guinapo Professor cooperante: Noémia Braz		Tema: Portugal: O Estado Novo Unidade: As transformações das primeiras décadas do século XX Sumário: O Estado Novo: O enquadramento das massas. O Aparelho repressivo do Estado.					
Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
As transformações das primeiras décadas do século XX – Portugal: O Estado Novo	O enquadramento das massas no Estado Novo O aparelho repressivo do Estado Novo	Explicar a importância das massas na difusão dos ideais do Estado Novo Conhecer o impacto da repressão durante o Estado Novo	Autoritarismo Nacionalismo PIDE SPN Mocidade Portuguesa Legião Portuguesa Censura	Sumário Revisão dos conceitos aprendidos nas aulas anteriores Introdução ao enquadramento das massas Leitura e análise do documento 54B Enquadramento das massas – no ensino As organizações milicianas Leitura e análise do Regulamento da mocidade portuguesa	5min 15min 5min 5min 5min 15min	Registo de observação de aula Participação oral dos alunos	Projetor Manual Computador e power point SimpleMind

8ª Aula Lecionada: 5 de dezembro de 2017

Duração: 100 minutos

Sumário: Revisão dos conteúdos lecionados anteriormente. O projeto cultural do regime – A exposição do Mundo Português.

A nossa última aula foi lecionada no dia 5 de dezembro de 2017 e esta tornou-se uma aula de carácter mais especial devido à presença do Professor Dr. Miguel Monteiro, dos colegas de mestrado, Ana Catarina Filipe e Marcelo Nunes, e ainda de duas antigas colegas de mestrado, Liliana Carvalho e Susana Marques. Os conteúdos lecionados estavam relacionados com a aula anterior, o Estado Novo, porém destinamos esta aula para abordar o Projeto Cultural do Regime.

Tal como em todas as aulas projetamos o sumário na tela. Contudo, decidimos aplicar um novo método com o objetivo de motivar os alunos e também para percebermos se a aprendizagem estava a ser realizada. Distribuímos para cada aluno um roteiro de aula¹⁴. No roteiro constavam algumas perguntas, às quais os alunos deveriam responder ao longo do tempo da aula. O nosso objetivo era fazer com que os alunos estivessem atentos, uma vez que deveriam de saber responder às questões; em segundo lugar motivá-los e por fim perceber como é que estava o nível de aprendizagem destes conteúdos.

Questionámos se existiam dúvidas sobre a tarefa a desempenhar, mas como ficou claro demos início à exposição de conteúdos. Tal como prometido na aula anterior, voltamos a apresentar o diagrama realizado em conjunto com os alunos e em conjunto organizamos o pensamento sobre alguns conceitos e princípios do Estado Novo.

Contrariamente às aulas anteriores os alunos não estavam a participar. A cada questão que colocávamos não obtínhamos resposta. Apesar de estarmos surpresos com a atitude dos alunos associamos o seu comportamento ao facto de estar muitas pessoas em sala a observar o que acontecia durante a aula. Tranquilizámos a turma quanto à

¹⁴ Roteiro de Aula disponível em anexo na aula 5 dezembro 2017. Inclui respostas dos alunos

presença dos restantes professores e prosseguimos com a aula após “quebrarmos o gelo” com os alunos.

Logo após o sucedido as questões começaram a surgir. Enquanto revíamos alguns conceitos da aula anterior um dos alunos questionou o significado de “Estado Mecenaz”. Em vez de facultarmos de imediato a resposta, contrapomos com uma pergunta: O que é um mecenaz? Durante alguns segundos fez-se silêncio. Deixámos os alunos pensarem sobre o assunto até que uma aluna respondeu que achava que era alguém que tratava da arte. Apesar de não estar incorreto completamos com a afirmação de que um mecenaz é aquele que é protetor das letras, que patrocina um artista, instituição ou que promove um evento cultural. Seguidamente pedimos à turma que interligasse a palavra mecenaz ao estado, e logo aí os alunos obtiveram a resposta à sua questão inicial.

Não existindo dúvidas quanto ao significado do Estado Mecenaz introduzimos uma exposição mais aprofundada sobre o construtor da identidade do Estado Novo: António Ferro. Apesar de já o termos mencionado na aula anterior quando falámos do SPN, demos uma maior relevância a esta personalidade fazendo alusão às suas funções.

Assim, pedimos que lessem uma frase do secretário do SPN que estava projetada:

“As paradas, as festas, os emblemas e os ritos são necessários, indispensáveis, para que as ideias não caiam no vazio, não caiam no tédio”.

Após a leitura em voz alta por parte de um aluno pedimos à turma que relacionasse esta afirmação com o enquadramento das massas que tinha sido lecionado na aula anterior. Demos alguns instantes de reflexão para os alunos, no entanto os alunos não conseguiram interligar a frase ao enquadramento das massas nem ao projeto cultural do regime. Procedemos à explicação começando por afirmar que o Estado Novo desenvolveu uma ação controladora na definição da política de um país através das diversas formas de arte, fossem elas artísticas ou literárias. Sendo António Ferro um homem das letras e do SPN concebeu um projeto cultural, totalizante com o objetivo de promover os ideais do regime. Tendo em conta o público-alvo, os portugueses, eram necessárias as paradas, as festas, os emblemas e o enaltecimento da nação para afirmar

a vocação civilizadora dos portugueses e fazê-los mergulhar nos ideais salazaristas. Para complementar esta ideia pedimos um voluntário para ler um documento do manual sobre a Política de Espírito do Estado Novo. A Política de Espírito pretendia elevar o nível cultural de Portugal utilizando para isso o gosto popular, o amor à nação, o engrandecimento dos feitos históricos e grandeza do império conquistado, enquanto enraizava nos cidadãos os valores culturais do Estado Novo.

Antes de terminarmos a primeira parte da aula demos alguns instantes para os alunos iniciarem a tarefa da realização do guião. Após a realização das questões relacionadas com a matéria até então exposta, decidimos introduzir o que seria a segunda parte da aula: A 1ª Exposição Colonial Portuguesa e a Exposição do Mundo Português.¹⁵

Após regressarem do intervalo (10 minutos depois da hora que era suposta), corrigimos um lapso cometido por nós no início da aula. No início não apresentamos aos alunos os professores que estavam a assistir a aula. Durante o intervalo dos alunos o professor Miguel Monteiro alertou-nos para este facto e por isso consideramos o começo da segunda parte da aula o momento oportuno para corrigir esta questão.

Feitas as devidas apresentações iniciamos a explicação sobre a 1ª Exposição Colonial do Mundo Português. As questões coloniais são uma temática sensível para a maioria dos alunos da turma devido aos seus antepassados, como tal tivemos de ter alguma atenção ao expor os conteúdos para que não fossem mal interpretados.

A exposição colonial portuguesa, realizada em 1934 era inaugurada no Porto tinha como objetivo apresentar as realizações portuguesas nas colónias. Seguindo o exemplo das exposições de Marselha, Paris e Antuérpia, a exposição portuguesa pretendia mostrar aos portugueses e ao mundo que não era um país pequeno. No recinto da exposição assistia-se à reprodução das diversas aldeias indígenas, compostas de animais exóticos, gastronomia típica e réplicas de monumentos.

No entanto, uma das alunas encarou esta situação como uma visita ao jardim zoológico, mas com pessoas das colónias. Além das gargalhadas geradas pelos alunos e algum barulho de conversas cruzadas, tivemos de nos impor para que pudéssemos explicar o que era na verdade a exposição. Explicamos que não se tratava de uma visita

¹⁵ De modo a complementar a nossa descrição aconselhamos o leitor a verificar o anexo correspondente a aula 5Dezembro2017 intitulado “O projeto Cultural do Regime”. O power point é rico em imagens da 1ª Exposição Colonial do Mundo Português, bem como da Exposição do Mundo Português.

ao jardim zoológico, mas sim de uma reprodução e exposição da vida quotidiana dos colonos a fim de dar a conhecer aos portugueses o que se passava nas colónias sem qualquer intenção de rebaixar a condição do colono. Nesta situação a professora cooperante, Noémia Braz, interveio e reforçou a nossa explicação.

Sem mais intentos pejorativos apresentámos alguns cartazes e fotografias da época alusivas à exposição. Todos os preconceitos que os alunos tinham criado nas suas mentes quanto à exposição terminaram ao verificarem que aquela era meramente uma exposição era meramente cultural.

Seguidamente e com os ânimos mais calmos introduzimos a Exposição do Mundo Português. A exposição foi realizada em Lisboa no ano de 1940 num período de consolidação do Estado Novo. Contando com inúmeros participantes, organizadores e artistas, a exposição adquiriu uma grande dimensão ocupando cerca de 560 mil metros quadrados.

Apesar dos inúmeros detalhes da exposição que poderíamos ter descrito aos alunos considerámos mais motivador revelar um roteiro da época que era distribuído aos visitantes. Demos mais ênfase aos pavilhões mais importantes e com mais visitas. Durante a análise do roteiro os alunos mostravam-se interessados, fazendo várias questões e podia-se ouvir entre a turma comentários como: que engraçado! Que giro!

Para consolidarmos a importância desta exposição no mundo português finalizamos com a leitura de um documento do manual que mostrava o impacto deste evento na nação. A exposição realçava os grandes feitos históricos. Num tempo em que a Segunda Guerra Mundial assolava a Europa, Portugal mostrava-se um país seguro, estável, rico, sem problemas e alheio às situações exteriores.

Mesmo ainda fascinados com a exposição os alunos finalizaram as questões do roteiro pelo que decidimos avançar com uma última tarefa, visto ainda faltar algum tempo para terminar a aula.

Sendo uma exposição de grandes dimensões e rica em conteúdo perguntámos à turma se vivessem naquela época qual seria o primeiro pavilhão que visitariam.

Pedimos que escrevessem numa folha de papel para nos entregarem no fim da aula juntamente com o roteiro. Era notório o entusiasmo dos alunos. Rapidamente tiraram uma folha do caderno e começaram a escrever. Alguns pediram para ver novamente o

roteiro da exposição, levantaram-se para ver mais perto os pormenores de alguns pavilhões para poderem responder à questão.

Após termos realizado a síntese de alguns conceitos importantes e dos alunos terem realizado a tarefa proposta, ainda colocaram algumas questões finais. Mais uma vez a aula não terminou às horas supostas porque os alunos quiseram saber mais informações e detalhes da exposição do mundo português. Lamentavelmente não podemos prosseguir com mais detalhe dado já ter passado 10 minutos do fim da aula, contudo dissemos aos alunos que iríamos verificar a possibilidade de realizar uma visita de estudo ao local onde a exposição foi realizada, dando assim por terminada a nossa última aula deste percurso.

Ano: 12º Ano Turma: Tempo: 50 + 50 minutos Lição n.º: __ Data: 05/12/2017 Mestranda: Daniela Guinapo Professor cooperante: Noémia Braz		Tema: Portugal: O Estado Novo Unidade: O agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30 Sumário: Revisão dos conteúdos lecionados anteriormente. O projeto cultural do regime – A exposição do Mundo Português.					
Conteúdos	Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
As transformações das primeiras décadas do século XX – Portugal: O Estado Novo	O enquadramento das massas no Estado Novo O projeto cultural do Regime	Explicar a importância das massas na divulgação das ideologias do Estado Novo Clarificar o projeto cultural do Regime	SPN Política do Espírito Exposição Colonial Portuguesa Exposição do Mundo Português	Sumário Revisão dos conteúdos da aula anterior. Introdução à nova temática: o projeto cultural do Regime; O construtor da identidade: António Ferro; Explicação do conceito “Política do Espírito” Leitura e análise do documento 64 pág. 172 Introdução à Exposição Colonial Portuguesa (1934)	5min 20min 5min 5min 15min	Registo de observação de aula Participação oral dos alunos	Projetor Manual Computador e power point

				<p>Leitura e análise de folhetos da época</p> <p>Introdução ao conteúdo: Exposição do Mundo Português</p> <p>Análise de mapa e percurso da exposição</p> <p>Leitura e análise do documento 65 da manual página 173</p> <p>Revisão dos conteúdos lecionados. Esclarecimento de dúvidas</p> <p>Edição do site “Regime Salazarista – Programa Cultural”</p>	<p>10min</p> <p>10min</p> <p>15 min</p> <p>15min</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

Reflexões finais sobre as aulas lecionadas

“Não há ação complexa sem reflexão durante o processo; (...) refletir durante a ação consiste em se perguntar o que está acontecendo ou o que vai acontecer, o que podemos fazer, o que devemos fazer, qual é a melhor tática, que desvios e precauções temos de tomar, que riscos corremos” Philippe Perrenoud

Refletir é uma forma de encarar e responder aos problemas, mas é também um processo que conjuga fatores racionais, lógicos e emocionais. No fundo não existe nenhum conjunto de regras ou técnicas que sejam transmitidas aos professores para saberem refletir sobre as suas aulas.

A reflexão deverá ser efetuada ao longo de todo o percurso docente, quer exista sucesso ou insucesso, pois é através dela que o professor questiona a sua prática agindo posteriormente conforme a sua reflexão, ou seja, é uma reflexão que gera ação.

Durante a nossa prática letiva tivemos dois períodos de reflexão que foram fundamentais para o desenvolvimento do nosso trabalho.

O primeiro momento ocorria após o término das aulas. Logo após terminar uma aula dirigíamo-nos para a biblioteca com a professora cooperante e lá abordávamos os pontos fortes e fracos da nossa prática letiva. Durante este período de reflexão a professora Noémia Braz questionava a nossa opinião sobre a aula, que dificuldades tivemos e que aspetos deveriam ter sido abordados com mais ênfase. Após ditarmos a nossa opinião a professora cooperante referia o seu ponto de vista tendo em conta a nossa planificação, o decorrer da aula e a participação dos alunos. Em várias reuniões pós-aula obtivemos sugestões de como promover a participação dos alunos nas questões da aula. Também fomos alertados para a importância da realização de exercícios escritos com interpretação de documentos por ser uma lacuna da turma.

O segundo momento de reflexão acontecia todas as vezes que tínhamos de preparar a aula seguinte. Antes de partirmos para a preparação da planificação sondávamos o que tinha corrido bem e mal na aula anterior, que aspetos poderíamos melhorar tendo em conta a nossa perceção e a da professora cooperante.

É facto que nem sempre a o curso da aula coincidia com o que havíamos planificado. Porém entre imprevistos e dificuldades na gestão do tempo de aula, conseguimos encontrar soluções que considerámos positivas e que procuraram resolver os problemas com que nos confrontámos.

O nosso maior desafio foi lidar com os imprevistos que surgiam e despertar o interesse dos alunos para os conteúdos de história.

A cada aula tentámos planificar com o maior detalhe o que queríamos que acontecesse, do mesmo modo que tentávamos ser rigorosos no tempo que despendíamos em cada assunto. Porém existiam sempre imprevistos. Por diversas vezes vimo-nos obrigados a mudar de sala por questões técnicas ou por haver alterações nos horários das requisições das salas por parte dos restantes professores. Noutras situações os alunos chegavam muito atrasados a aula o que nos obrigava a recapitular por diversas vezes os mesmos assuntos para que todos pudessem acompanhar. Por inúmeras vezes os alunos foram alertados pela professora cooperante e por nós para evitarem os atrasos pois isso prejudicava-os e prejudicava a aula.

No que respeita aos imprevistos técnicos e às alterações das salas tentámos sempre manter a calma e recorrer a exercícios que estavam previamente preparados para este tipo de situações. Quanto aos alunos que chegavam atrasados, o problema não foi resolvido pelo que adotamos o sistema de continuar a aula normalmente, e sempre que houvesse oportunidade recapitulávamos o que já tinha sido dado.

Todas as aulas tiveram um carácter especial, no entanto as que nos marcaram mais foi a aula em que realizamos a atividade em que os alunos identificavam as vanguardas artísticas e a nossa última aula sobre a Exposição do Mundo Português. Estas duas aulas correram como esperávamos e superou as nossas expectativas. Contudo, tanto numa como noutra situação comprovámos que os alunos se sentem sempre mais atentos, motivados e interessados todas as vezes que realizam uma tarefa dinâmica.

É claro que dar aulas de História não se podem resumir a uma parte meramente prática. É necessário existir uma componente narrativa, expositiva e uma contextualização dos acontecimentos. Quando bem executada, estes três vetores contribuem para despertar o interesse dos alunos e iniciar a motivação neles. Porém, e dada a nossa experiência letiva, verificamos que o auge da motivação ocorre em cada tarefa produzida a meio ou no fim da aula. Recordamos que a motivação é composta por diversos fatores

externos e internos que acarretam inúmeros desafios para o professor e para a comunidade escolar. Alunos motivados têm interesse, enfrentam desafios e predispõem-se a concretizar uma aprendizagem significativa, enquanto que alunos menos motivados tornam-se passivos e desistem facilmente do percurso escolar. O alvo do nosso estudo e prática prendeu-se com o último ponto: a passividade e a desistência do percurso escolar.

Tendo consciência de que a motivação é oscilante comprovámos que os alunos não se sentiram motivados em todas as aulas, no entanto à medida que o tempo passava procurámos encontrar soluções que tornassem a aula seguinte mais motivadora ao mesmo tempo que descortinávamos o motivo para o qual os alunos se sentiam desmotivados na realização da atividade. Verificámos em muitos casos que a desmotivação se encontra na expectativa, na perceção de capacidade e de autoeficácia que os alunos tinham de si próprios e do futuro. Podemos comprovar isso com um exemplo específico: as atividades de interpretação de documentos. A abordagem cognitivista da motivação (Bzuneck, s.d) (Lemos, 2005) (Stirling, 2014) diz-nos que a expectativa gera resultados negativos ou positivos mediante um conjunto de crenças que o individuo tenha a seu respeito. Um aluno que não acredite na sua capacidade de interpretar documento pode sentir-se desmotivado todas as vezes que tenha de realizar uma tarefa que envolva este componente. Cabe ao docente criar e depositar uma expectativa positiva nos alunos, clarificando os objetivos da tarefa, ajudando-os a ultrapassar as suas dificuldades levando os alunos a experimentar o sucesso e a orientá-los para o futuro mostrando a utilidade daquilo que estão a aprender. No caso em cima descrito, procurámos sempre ter em conta estes e outros aspetos motivacionais para superar as dificuldades dos nossos alunos. Quanto aos resultados não podemos afirmar que este constrangimento foi ultrapassado totalmente devido ao curto espaço de tempo que lecionámos à turma, mas verificámos uma melhoria nas intervenções das últimas aulas dadas todas as vezes que solicitávamos que lessem e interpretassem um documento.

No que concerne à relação pedagógica importa afirmar que tivemos um excelente feedback dos alunos. Como referimos anteriormente, a turma não era totalmente desconhecida para nós uma vez que acompanhámos os alunos numa visita de estudo no ano letivo anterior. Já tínhamos conhecimento de algumas lacunas da turma e trabalhámos nesse sentido para que as mesmas fossem ultrapassadas. Aula após aula

fomos verificando a evolução dos alunos e ficámos surpresos com as suas participações em aula. As intervenções tornam-se mais frequentes e interessantes, voluntariavam-se mais nas leituras propostas e na realização das tarefas mostravam-se mais interessados.

Contudo, apesar da progressão notória da turma ficámos a saber que apenas três alunos terminaram a disciplina de História com sucesso ao passarem no exame nacional. esta é uma conquista pois no ano letivo anterior nenhum aluno tinha tido sucesso na realização do exame. Apesar de sabermos que a turma tinha capacidade para obter melhores resultados, foi com satisfação que recebemos esta notícia por termos feito parte, ainda que por um curto espaço de tempo, deste processo de aprendizagem.

Considerações Finais

“A educação visa melhorar a natureza do homem, o que nem sempre é aceite pelo interessado” Carlos Drummond de Andrade

Ser professor é uma profissão única. Ela exige desafios diários, constante capacidade de adaptação aos mais diferentes ambientes, criatividade, paciência e paixão por ensinar e aprender. Mas além destes aspetos, a educação torna-se impactante na vida do outro, no sentido em que é através da escola e dos professores que vão surgindo os profissionais do futuro.

Nem sempre é fácil transparecer esta questão nem fazer com que os alunos compreendam a importância da escola nas suas vidas. É por isso que Carlos Drummond de Andrade refere que a educação pretende melhorar a natureza do homem mesmo que este não a aceite ou não a compreenda. É no seguimento deste pensamento que a temática deste relatório surgiu e que apresentamos nesta parte final as nossas conclusões.

Encontramo-nos no culminar de dois anos de trabalho realizado, porém este trabalho não reflete a totalidade das aprendizagens concretizadas, uma vez que foi orientado para pontos-chave da nossa prática letiva incidindo sobre o segundo ano de mestrado. Tal como mencionado ao longo dos capítulos anteriores, foi importante seguir uma sequência lógica para dar a entender ao leitor o contexto em que estávamos inseridos e o porquê da importância da motivação no ensino. Apesar de defendermos que a motivação deverá ser aplicada em qualquer contexto social, económico e cultural, queremos ressaltar que a aplicabilidade da motivação poderá variar mediante o contexto onde estamos. No caso, e devido ao contexto cultural, foi necessário adequar a motivação ao meio envolvente o que exigiu de nós adaptar o modo como lecionávamos as aulas ou até mesmo o discurso utilizado.

Cientes da relação entre a prática e a teoria destinamos o primeiro capítulo à reflexão em torno da motivação, das teorias educativas e da relação com a nossa disciplina. Apesar da temática ser rica em conceções, foi necessário explorar apenas aquelas que se adequavam mais ao nosso contexto escolar e que davam resposta aos desafios que

tínhamos perante nós. Referimos também que em parte uma das unidades curriculares (Processo Educativo Desenvolvimento e aprendizagem) lecionadas pelo professor Dr. Feliciano Veiga no Instituto de Educação durante o segundo semestre do primeiro ano, teve um grande impacto para a concretização desta parte inicial por ter um carácter mais teórico sobre a psicologia motivacional.

Por nem sempre ser fácil de aplicar a teoria à prática, a professora cooperante Noémia Braz com a sua vasta experiência encaminhou-nos neste percurso. Esta foi uma das nossas dificuldades: aliar teorias académicas à prática letiva adequando-as ao contexto social e cultural dos alunos. Numa fase inicial a professora Noémia Braz alertava-nos para a importância de expor a matéria com uma linguagem mais simplificada do que o habitual, ou quando utilizássemos uma linguagem mais formal que explicássemos o significado das palavras adequando-as sempre que necessário. Confessamos que nem sempre foi fácil. Porém, limamos esta aresta e com a continuação da prática letiva tornou-se mais fácil adequar o nosso discurso. Em certa parte, esta falha foi fundamental para nos aproximarmos mais dos alunos, com o objetivo de percebermos que tipo de linguagem deveríamos de utilizar em aula. É por isso que a cada preparação e planificação de aula interrogávamo-nos: Como tornar este assunto mais interessante e como despertar o interesse dos alunos? Que género de atividade poderão fazer de modo a que se sintam motivados para as aulas seguintes? Que conceitos complexos poderão surgir e como simplificá-los sem que percam o seu significado?

Com base nestas questões, planificamos as aulas tendo em mente que a interação era a chave principal para cativarmos a atenção dos alunos e de os motivarmos. Partimos deste pressuposto pois quando observamos as aulas lecionadas pela professora cooperante era notório que os alunos gostavam de intervir sobre os mais diversos assuntos. Mas como chegar até à motivação e aplicá-la nas nossas aulas? A utilização de diferentes estratégias ou de recursos em sala de aula podem promover uma boa aula, mas ainda assim não motivar os alunos. Motivar a turma requer conhecer os seus interesses, as suas ambições futuras e perceber quais são os motivos pelos quais não se encontram motivados para a aprendizagem. Da nossa experiência, procurámos em primeiro lugar conhecer os alunos e conhecer as suas expectativas em relação ao futuro e à disciplina. Seguidamente, elaboramos algumas tarefas práticas que tiveram duas funções: avaliar de modo formativo o seu desempenho, procurando perceber se

estavam ou não a acompanhar a matéria, e ultrapassar as dificuldades encontradas aplicando as teorias motivacionais anteriormente descritas e estudadas. Em terceiro lugar o nosso objetivo prendia-se também com a eficácia da aprendizagem dos conteúdos e dos conceitos. Mais do que ensinar e prepará-los para a realização de um exame nacional, procurámos encontrar estratégias de expor os conceitos de uma forma mais prática e sintética, sempre que nos fosse possível. Por isso criámos diversos esquemas síntese e mapas mentais pois percebemos que eram um auxílio para o estudo.

Entendemos também que a escola desempenha um papel fundamental para a motivação dos alunos e que o professor é um modelo que pode influenciar para o bem e para o mal o futuro dos mesmos. A comunidade escolar tem bem presente esta questão e é por isso que as atividades propostas pela escola, a postura adotada por todo o corpo docente e funcionários é tão impactante e faz a diferença. É um facto que o absentismo tem vindo a crescer de ano para ano, no entanto quem frequenta a Escola da Baixa da Banheira percebe que estão a ser feitos todos os esforços para motivar e investir na vida dos alunos.

Poderíamos destacar inúmeros episódios presenciados por nós desta demonstração de afeto, carinho, preocupação e exigência. Quanto a nós, assumimos um papel de professores, mas também de alunos. A experiência nesta escola permitiu-nos alargar as nossas aprendizagens a nível profissional e pessoal. Entendemos na prática que existem diversas visões sobre a escola. Tal como mencionado em cima, nem todos compreendem a importância da escola, por isso há quem a considere uma obrigação, enquanto que outros veem na escola uma possibilidade de ter um futuro mais sorridente e por isso envolvem-se nas atividades que a escola promove e esforçam-se para obter bons resultados.

Podemos afirmar que este percurso académico permitiu-nos sair da nossa zona de conforto e pensar “fora da caixa”. Ingressamos neste mestrado pelo interesse e gosto pela educação, mas também fomos compreendendo ao longo deste caminho que queremos fazer parte do grupo de professores que pretendem fazer a diferença na vida dos seus alunos.

Bibliografia / Obras Citadas

- Amoreira, U. d. (2014). *História - Baixa da Banheira - A Origem do nome*. Obtido em 4 de Abril de 2018, de União de Freguesias de Baixa da Banheira e Vale da Amoreira: <http://www.ufbbva.pt/modules/tinycontent/index.php?id=5>
- Banheira, E. S. (2017). *ESBB- Projeto Educativo 2017/2020*. Obtido de ESBB : http://www.esbb.pt/web/wp-content/uploads/2018/01/PROJETO_EDUCATIVO_2017_2020_CGeral_29nov17.pdf
- Belém, M. C. (Junho de 2017). A exposição do Mundo Português e a propaganda do Estado Novo. *REVISTA VISÃO HISTÓRIA*.
- Bzuneck, J. A. (s.d). As crenças de auto-eficácia e o seu papel na motivação do aluno. Em E. B. (Org.), *A Motivação do Aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea*. (pp. 116-133). Editora Vozes. Obtido de <https://www.uky.edu/~eushe2/Pajares/Bzuneck2.pdf>
- Carmo, A., & Freitas, M. (Junho de 2017). O Vale da Amoreira enquanto espaço socialmente criativo, ou a suburbana arte. *Cidades, Comunidades e Territórios*, pp. 71-82. Obtido em 04 de Abril de 2018, de <http://revistas.rcaap.pt/cct/>
- Couto, C. P., & Rosas, M. (s.d.). *Um novo tempo da História, parte I*. Porto Editora .
- Educação, M. d. (2001/2002). *Programa de História A - 10º, 11º e 12º anos*. (M. d. Educação, Ed.) Obtido em 2018, de Programa de História A, CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS FORMAÇÃO ESPECÍFICA: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia_a_10_11_12.pdf
- Ferraz, A. P., & Belhot, R. V. (2010). Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. *17(2)*. (G. & Produção, Ed.) São Carlos, SP Brasil . Obtido de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-530X2010000200015&script=sci_abstract&tlng=pt
- Fortes, A., Gomes, F. F., & Fortes, J. (2015). *Linhas da História - Parte I*. Areal.

- Fosnot, C. T. (1996). *Construtivismo e educação - Teoria, perspectivas e prática*. Instituto Piaget .
- H.Veiga, F. (s.d). *Motivação em Contexto Escolar*. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa - IEUL.
- L.Bigge, M. (1977). *Teorias da Aprendizagem para professores*. São Paulo: E.P.U. Editora Pedagógica e Universitária LTDA. .
- Leal, J. A. (2007). *EXPECTATIVAS E SUCESSO ESCOLAR Contributo para a desmitificação da Matemática*. Dissertação de Mestrado , Universidade Portucalense – Infante D. Henrique, Porto .
- Leão, D. M. (Julho de 1999). Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista. *Cadernos de Pesquisa*, pp. 187-206. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08>
- Lemos, M. S. (2005). *Motivação e aprendizagem*. Em G. L. Bahia, *Psicologia da Educação - Temas de Desenvolvimento, aprendizagem e ensino* (pp. 193-219). Relógio d'água.
- Lisboa, H. M. (2014). *Exposição Colonial Portuguesa*. Obtido de <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/exposicaocolonial/exposicaocolonial.htm>
- Lourenço, O. (2005). *Piaget e Vygotsky: Muitas semelhanças, uma diferença crucial*. Em G. L. Bahia, *Psicologia da Educação: Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino* (pp. 53-71). Relógio d'água editores .
- Marques, S. (2017). *O Desenvolvimento de Competências numa turma de 11º ano de História A do Ensino Secundário*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada , Universidade de Lisboa . Obtido de http://repositorio.ul.pt/jspui/bitstream/10451/32456/1/ulfpie052249_tm.pdf
- Martins, L. A. (Junho de 2017). *A exposição do Mundo Português - A propaganda do Estado Novo*. (R. V. HISTÓRIA, Ed.) *Revista Visão História*.
- Moita, M. d. (2015). *Município Moita* . Obtido de <https://www.cm-moita.pt/pages/1>
- Monteiro, M. (s.d.). *A ilha pedagógica*. Plátano Editora.

- Monteiro, M. C. (2003). *O ensino da história numa escola em transformação*. Plátano.
- Morais, P. (Realizador). (2016). *Contexto: A grande depressão nos Estados Unidos-1929* [Filme]. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=CRIKObwwObU>
- Neto, M. G. (2014). Obtido de Teorias de Aprendizagem e ensino: suas implicações para o ensino da História: ojs.fe.unicamp.br/index.php/FEH/article/download/6370/5270
- Norman, A., & Sprinthall, C. R. (1990). *Psicologia Educacional - Uma abordagem Desenvolvimentista*. McGraw-Hill.
- Pelizzari, A. (Julho de 2001). *Teoria da Aprendizagem significativa segundo Ausubel*, 2(N1), pp. 3-42. Obtido de <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>
- Perrenoud, P. (2000). *Novas competências para ensinar*. Artmed.
- Proença, M. C. (1992). História, educação e didática da História. Em M. C. Proença, *Didática da História - Textos Complementares* (pp. 89 - 122). Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, C. (Junho de 2017). A exposição do Mundo Português. *Revista Visão História*.
- Roque, W. C. (2012). Obtido em 17 de Junho de 2018, de <http://alunosdeletrasuerj.blogspot.com/>
- Rossa, A. A. (2012). O sistema de Recompensa do cérebro humano. *revista textual*, 4-11. Obtido de https://issuu.com/sinprors/docs/sinpro_revista_textual_web
- RTP (Realizador). (2014). *O livro do desassossego, de Fernando Pessoa* [Filme]. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=jfUEJo10nrM>
- Sande, D. (Produtor). (s.d.). *Hino da Mocidade Portuguesa* [Filme]. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=3sXr37z-snI>
- SIC (Realizador). (2015). *A censura e o Veneno* [Filme]. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=pUgONU-gL3I>
- Stirling, D. (31 de May de 2014). Motivation in Education. (L. D. Institute, Ed.)

- Ulrich Boser, M. W. (6 de October de 2014). The Power of the Pygmalion Effect Teachers Expectations Strongly Predict College Completion. (C. o. Progress, Ed.) pp. 1-7.
- Veiga, F., Caldeira, S. N., & Melo, M. (2013). Gestão da Sala de Aula: Perspetiva Psicoeducacional. Em F. Veiga, *Psicologia da Educação - Teoria, Investigação e aplicação. Envolvimento dos alunos na escola* (pp. 543-575). Lisboa : CLIMEPSI.
- Veiga, J. A. (2004). Aspectos motivacionais dos alunos e do ambiente da aula: Variáveis do contexto escolar. *Comunicação apresentada nas II Jornadas de Psicologia do Instituto Piaget*, (pp. 535-544). Almada, Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares.
- Verissimo, L. (2013). Motivar os alunos, motivar os professores:faces de uma mesma moeda . Em J. M. Joaquim Machado, *Melhorar a Escola - Sucesso escolar, disciplina, motivação* (pp. 73-90). Porto : Faculdade de Educação e Psicologia, CEDH, SAME, Universidade Católica Portuguesa .